Agatha Christie

A CASA DO PENHASCO



L&PM POCKET

Agatha Christie

A Casa do Penhasco

Tradução de Otavio Albuquerque

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

Para Eden Philpotts,
a quem serei sempre grata
por toda a amizade e apoio
que recebi muitos anos atrás.

Capítulo 1

O Hotel Majestic

Para mim, não existe nenhuma cidade litorânea no sul da Inglaterra mais bonita do que St. Loo. Com o merecido título de Rainha das Balneárias, ela lembra muito a Riviera. A meu ver, a costa da Cornualha é tão fascinante quanto o sul da França.

Comentei isso com meu amigo, Hercule Poirot.

– Mas isso era o que estava escrito nos nossos cardápios do vagão-restaurante ontem, *mon ami*. Seus comentários não são originais.

– Mas você não concorda?

Ele riu para si mesmo e não respondeu minha pergunta. Eu a repeti.

– Mil perdões, Hastings. Estava pensando em outra coisa. Aliás, pensando nessa parte do mundo que você acabou de mencionar.

– No sul da França?

– Sim. Estava me lembrando do último inverno que passei lá e de tudo o que aconteceu.

Eu me lembrava. Houve um assassinato no Trem Azul, um mistério – bastante confuso e complicado – que Poirot resolveu com sua infalível perspicácia de sempre.

– Como eu queria estar lá com você – disse com grande pesar.

– Eu também – disse Poirot. – Sua experiência teria sido inestimável.

Lancei um olhar de lado para ele. Por força do hábito, sempre desconfio de seus elogios, mas ele parecia sincero. E, afinal, por que não seria? Tenho uma vasta experiência com os métodos que utiliza.

– O que mais me fez falta foi sua imaginação fértil, Hastings – continuou ele, pensativo. – Todos precisam ter um pouco de bom humor. Meu criado, Georges, é um homem admirável com quem eu às vezes me permitia discutir algumas coisas, mas ele não tem o mínimo de imaginação.

Esse comentário me pareceu deveras irrelevante.

– Diga-me, Poirot – indaguei. – Você nunca se vê tentado a voltar ao trabalho? Essa sua vida tranquila...

– Agrada-me muito, meu amigo. O que poderia ser melhor do que ficar à toa? Quer gesto mais grandioso do que descer do pedestal no auge da fama? Todos vão dizer: *"Aquele é Hercule Poirot! O grandioso, o único! Nunca existiu ninguém como ele e nunca existirá!". Eh bien!* Já me dou por satisfeito. Não preciso de mais nada. Sou um homem modesto.

Eu mesmo não usaria a palavra "modesto". A vaidade do meu caro amigo não parecia ter diminuído em nada ao longo dos anos. Ele se inclinou para trás na cadeira, acariciando seu bigode e quase ronronando de tanta autossatisfação.

Estávamos sentados em um dos terraços do Hotel Majestic, que é o maior de St. Loo, situado em terreno próprio em um cabo com vista para o mar. Os jardins do hotel se estendiam abaixo de nós, com algumas palmeiras aqui e ali. O mar era de um azul lindo e profundo, o céu estava claro, e o sol brilhava com todo o sincero fervor que um sol de agosto deveria ter (embora muitas vezes se recusasse a isso na Inglaterra). Um zumbido forte de abelhas podia ser ouvido, um som até agradável – e, na verdade, nada poderia ser mais ideal.

Nós tínhamos chegado na noite anterior, e aquela era a primeira manhã do que seria uma semana inteira de folga, conforme proposto. Se o tempo continuasse como estava, nossas férias tinham tudo para serem perfeitas.

Peguei o jornal que tinha caído da minha mão e voltei a ler as notícias matinais. A situação política parecia insatisfatória, porém desinteressante, relatos de problemas na China, uma longa matéria sobre uma suposta fraude municipal, mas, no geral, não havia nada sobre qualquer assunto muito empolgante.

– Mas que curiosa essa tal doença do papagaio – comentei, enquanto virava uma página.

– Sim, muito curiosa.

– Mais duas mortes em Leeds, acabei de ler.

– Lastimável.

Virei mais uma página.

– E nada ainda sobre aquele piloto, Seton, que estava tentando dar a volta ao mundo. Aquele avião anfíbio dele, o *Albatross*, deve ser um grande invento. Seria uma pena se ele morresse assim. Não que já tenham perdido as esperanças. Talvez ele possa ter conseguido chegar a alguma ilha do Pacífico.

– Os nativos das Ilhas Salomão ainda são canibais, não são? – indagou Poirot com uma voz tranquila.

– Ele deve ser um bom sujeito. Esse tipo de coisa até me faz pensar que talvez não seja mesmo nada mau ser inglês.

– É um consolo pelas derrotas em Wimbledon – disse Poirot.

– Não, não, digo... – comecei.

Meu amigo rebateu essa tentativa de desculpas com um aceno gentil.

– Eu... – anunciou ele. – Eu não sou um anfíbio, como a aeronave do pobre capitão Seton, mas sim um cosmopolita. E pelos ingleses, como você bem sabe, sempre nutri uma profunda admiração. Como pela forma cuidadosa com que leem o jornal, por exemplo.

Minha atenção havia se desviado para a seção de política.

– Parece que estão partindo para cima do ministro do Interior – comentei, soltando uma risada.

– Pobre homem. Esse aí tem problemas. Ah, se tem! Tanto que até busca ajuda nos lugares mais improváveis.

Olhei para ele.

Abrindo um leve sorriso, Poirot sacou do bolso as correspondências do dia, amarradas com todo esmero por um elástico de borracha. Ele escolheu uma das cartas e jogou-a para mim.

– Acho que não vimos isso ontem – ele comentou.

Li a carta com um delicioso sentimento de empolgação.

– Mas, Poirot – gritei. – Isto é uma grande honra!

– Acha mesmo, meu amigo?

– Ele fala das suas habilidades com a mais alta estima.

– E ele tem razão – disse Poirot, desviando os olhos com modéstia.

– Ele está implorando para que você investigue esse assunto... e até fala como se fosse um favor particular.

– De fato. Você não precisa me repetir tudo isso. Sabe, meu caro Hastings, eu já li essa carta.

– Mas que pena! – bradei. – Isso vai encerrar nossas férias.

– Não, não, *calmez vous*... isso está fora de cogitação.

– Mas o ministro do Interior disse que o assunto é urgente.

– Talvez seja mesmo... ou talvez não. Esses políticos costumam se exaltar com muita facilidade. Já vi isso na Chambre des Deputés em Paris.

– Sim, sim. Mas, Poirot, não seria melhor pensarmos nos preparativos? O expresso para Londres já saiu... o trem parte ao meio-dia. O próximo só...

– Acalme-se, Hastings, acalme-se, por favor! Sempre todo esse alvoroço, toda essa agitação. Nós não vamos para Londres hoje... nem amanhã.

– Mas esta convocação...

– Não me diz respeito. Não faço parte da sua equipe policial, Hastings. Estou sendo convidado a assumir um caso como detetive particular. E vou recusar.

– Você vai *recusar*?

– É claro. Vou escrever uma carta com toda cortesia, expressando meu pesar, pedindo desculpas e explicando que estou completamente desolado... mas o que posso fazer? Estou aposentado. Já cheguei ao fim da linha.

– Não chegou, não! – exclamei.

Poirot me deu um tapinha no joelho.

– É o que diria um velho amigo, um cão fiel. E você tem razão também. Minha massa cinzenta ainda funciona, a ordem, o método, tudo ainda está lá. Mas, se digo que me aposentei, meu amigo, é porque me aposentei! Não sou nenhum artista famoso para me despedir uma dúzia de vezes do público. Com toda generosidade, eu digo: vamos dar uma chance aos jovens. Talvez eles consigam fazer algo decente. Duvido muito, mas é possível. De qualquer forma, creio que se virarão bem o bastante com esse tedioso caso do ministro do Interior.

– Mas, Poirot, imagine a honra!

– Estou acima de qualquer honra. Como o homem sensato que ele é, o ministro do Interior acredita que tudo será resolvido caso consiga contratar meus serviços. Mas o que posso fazer? Ele está sem sorte. Hercule Poirot não está mais na ativa.

Olhei para ele. Do fundo do meu coração, achei aquela teimosia toda algo deplorável. A solução de um caso como aquele poderia dar ainda mais brilho ao renome de proporções globais de que ele já gozava. Ainda assim, era impossível não admirar sua postura tão firme.

Uma ideia me veio à mente, e eu sorri.

– Mas me diga, você não tem medo? – perguntei. – Uma declaração tão enfática assim com certeza poderá provocar algumas reações.

– Nada poderia abalar a decisão de Hercule Poirot – respondeu ele.

– Nada, Poirot?

– Você está certo, *mon ami*, não se deve usar essa palavra. Eh, *ma* foi, também não posso dizer que, se uma bala acertasse a parede ao lado da minha cabeça, eu não investigaria! Afinal, sou apenas humano!

Abri um sorriso. Uma pedrinha tinha acabado de cair no terraço ao nosso lado, e o exagero na analogia de Poirot me pareceu engraçado. Ele se abaixou para pegar a pedrinha e continuou falando.

– Sim, sou apenas humano. Como um cão adormecido, tranquilo e calmo, mas um cão adormecido sempre pode ser acordado. Existe um ditado em inglês que diz isso.

– Claro – disse eu. – Se você encontrar uma faca cravada no seu travesseiro amanhã de manhã, que o criminoso responsável trema de medo!

Ele acenou a cabeça, mas de um jeito um tanto distante.

De repente, para a minha surpresa, ele se levantou e desceu a pequena escada que dava para o jardim. Enquanto isso, uma moça apareceu e veio correndo até nós.

Eu estava acabando de registrar a impressão de que aquela era de fato uma moça bonita quando minha atenção se voltou para Poirot que, sem olhar onde pisava, tinha tropeçado em uma raiz e caído com tudo no chão. Ele estava ao lado da moça, e então eu e ela o ajudamos a se levantar. Minha atenção estava naturalmente focada em meu amigo, mas também reparei naquela figura de cabelos escuros, rosto descontraído e enormes olhos azul-escuros.

– Mil perdões – gaguejou Poirot. – Mademoiselle, é muito gentil. Sinto muito mesmo... ai! Estou com uma dor considerável no pé. Mas não, não é nada na verdade... apenas torci o tornozelo, só isso. Já vou ficar melhor em alguns minutos. Mas me ajude, por favor, Hastings... você e mademoiselle, por gentileza. Tenho vergonha de pedir isso a ela.

Comigo de um lado e a moça do outro, levamos Poirot até uma cadeira no terraço. Então sugeri chamar um médico, mas meu amigo recusou enfaticamente.

– Não foi nada, estou dizendo. Torci o tornozelo, só isso. Está doendo agora, mas já vai passar – ele fez uma careta. – Viu? Daqui um minuto já vou ter me esquecido de tudo. Mademoiselle, nem sei como agradecê-la. Foi muito gentil. Sente-se, por favor.

A moça puxou uma cadeira.

– Não há de quê – disse ela. – Mas seria melhor dar uma olhada nisso.

– Mademoiselle, eu garanto, foi apenas uma *bagatelle*! Só pelo prazer da sua companhia, a dor já passou.

A moça riu.

– Que bom.

– Aceita um coquetel? – sugeri. – Já está quase na hora.

– Bom... – hesitou ela. – Sim, muito obrigada.

– Martíni?

– Sim, por favor... um martíni seco.

Eu me retirei. Ao voltar, depois de pedir as bebidas, encontrei Poirot e a moça no meio de uma animada conversa.

– Veja só, Hastings – disse ele. – Aquela casa ali, aquela lá na ponta, que estávamos admirando tanto, pertence à mademoiselle aqui.

– É mesmo? – respondi, ainda que não me lembrasse de ter expressado qualquer tipo de admiração. Na verdade, eu mal havia reparado naquela casa. – Ela me parece um tanto sinistra e imponente, despontando ali sozinha no meio do nada.

– Eles a chamam de Casa do Penhasco – informou a moça. – Gosto muito de lá, mas o lugar está caindo aos pedaços. Parece estar prestes a desabar.

– Você é a mais nova de alguma família tradicional, mademoiselle?

– Ah, não somos nada importantes. Mas os Buckley já vivem por aqui há uns duzentos ou trezentos anos. Meu irmão morreu três anos atrás, então sou a mais nova da família, sim.

– Que pena. Mora lá sozinha, mademoiselle?

– Ah, eu passo a maior parte do tempo fora e sempre recebo muitas visitas quando estou em casa.

– Mas que moderno. Já a imaginei morando sozinha em uma mansão escura e misteriosa, assombrada por alguma maldição familiar.

– Veja só! Que imaginação incrível o senhor deve ter. Mas não, a casa não é assombrada. Ou, se é, o fantasma não me incomoda. Escapei da morte três vezes nos três últimos dias, então devo ter algum anjo da guarda.

Poirot endireitou-se na cadeira.

– Escapou da morte? Isso me parece interessante, mademoiselle.

– Ah, não foi nada de mais. Foram só acidentes, sabe – ela puxou a cabeça de lado em um gesto rápido para desviar de uma vespa. – Malditas vespas. Deve ter algum ninho aqui perto.

– Não gosta de abelhas e vespas, mademoiselle? Já foi picada alguma vez?

– Não, mas odeio quando elas passam voando perto do meu rosto.

– "A abelha na boina", uma ideia fixa – disse Poirot. – Mais uma expressão do inglês.

Em seguida, os coquetéis chegaram. Erguemos nossos copos para brindar e fizemos comentários vazios, como de costume.

– Na verdade, estou atrasada para um chá no hotel – disse a srta. Buckley. – Eles já devem estar se perguntando o que aconteceu comigo.

Poirot limpou a garganta e tirou os óculos.

– Ah, para uma bela xícara de chocolate quente – murmurou ele. – Mas não é o que vocês tomam na Inglaterra. Ainda assim, vocês ingleses têm alguns costumes muito interessantes. As jovens, por exemplo, que vivem pondo e tirando seus chapéus, com tanta graça, com tanto desembaraço...

A moça olhou para ele.

– Como assim? O que há de especial nisso?

– Você pergunta isso porque é jovem, tão jovem, mademoiselle. Mas, para mim, o natural seria ter um penteado alto e firme por baixo de um chapéu preso com vários alfinetes... *là, là, là et là* – disse ele, espetando o ar com toda força quatro vezes.

– Mas que desconforto horrível isso seria!

– Ah, imagino que sim! – redarguiu Poirot, com mais sentimento do que qualquer mulher sofrida conseguiria expressar. – Quando o vento soprava, era uma agonia... dava até enxaqueca.

A srta. Buckley tirou o chapéu simples de feltro com abas largas que estava usando e o jogou no chão ao lado dela.

– E agora nós fazemos isso – riu ela.

– O que é sensato e encantador – disse Poirot, fazendo uma leve reverência.

Olhei para ela cheio de interesse. Seus cabelos escuros estavam despenteados, dando-lhe uma aparência rebelde. Ela tinha um quê rebelde como um todo, aliás. Um rostinho cheio de vida, suave como um amor-perfeito, enormes olhos azul-escuros e algo a mais – algo melancólico e cativante. Seria um leve toque de imprudência? Seus olhos eram marcados por sombras escuras na parte de baixo.

O terraço em que estávamos era pouco frequentado. A varanda principal, onde a maioria das pessoas se reunia, ficava do outro lado, pouco antes da borda do penhasco que então mergulhava direto rumo ao mar.

Vindo desse lado, surgiu um homem, um sujeito de rosto corado, passo firme e que caminhava com os punhos semicerrados junto ao corpo. Ele tinha um ar alegre e despreocupado – um típico marinheiro.

– Para onde essa menina foi? – dizia ele em um tom que chegava facilmente até onde estávamos sentados. – Nick, Nick!

A srta. Buckley se levantou.

– Eu sabia que eles ficariam preocupados. Calma, George. Eu estou aqui.

– Freddie está doida por uma bebida. Vamos lá, menina.

Ele lançou um olhar sincero de curiosidade para Poirot, que com certeza deveria ser bem diferente da maioria dos outros amigos de Nick.

A moça fez um gesto para apresentá-lo.

– Este é o comandante Challenger, e estes são...

Para a minha surpresa, Poirot não se apresentou como ela esperava. Em vez disso, ele se levantou, fez uma reverência cerimoniosa e murmurou:

– O senhor é da Marinha inglesa? Tenho um grande respeito pela Marinha inglesa.

Esse tipo de comentário não era muito bem-recebido pelos ingleses. O rosto do comandante ficou ainda mais corado, e Nick Buckley assumiu o controle da situação.

– Vamos, George. Não fique aí parado. Vamos encontrar Freddie e Jim – convidou ela, sorrindo para Poirot. – Obrigada pelo coquetel. Espero que seu tornozelo melhore logo.

Enquanto acenava a cabeça para mim, ela pegou o marinheiro pelo braço, e os dois foram embora juntos em direção ao outro terraço.

– Então esse é um dos amigos da mademoiselle – murmurou Poirot com um ar pensativo. – Um de seus bons amigos. O que achou dele? Quero ouvir a opinião de um especialista, Hastings. Você diria que ele é um bom homem?

Depois de pensar por um instante no que exatamente Poirot poderia imaginar que eu entendia por um "bom homem", acabei assentindo sem muita convicção.

– Ele me pareceu ser um bom sujeito. Pelo menos à primeira vista.

– Fiquei aqui pensando... – disse Poirot. A jovem tinha esquecido seu chapéu. Poirot se abaixou para pegá-lo e o girou na ponta do dedo com um ar distraído. – Teria ele algum *tendresse* por ela? O que você acha, Hastings?

– Meu caro, Poirot! Como eu vou saber? Vamos, dê-me cá esse chapéu. Aquela moça vai querê-lo de volta. Vou entregá-lo a ela.

Poirot ignorou meu pedido. Ele continuou girando o chapéu lentamente no dedo.

– *Pas encore. Ça m'amuse*.[1]

– Por favor, Poirot!

– Pois é, meu amigo, estou ficando cada vez mais velho e infantil, não acha? – aquelas palavras resumiram com tanta perfeição o que eu estava sentindo que cheguei a ficar um tanto desconcertado. Poirot deu uma risadinha, inclinou-se para a frente e pôs um dedo ao lado do nariz. – Mas não, não sou tão idiota quanto você está pensando! Vamos devolver o chapéu, claro, mas depois! Vamos devolvê-lo na Casa do Penhasco para termos a oportunidade de rever a encantadora srta. Buckley.

– Poirot... – disse. – Acho que você está apaixonado.

– Ela é bonita, não é?

– Bom, você a viu com seus próprios olhos. Por que me perguntar?

– Porque, infelizmente, já não sei dizer. Hoje em dia, qualquer coisa jovem me parece linda. Ah, *jeunesse, jeunesse*... É a tragédia da minha idade. Então, recorro a você! Sua opinião não seria das mais atualizadas, é claro, depois de ter morado por tanto tempo na Argentina. A beleza que você admira é de cinco anos atrás, mas, mesmo assim, você é mais jovem do que eu. Ela é bonita, não é? Um encanto aos sexos, não?

– Um só sexo já seria o bastante, Poirot. Mas devo dizer que a resposta é um sonoro sim. Mas por que está tão interessado nela?

– Interessado, eu?

– Bom, escute só o que você está dizendo.

– Você me entendeu mal, *mon ami*. Posso estar interessado naquela jovem, sim, mas estou muito mais interessado no chapéu dela.

Encarei-o por um instante, mas ele parecia estar falando sério.

Ele me fez um aceno de cabeça.

– Sim, Hastings, neste chapéu – ele o estendeu para mim. – Está vendo o motivo do meu interesse?

– Ele é bonito – disse eu, desconcertado. – Mas é um chapéu muito comum. Várias jovens usam chapéus parecidos.

– Não como este.

Eu olhei mais de perto.

– Não está vendo, Hastings?

– É um chapéu de feltro marrom simples. Com um estilo...

– Não pedi para você descrever o chapéu. Está claro que você ainda não viu. É quase inacreditável como você quase nunca vê, meu pobre Hastings! Isso sempre me surpreendeu! Mas olhe, meu velho e querido imbecil, não é nem preciso usar a massa cinzenta, apenas os olhos. Olhe, olhe...

E então eu finalmente vi o que ele estava tentando me mostrar. Poirot continuava girando o chapéu sem pressa no dedo que estava enfiado por entre um furo na aba. Ao perceber que eu tinha entendido, ele tirou o dedo e me entregou o chapéu. O furo era pequeno, perfeito e redondo, e eu não consegui imaginar qual seria o seu propósito, se é que ele tinha algum.

– Você reparou no susto que mademoiselle Nick levou quando aquela abelha passou voando? "A abelha na boina", o buraco no chapéu.

– Mas uma abelha nunca conseguiria fazer um furo desses.

– Exatamente, Hastings! Quanta perspicácia! Claro que não, *mas uma bala sim, mon cher*!

– Uma bala?

– *Mai oui*! Uma bala como esta.

Ele me mostrou a mão com um pequeno objeto na palma.

– Uma bala disparada, *mon ami*. Foi isso o que acabou de cair aqui no terraço enquanto conversávamos. Uma bala disparada!

– Então você está dizendo...

– *Estou dizendo que, por alguns meros centímetros, esse furo poderia estar não no chapéu, mas na cabeça da mademoiselle*. Entendeu agora por que estou interessado, Hastings? Você estava certo quando me repreendeu por dizer que "nada" abalaria minha decisão, meu amigo. Sim, sou apenas humano! Ah! Mas esse pretenso assassino cometeu um grave erro ao atacar sua vítima com Hercule Poirot por perto! Para ele, foi la *mauvaise chance*, sem dúvida. Mas entende agora por que nós precisamos visitar a Casa do Penhasco para falar com mademoiselle? Ela disse ter *escapado da morte três vezes só nos últimos três dias*. Temos que agir rápido, Hastings. O perigo é iminente.

Capítulo 2

A Casa do Penhasco

– Poirot... – disse eu. – Estive pensando.

– É um excelente exercício, meu amigo. Continue.

Estávamos sentados um de frente para o outro enquanto almoçávamos em uma pequena mesa perto da janela.

– Esse tiro deve ter sido disparado muito perto de nós, mas não ouvimos nada.

– E você imagina que, em meio ao silêncio do terraço, quebrado apenas pelo marulho das ondas no mar, nós deveríamos tê-lo ouvido?

– Bom, é no mínimo estranho.

– Não, não é nada estranho. Às vezes nos acostumamos tanto com alguns ruídos que nem os ouvimos mais depois de um tempo. Havia barcos a motor passando pela baía durante toda a manhã, meu amigo. Você pode ter se incomodado no começo com eles, mas logo depois já não estava mais nem reparando nisso. E agora, *ma foi*, alguém quase poderia atirar com uma metralhadora por aqui sem que você nem percebesse com todos aqueles barcos no mar.

– Sim, é verdade.

– Ah, *voilà*! – murmurou Poirot. – Se não é mademoiselle e seus amigos. Parece que vieram para almoçar. Terei que devolver o chapéu a ela agora mesmo. Mas não importa. Esse assunto é sério o bastante para justificar uma visita por si só.

Poirot se levantou com toda agilidade, atravessou a sala às pressas e entregou o chapéu fazendo uma reverência, enquanto a srta. Buckley e seus amigos se sentavam à mesa.

Eles estavam em quatro, Nick Buckley, o comandante Challenger, um homem e uma outra jovem. Do lugar onde estávamos, tínhamos uma visão perfeita da mesa onde eles se sentaram. De tempos em tempos, as gargalhadas do marinheiro irrompiam ao longe. Ele parecia ser um sujeito simples e agradável, e já havia me cativado.

Meu amigo ficou calado e distraído durante a refeição. Ele picou seu pão, soltou exclamações estranhas para si mesmo e arrumou tudo o que havia sobre a mesa. Tentei conversar, mas logo desisti ao ver que não teria sucesso.

Ele continuou sentado à mesa por muito tempo, mesmo depois de terminar seu queijo. No entanto, assim que o outro grupo se levantou, ele fez o mesmo. Todos ainda estavam se acomodando em uma mesa na sala de estar quando Poirot foi marchando até eles com uma postura quase militar e falou diretamente com Nick.

– Mademoiselle, gostaria de dar uma palavrinha com a senhorita.

A jovem franziu a testa, e logo entendi sua reação. Ela achou que a presença daquele pequeno estrangeiro de jeito estranho poderia acabar sendo um incômodo. Era algo bastante compreensível, pois imaginava como aquilo deveria parecer aos seus olhos. Por impulso, ela deu alguns passos para o lado.

Mas, logo em seguida, vi uma expressão de surpresa iluminar seu rosto ao ouvir as rápidas palavras sussurradas de Poirot.

Eu, por minha vez, estava me sentindo um tanto desconfortável e constrangido. Com toda cortesia, Challenger veio em meu socorro, oferecendo-me um cigarro e fazendo algum comentário vago. Nós trocamos olhares, e a afeição que eu sentia por ele parecia ser recíproca. Acho que eu fazia mais o gênero dele do que o sujeito com quem ele tinha acabado de almoçar, sujeito esse que eu agora estava tendo a oportunidade de analisar melhor. Um jovem alto, bem-afeiçoado e elegante, com um nariz meio largo e uma beleza talvez até exagerada. Ele tinha um ar presunçoso e falava com uma voz arrastada. No entanto, o que mais me desagradou foi seu jeito pomposo demais.

Olhei então para a mulher. Ela estava sentada com as costas retas de frente para mim em uma cadeira grande e tinha acabado de tirar seu chapéu. Era uma figura incomum – uma donzela exausta seria sua melhor descrição. Tinha belos cabelos quase sem cor repartidos ao meio que desciam sobre suas orelhas, amarrados na altura do pescoço. Seu rosto era pálido e magro como o de um cadáver, mas ainda assim curiosamente bonito. Seus olhos eram cinzentos, muito claros e tinham pupilas grandes. Ela ostentava um intrigante ar de indiferença. De repente, ela olhou para mim e falou:

– Por favor, sente-se enquanto seu amigo conversa com Nick.

Ela tinha uma voz afetada, lânguida e artificial, mas encantadora por algum motivo, com uma espécie de beleza ressoante que permanecia no ar. Tive a impressão de que era a pessoa mais cansada que eu já tinha visto na vida. Mas

era um cansaço mental, não físico, como se tivesse acabado de descobrir que tudo no mundo era vazio e inútil.

– A srta. Buckley teve a gentileza de ajudar meu amigo hoje de manhã quando ele torceu o tornozelo – expliquei enquanto aceitava seu convite.

– Ela nos contou – disse ela, olhando para mim, ainda indiferente. – Mas não me parece haver nada de errado com o tornozelo dele agora, não acha?

Senti meu rosto ficando vermelho.

– Foi só uma leve torção – expliquei.

– Ah, sim! Fico feliz em saber que Nick não inventou essa história toda. Ela é a maior mentirosa que Deus já pôs neste mundo, sabia? Ela tem uma imaginação incrível, é um dom e tanto.

Eu nem soube o que dizer, mas ela pareceu se divertir com o meu desconforto.

– Ela é minha amiga há muito tempo – contou. – E sempre achei a lealdade uma virtude muito tediosa, não concorda? Ainda mais nos escoceses, todos tão austeros e preocupados com coisas como o Sabá. Mas Nick é uma bela mentirosa, não é mesmo, Jim? Ela inventou uma história fantástica sobre os freios do carro... mas Jim disse que não havia nada de errado com eles.

O homem bem-apessoado respondeu com uma bela voz suave:

– E olhe que entendo um pouco de carros.

Ele virou a cabeça de lado. Estacionado lá fora, entre alguns outros, estava um carro comprido e vermelho, que parecia ser mais comprido e vermelho do que qualquer outro carro no mundo. O veículo tinha um enorme capô reluzente de metal polido. Um carrão!

– Aquele carro é seu? – perguntei por um impulso repentino.

Ele acenou a cabeça.

– É, sim.

Senti uma vontade imensa de dizer: “Só podia!”

Poirot voltou à mesa. Eu me levantei, ele me pegou pelo braço, fez uma rápida reverência para o grupo e então me levou embora sem hesitar.

– Está tudo acertado, meu amigo. Iremos visitar mademoiselle na Casa do Penhasco às seis e meia. Ela já terá voltado de seu passeio a essa hora. Sim, sim, com certeza já terá voltado... e em segurança.

Seu rosto parecia ansioso; e seu tom, preocupado.

– O que você disse a ela?

– Pedi a ela para que tivéssemos uma conversa assim que possível. Ela relutou um pouco, mas isso é natural. Imagino perfeitamente o que ela pensou:

“Quem é esse homenzinho? Um mero intrometido? Um novo rico? Um diretor de cinema?”. Ela teria recusado se pudesse, mas é difícil negar assim, no calor do momento, um pedido como esse. Ela me disse que estará lá às seis e meia. *Ça y est*!

Comentei que tudo parecia estar resolvido, então, mas meu comentário não foi muito bem recebido. Na verdade, Poirot estava mais agitado do que nunca. Ele passou a tarde inteira andando de um lado para o outro pela nossa sala, murmurando sozinho e reorganizando e endireitando tudo o que via pela frente. Sempre que eu tentava falar alguma coisa, ele apenas sacudia as mãos e balançava a cabeça.

Nós por fim saímos do hotel quando ainda não eram nem seis horas.

– Acho muito estranho que tentem atirar em alguém no jardim de um hotel – comentei enquanto descíamos a escada do terraço. – Só um louco faria algo assim.

– Eu discordo. Dada uma condição específica, poderia ser uma escolha bastante adequada. Primeiro, aquele jardim é pouco frequentado. Os hóspedes de hotéis como este agem feito um bando de ovelhas. Como é costume ficar no terraço com vista para a baía, *eh bien*, a maioria se acomoda por lá. Apenas um sujeito singular como eu prefere descansar olhando para o jardim. E mesmo eu não vi nada. O lugar tem muitos pontos cegos, veja bem, árvores, grupos de palmeiras, canteiros de flores. Qualquer um poderia se esconder com toda facilidade sem ser visto por ninguém e ficar apenas esperando até que mademoiselle passasse por ali. O que sem dúvida alguma iria acontecer. Vir da Casa do Penhasco pela estrada até o hotel seria muito mais demorado. Mademoiselle Nick Buckley é o tipo de pessoa que vive atrasada, sempre procurando algum atalho!

– Mas, ao mesmo tempo, o risco era enorme. Alguém poderia vê-lo e, além do mais, seria impossível fazer com que uma morte a tiros parecesse um *acidente*.

– Não, não um acidente.

– O que você quer dizer?

– Nada, é só uma ideia. Algo que pode ou não ter fundamento. Mas, deixando isso de lado por enquanto, o importante é o que acabei de mencionar, uma determinada condição específica.

– Que seria qual?

– Estou certo de que você mesmo pode responder isso, Hastings.

– Não quero privá-lo do prazer de bancar o gênio às minhas custas!

– Ah, quanto sarcasmo! Quanta ironia! Mas bem, o que me saltou aos olhos foi o seguinte: *o motivo não pode ser evidente*. Pois, se fosse, aí sim seria arriscado demais! As pessoas se perguntariam: "Será que foi fulano? Onde estava fulano quando o tiro foi disparado?" Mas não, o assassino, ou pretenso assassino, melhor dizendo, não pode ser alguém evidente. E é isso o que me assusta, Hastings! Sim, neste exato momento, estou assustado. Eu tento me confortar, pensando: "Eles andam sempre em quatro", ou "Isso não faz sentido!". Mas continuo assustado mesmo assim. Quero saber mais sobre esses "acidentes" dos quais ela falou! – em seguida, ele deu meia-volta de repente. – Ainda é cedo. Vamos subir pela estrada. Não há mais nada de novo para nós no jardim. Vamos investigar o caminho mais ortodoxo até a Casa do Penhasco.

Saímos pelo portão principal do hotel e então subimos por uma íngreme colina à direita. No alto dela, ficava uma estradinha com uma placa onde se lia: "ROTA EXCLUSIVA PARA CASA DO PENHASCO".

Continuamos em frente por mais algumas centenas de metros até um ponto onde a estradinha fazia uma curva abrupta e acabava em frente a um portão duplo caindo de velho que parecia estar precisando urgentemente de uma pintura nova.

Logo depois, à direita, ficava um pequeno chalé que contrastava muito com os portões e a grama alta que cobria o caminho da entrada. O pequeno jardim ali em volta era muito bem conservado, e as janelas de batentes pintados há pouco tempo tinham cortinas novas e limpas.

Curvado sobre um canteiro de flores, estava um homem de jaqueta desbotada. Ele se levantou ao ouvir o portão rangendo e olhou para nós. Com talvez seus sessenta anos, ele tinha pelo menos um metro e oitenta de altura, um corpo forte e o rosto marcado pelo tempo. Ele era quase completamente careca. Seus olhos eram de um azul brilhante e reluziam sob o sol. Ele me pareceu ser um ótimo sujeito.

– Boa tarde – falou ao nos ver.

Retribuí o cumprimento e, enquanto seguíamos em frente, pude sentir seus olhos azuis cheios de curiosidade nos acompanhando pelas costas.

– Interessante... – disse Poirot, pensativo.

Ele se calou, sem dar qualquer explicação sobre o que tinha achado interessante.

A casa em si era grande e um tanto sombria. Várias árvores a encobriam, com galhos que chegavam a bater no teto. Ela estava claramente em péssimo estado. Poirot a analisou de cima a baixo antes de tocar a campainha – uma

campainha à moda antiga que exigia um esforço hercúleo para ser ativada e então ecoava sem parar mais.

A porta foi aberta por uma mulher de meia-idade, "uma mulher decente vestida de preto", como achei por bem descrevê-la. Uma senhora muito distinta, um tanto melancólica, e completamente apática.

Ela nos disse que a srta. Buckley ainda não havia retornado, e Poirot lhe explicou que tínhamos marcado um encontro. Ele teve certa dificuldade para convencê-la disso, já que ela parecia ser do tipo que não confia muito em estrangeiros. Na verdade, fiquei até lisonjeado ao ver que foi a minha aparência o que resolveu a questão. Ela então nos levou até uma sala de visitas para que ficássemos esperando até a srta. Buckley voltar.

Não havia nada de lúgubre aqui. A sala tinha vista para o mar e era inundada pela luz do sol. A decoração era simples e apresentava estilos conflitantes – elementos ultramodernos sobrepostos a outros claramente vitorianos. As cortinas de brocado estavam desbotadas, mas os estofados dos sofás eram novos e alegres, com almofadas bastante chamativas. As paredes eram adornadas com retratos de família. Achei alguns deles muito bem feitos. A sala tinha um gramofone e alguns discos espalhados em volta. Havia também um rádio portátil, quase nenhum livro e um jornal aberto sobre o braço do sofá. Poirot o pegou e depois o pôs de volta no lugar, fazendo uma careta. Era uma edição da *Gazeta Semanal* de St. Loo. Alguma coisa o fez voltar a pegá-lo, e ele estava lendo uma coluna quando a porta se abriu e Nick Buckley entrou na sala.

– Traga gelo, Ellen – disse por cima do ombro, e então voltou-se para nós. – Bom, aqui estou eu... e consegui despistar os outros. Estou morrendo de curiosidade. O que desejam? Estou prestes a me tornar uma nova estrela do cinema? – ela se virou para Poirot. – O senhor foi tão sério que não consegui imaginar nenhum outro motivo para esta conversa. Por favor, faça-me a sua oferta.

– Sinto muito, mademoiselle! – começou Poirot.

– Não me diga que é outra coisa – implorou ela. – Não me diga que o senhor faz artesanato e quer me vender alguma peça. Mas não, não pode ser, com esse bigode e ainda mais hospedado no Majestic, que serve a pior comida e cobra os mais altos preços da Inglaterra, não, simplesmente não pode ser.

A mulher que havia nos recebido antes entrou na sala, trazendo gelo e garrafas em uma bandeja. Nick começou a preparar coquetéis com maestria enquanto continuava falando. Depois de um tempo, acredito que o silêncio de

Poirot (algo tão incomum dele) acabou deixando-a incomodada. Ela parou de repente enquanto enchia os copos e disse com toda firmeza:

– Pois bem?

– Bem é como eu quero que tudo fique, mademoiselle – ele pegou o copo da mão dela. – À sua saúde, mademoiselle, à sua prolongada saúde.

Ela não era nada tola e logo entendeu que havia algo por trás daquele tom.

– Então há algum problema?

– Sim, mademoiselle. Este aqui... – respondeu ele, estendendo a mão aberta com a bala sobre a palma. Ela a pegou, franzindo a testa. – Você sabe o que é isso?

– Sim, é claro que eu sei. É uma bala.

– Exatamente. Mademoiselle, não foi uma abelha o que passou zunindo pelo seu rosto hoje de manhã, mas sim esta bala.

– Então o senhor quer dizer que algum idiota estava dando tiros hoje no jardim do hotel?

– É o que me parece.

– Ah, minha nossa! – exclamou ela com um ar sincero. – Acho que tenho um anjo da guarda mesmo. Essa já é a quarta vez que escapo da morte.

– Sim. Já é a quarta vez. Gostaria de saber mais sobre os outros três acidentes, mademoiselle – disse Poirot. Ela olhou para ele. – Só quero ter certeza de que foram acidentes mesmo, mademoiselle.

– Mas é claro que foram! O que mais poderiam ser?

– Mademoiselle, peço que se prepare para um grande choque. E se alguém estivesse tentando tirar sua vida?

A única resposta de Nick foi uma gargalhada. Ela pareceu achar aquilo muito engraçado.

– Mas que ideia incrível! Meu querido homem, quem neste mundo o senhor acha que poderia querer atentar contra a minha vida? Não sou nenhuma jovem herdeira milionária, minha morte não renderia nada a ninguém. Eu até *gostaria* que alguém estivesse mesmo tentando me matar, seria muito emocionante, mas receio que isso seja impossível!

– Poderia me contar sobre os acidentes, mademoiselle?

– É claro, mas não tenho muito a dizer. Foram coisas bobas. Tenho um quadro pesado que fica sobre minha cama. Certa noite, ele caiu da parede. Por mero acaso, eu tinha acabado de ouvir uma porta batendo em algum lugar da casa e desci para fechá-la, e foi assim que escapei. Aquele quadro teria esmagado a minha cabeça. Bom, esse foi o primeiro.

Poirot não esboçou qualquer sorriso.

– Continue, mademoiselle. Conte-me sobre o segundo.

– Ah, esse foi ainda mais bobo. Tem um caminho meio difícil no penhasco, que sempre uso para descer até o mar. Há um rochedo lá de onde mergulho. Não sei como, mas uma pedra se soltou, desceu rolando e por muito pouco não me acertou. O terceiro foi bem diferente. Os freios do carro deram algum problema, só não sei bem qual, o mecânico tentou me explicar, mas eu não entendi. Mas, enfim, se eu tivesse passado pelo portão e descido a colina, não teria como parar e acabaria me arrebentando no prédio da prefeitura. Seria uma batida dos infernos! O prédio não sofreria muito, claro, mas eu ficaria em pedaços. No entanto, como sempre me esqueço de alguma coisa, tive que voltar e acabei só atropelando a cerca viva de louros.

– E a senhorita não sabe mesmo qual foi o problema?

– O senhor pode perguntar aos mecânicos na oficina do Mott. Eles sabem. Foi uma coisa muito simples, alguma peça solta, eu acho. Não sei, talvez o filho de Ellen, a criada que abriu a porta para vocês, ela tem um garotinho, tenha tirado algo do lugar. Meninos gostam de mexer em carros. Mas, claro, Ellen me jurou que nunca o viu chegar perto do carro. Acho que alguma coisa já devia estar solta mesmo, apesar do que Mott disse.

– Onde fica a sua garagem, mademoiselle?

– Do outro lado da casa.

– Ela fica sempre trancada?

Nick arregalou os olhos, surpresa.

– Ah, não! Claro que não.

– Então qualquer um poderia ter mexido no carro sem que a senhorita soubesse?

– Bom, sim, acho que sim. Mas isso seria tão ridículo.

– Não, mademoiselle. Não seria nada ridículo. A senhorita não entende. Está em perigo, em sério perigo. E sou eu quem está avisando! A senhorita não sabe quem eu sou?

– Não – respondeu Nick, intrigada.

– Eu sou Hercule Poirot.

– Ah! – soltou Nick, sem grande emoção. – Ah, sim.

– Então você sabe quem eu sou?

– Ah, sim.

Ela se contorceu, um tanto sem jeito, com um olhar assustado no rosto. Poirot a observou atentamente.

– Pela sua reação, imagino que não tenha lido os meus livros.

– Bom, não... não todos. Mas sei quem é o senhor, claro.

– Ah, mademoiselle, a senhorita é uma mentirosa muito gentil – disse Poirot. Fiquei surpreso e me lembrei do que tinha ouvido no Hotel Majestic naquele mesmo dia após o almoço. – Esqueci-me de que é muito jovem, então é claro que nunca ouviu falar de mim. A fama é algo tão fugaz. Meu amigo aqui poderá lhe explicar melhor.

Nick olhou para mim. Limpei minha garganta, um tanto acanhado.

– O monsieur Poirot é, ou melhor, era um grande detetive – expliquei.

– Ah, meu amigo! – exclamou Poirot. – Isso é tudo o que você tem a dizer? Por favor! Diga logo à mademoiselle que sou um detetive singular, insuperável, o maior de toda a história!

– Creio que não será necessário – respondi. – Você mesmo já disse isso.

– Ah, sim, mas seria muito melhor se eu pudesse ter mantido minha fachada de modéstia. Não devemos nos vangloriar de nossos próprios triunfos.

– E não há por que ter cães se nós mesmos somos forçados a latir – concordou Nick em tom de brincadeira. – E quem é esse cão, aliás? O dr. Watson, imagino?

– Meu nome é Hastings – corrigi com a voz séria.

– Hastings, como na batalha de 1066 – comentou Nick. – Quem disse que eu não era culta? Enfim, isso tudo me parece um tanto *fantástico* demais! Acham mesmo que há alguém querendo me matar? Seria muito emocionante. Mas esse tipo de coisa não acontece na vida real, claro. Só em livros. O monsieur Poirot está me parecendo um cirurgião que inventou um novo tipo de operação ou um médico que descobriu uma doença obscura e agora quer que todos estejam contaminados.

– *Sacré tonnerre*! – esbravejou Poirot. – Vamos levar isso a sério? Vocês, jovens de hoje, não conseguem levar mais nada a sério? Não seria nada engraçado se o seu belo corpinho estivesse estatelado no jardim do hotel com um buraco aberto na cabeça e não no chapéu! Ninguém a ouviria rindo disso, ouviria?

– Bom, talvez em alguma sessão espírita – disse Nick. – Mas, falando sério, monsieur Poirot, é muito gentil do senhor se importar, mas tudo isso só pode ter sido um acidente.

– A senhorita é teimosa como o diabo!

– É daí que vem meu nome. Meu avô era famoso por supostamente ter vendido a alma ao diabo. Todos por aqui o chamavam de Velho Nick. Ele era um

velho safado, mas muito divertido. Eu o adorava e vivia junto com ele, então passaram a nos chamar de Velho Nick e Jovem Nick. Meu nome de batismo é Magdala.

– Mas que nome incomum.

– Sim, é uma espécie de nome de família. Há muitas Magdalas na linhagem dos Buckley. Uma delas foi aquela ali.

Ela acenou a cabeça na direção de um quadro na parede.

– Ah! – exclamou Poirot. Em seguida, olhando para um retrato sobre a lareira, perguntou: – Aquele é o seu avô, mademoiselle?

– Sim, é um belo retrato, não acha? Jim Lazarus até já se ofereceu para comprá-lo, mas eu não quis vendê-lo. Ainda tenho um grande amor pelo Velho Nick.

– Ah! – Poirot ficou em silêncio por um instante e então disse com uma voz muito séria: – Enfim, voltando ao que importa. Escute, mademoiselle, eu a imploro para que leve este assunto a sério. Você está em perigo. Hoje mesmo, alguém tentou assassiná-la com uma pistola Mauser...

– Uma pistola Mauser?

Ela pareceu surpresa por um instante.

– Sim, por quê? A senhorita conhece alguém que tenha uma Mauser?

Ela abriu um sorriso.

– Sim, eu mesma.

– A senhorita?

– Sim, ela era do meu pai. Ele a trouxe da guerra e está por aqui desde então. Eu a vi esses dias mesmo naquela gaveta ali.

Ela apontou para uma cômoda antiga. Em seguida, como quem acaba de ter uma ideia, foi até o móvel e puxou a gaveta. Parecendo um tanto atônita, ela se virou para nós. Sua voz agora tinha um tom diferente.

– Ah! Ela sumiu!

Capítulo 3

Acidentes?

Foi a partir daquele instante que a conversa ganhou outro tom. Até então, Poirot e a jovem não vinham se entendendo muito bem. Havia um abismo de muitos anos entre os dois. A fama e reputação de Poirot não significavam nada para ela: Nick era de uma geração que só conhecia os grandes nomes mais famosos do momento. Por isso mesmo, não deu muita atenção aos avisos de Poirot. Para ela, meu amigo parecia ser apenas um cômico senhor estrangeiro com uma imaginação incrivelmente melodramática.

Essa postura deixou Poirot frustrado. Antes de tudo, foi um grande golpe em seu ego. Ele adorava dizer que Hercule Poirot era conhecido no mundo inteiro. Mas aqui estava alguém que nunca tinha ouvido falar dele. "Isso seria uma bela lição para ele", pensei comigo mesmo, "mas não ajudaria muito Nick com seus problemas!"

No entanto, depois de descoberto o sumiço da pistola, tudo tomou outro rumo. Nick parou de ver aquilo como algum tipo de piada. Ela continuou tratando da questão com leveza, porque era de seu costume e índole tratar todos os assuntos dessa forma, mas pude notar uma clara diferença em sua postura.

Pensativa, ela sentou-se no braço de uma cadeira, franzindo a testa.

– Mas que estranho – disse ela.

Poirot se virou para mim.

– Está lembrado daquela ideia da qual lhe falei, Hastings? Pois bem, eu estava certo! O que teria acontecido se mademoiselle fosse encontrada morta por um tiro no jardim do hotel? Bom, isso poderia levar algumas horas; poucas pessoas passam por ali. E logo *ao lado de sua mãozinha*, caída no chão, estaria *sua própria pistola*. Sem dúvida alguma, a boa senhora Ellen identificaria a arma. Surgiriam comentários sobre a causa do ocorrido: preocupações, insônia...

Nick se contorceu, inquieta.

– É verdade. Ando mesmo muito preocupada. Todos estão dizendo que pareço estar nervosa. Sim, muitos já me disseram isso...

– E logo concluiriam que foi um suicídio. Convenientemente, a pistola só teria as impressões digitais de mademoiselle e de ninguém mais. Sim, seria muito simples e convincente.

– Mas que fantástico! – disse ela, mas não como se realmente achasse aquilo fantástico, para o meu alívio.

No entanto, Poirot interpretou as palavras de Nick no sentido literal.

– *N'est ce pas*? Mas o importante, mademoiselle, é que isso ainda não acabou. Tivemos quatro tentativas, sim, mas talvez na quinta o assassino tenha sucesso.

– Que tragam o carro funerário então – murmurou Nick.

– É claro que não! Meu amigo e eu estamos aqui para evitar que isso aconteça! – fiquei feliz por ser lembrado. Poirot às vezes tinha o hábito de ignorar a minha existência.

– Sim – complementei. – Não se preocupe, srta. Buckley. Iremos protegê-la.

– Mas quanta gentileza – disse Nick. – Estou achando tudo isso tão incrível. É muito, muito emocionante.

Ela ainda preservava sua postura leve e tranquila, mas seus olhos me pareciam um tanto perturbados.

– E a primeira coisa a ser feita é uma entrevista – disse Poirot. Ele se sentou e olhou para ela com um ar gentil. – Vamos começar com uma pergunta convencional, mademoiselle. Tem algum inimigo?

Nick balançou a cabeça, como se estivesse chateada.

– Receio que não – disse ela, quase pedindo desculpas.

– *Bon*. Essa hipótese está eliminada então. E agora, vamos à pergunta típica dos filmes, dos romances de detetive: quem poderia lucrar com a sua morte, mademoiselle?

– Não consigo pensar em ninguém – disse Nick. – É por isso que essa ideia não me parece fazer sentido. Eu tenho esta casa velha, é claro, mas ela está hipotecada há anos, o teto é cheio de goteiras e duvido que haja uma mina de carvão ou qualquer outra coisa valiosa escondida sob este penhasco.

– Ela está hipotecada então?

– Sim, precisei hipotecá-la. Tive que arcar com os custos de duas mortes, uma muito próxima da outra. Primeiro foi o meu avô, seis anos atrás, e depois o meu irmão. Isso arruinou as minhas finanças.

– E o seu pai?

– Ele voltou inválido da guerra, depois pegou pneumonia e morreu em 1919. Minha mãe morreu quando eu ainda era recém-nascida. Cresci aqui com o

meu avô. Ele e meu pai não se davam muito bem, não sei por que, então meu pai achou melhor me deixar aqui enquanto ele viajava pelo mundo sozinho. Gerald, meu irmão, também não se entendia com meu avô. Acho que eu mesma não gostaria muito dele se fosse um garoto. O que me salvou foi ter nascido menina. Ele costumava dizer que eu era a única que tinha herdado o jeito dele – Nick riu. – Acho que ele era um velho muito danado. Mas tinha uma sorte incrível. Todos por aqui diziam que ele transformava em ouro tudo o que tocava. Mas ele era viciado em jogo e sempre perdia tudo o que ganhava. Não deixou quase nada além desta casa e deste terreno como herança. Eu tinha dezesseis anos na época, e Gerald, 22. Gerald morreu em um acidente de carro três anos atrás, e a casa acabou ficando para mim.

– E fora a senhorita, mademoiselle? Quem é seu parente mais próximo?

– O meu primo, Charles. Charles Vyse. Ele trabalha como advogado por aqui. Um bom sujeito, honesto, mas muito chato. Vive me dando conselhos e tentando tolher meus gostos extravagantes.

– É ele quem cuida dos seus assuntos jurídicos?

– Bom, suponho que sim. Não tenho muitos assuntos jurídicos para cuidar. Ele preparou os papéis da hipoteca e me ajudou a alugar o chalé.

– Ah, sim, o chalé! Estava para perguntar sobre isso mesmo. Ele está alugado?

– Sim, para um casal de australianos. Os Croft. Eles são muito gentis. Educados até demais. Sempre me trazem talos de aipo, ervilhas frescas, coisas assim. E ficam chocados com o estado do meu jardim. Eles me irritam um pouco, o homem pelo menos. Acho sua cortesia exagerada. A mulher dele é doente, pobrezinha, fica no sofá o dia inteiro. Mas, enfim, eles pagam em dia, e é isso o que importa.

– Há quanto tempo eles moram aqui?

– Há uns seis meses talvez.

– Certo. Agora, além desse seu primo... que é por parte de pai ou de mãe, aliás?

– De mãe. Minha mãe chamava-se Amy Vyse.

– *Bien*! Agora, além desse seu primo, como eu estava dizendo, tem mais algum outro parente?

– Alguns primos muito distantes em Yorkshire, esses por parte de pai.

– E mais ninguém?

– Não.

– Que solitária a senhorita deve ser.

Nick olhou para ele.

– Solitária? Mas que piada. Não passo muito tempo por aqui, sabe. Fico mais em Londres. Famílias são complicadas demais em geral. Alguém está sempre criando confusão ou se intrometendo. Acho muito mais divertido viver sozinha.

– Não vou entrar nesse mérito. É uma mulher moderna, mademoiselle. E agora, vamos falar sobre seus criados.

– Mas que exagero! Ellen é minha única criada. Há também o marido dela, que trabalha como jardineiro, embora não seja muito bom. Pago uma miséria a eles porque os deixo criarem o filho aqui. Ellen cuida de tudo quando estou em casa, mas, para dar uma festa, por exemplo, sempre temos que arrumar alguém que esteja disposto a ajudar. Aliás, vou dar uma festa na segunda. É a semana das regatas, sabia?

– Segunda... e hoje é sábado. Sim. Sim. Agora, mademoiselle, fale-me sobre os seus amigos. Aqueles com quem você almoçou hoje, por exemplo.

– Bom, Freddie Rice, aquela moça bonita, é praticamente minha melhor amiga. Ela teve uma vida muito difícil, foi casada com um animal, um homem que só bebia e se drogava, um traste da pior espécie. Ela o deixou um ou dois anos atrás e, desde então, tem andado por aí sem muito rumo. Queria tanto que ela se divorciasse logo para poder se casar com Jim Lazarus.

– Lazarus? O que vende obras de arte na Bond Street?

– O próprio. Jim é filho único. Ele nada em dinheiro. Viram o carro dele? Ele é judeu, claro, e é muito decente. E adora Freddie. Os dois vivem andando juntos. Eles estão passando o final de semana no Majestic, mas depois virão para cá na segunda.

– E o marido da sra. Rice?

– Aquele cafajeste? Ah, ele sumiu no mundo! Ninguém sabe onde ele está. Isso deixa Freddie em uma situação péssima. É impossível se divorciar de um homem que ninguém sabe onde está.

– *Evidemment*!

– Pobre Freddie – disse Nick, pensativa. – Ela teve muito azar. Eles quase chegaram a um acordo uma vez. Os dois conversaram, e ele se disse disposto a resolver a situação, mas não tinha dinheiro nem para pagar um hotel. Ela lhe emprestou uma certa quantia, mas ele pegou o dinheiro, sumiu e nunca mais foi visto. Achei muita maldade!

– Minha nossa! – exclamei.

– Meu amigo Hastings ficou chocado – comentou Poirot. – Precisa ter mais cuidado, mademoiselle. Ele não está muito acostumado com esse tipo de coisa. Passou muito tempo fora, vivendo em lugares distantes, e ainda precisa se readaptar aos assuntos de hoje em dia.

– Não entendo o porquê desse espanto – falou Nick, arregalando os olhos. – Afinal, todos sabem que pessoas desse tipo existem, não sabem? Mesmo assim, foi um golpe sujo. A pobre Freddie ficou sem um tostão na época, totalmente perdida.

– Sim, sim, não deve ter sido fácil. E o seu outro amigo, mademoiselle? O bom comandante Challenger?

– George? Eu o conheço há muito tempo! Bom, há uns cinco anos, na verdade. Ele é um bom homem.

– Ele quer se casar com a senhorita?

– Ele já falou sobre isso algumas vezes. Mas só de madrugada, ou depois de alguns copos de vinho.

– Mas a senhorita não tem interesse?

– Por que eu me casaria com ele? Nenhum de nós tem um tostão furado. Além disso, acharia um tédio viver com George. Não suporto aquele jeito bonzinho à moda antiga. Afinal, ele já deve ter mais de quarenta anos.

Esse comentário me deixou um tanto desconfortável.

– Ele de fato parece estar com um pé na cova – disse Poirot. – Ah, mas não se importe comigo, mademoiselle, sou só um senhor de idade, um sujeito qualquer. Mas fale-me mais sobre esses acidentes. O do quadro, por exemplo?

– Já o pendurei de volta com um fio novo. O senhor pode dar uma olhada se quiser.

Ela deixou a sala, e nós a seguimos até o quarto. O quadro em questão era uma pintura a óleo com uma moldura pesada, que ficava bem sobre a cabeceira da cama.

Após murmurar um pedido de licença, Poirot tirou os sapatos e subiu na cama. Ele examinou o quadro, o fio na parte de trás e então mediu com todo cuidado o peso da pintura. Em seguida, fazendo uma delicada careta, desceu de volta.

– De fato, isso faria um estrago e tanto se caísse na cabeça de alguém. O antigo fio, mademoiselle, era assim de arame como este de agora?

– Sim, mas não tão grosso. Comprei um mais forte desta vez.

– Claro, é compreensível. E você chegou a examinar o fio partido? As pontas estavam esfiapadas por acaso?

– Acho que sim, mas não reparei muito. Por que deveria?

– Exatamente. Por que deveria, não é mesmo? Mesmo assim, gostaria muito de dar uma olhada nesse fio. Ele ainda está por aqui em algum lugar?

– Bom, ele ainda estava preso no quadro. Acho que o homem que instalou o fio novo jogou o antigo fora mesmo.

– Que pena. Gostaria muito de analisá-lo.

– O senhor não acha que foi só um acidente? Não consigo pensar em nenhuma outra explicação.

– Talvez sim, talvez não. É impossível dizer. Mas o problema com os freios do seu carro com certeza não foi nenhum acidente. E quanto à pedra que rolou penhasco abaixo? Gostaria de dar uma olhada no lugar onde isso aconteceu.

Nick nos levou pelo jardim até a borda do penhasco. O mar reluzia com um azul lindo lá embaixo. Um caminho de terra descia pela face do rochedo. Nick nos mostrou onde o acidente havia ocorrido, e Poirot apenas acenou a cabeça com um ar pensativo e perguntou:

– Quantos caminhos levam até o jardim, mademoiselle?

– Vejamos, tem o caminho da frente, passando pelo chalé. E a entrada de serviço, uma porta que fica na metade daquela trilha. Tem também um portão aqui perto, na borda do penhasco, que dá para um caminho em zigue-zague que sobe da praia até o Hotel Majestic. E também se pode passar direto por uma abertura naquela cerca viva no jardim do Majestic; foi por lá que eu desci hoje de manhã. É um atalho que eu uso para ir à cidade.

– E o seu jardineiro? Onde ele costuma trabalhar?

– Bom, ele costuma ficar à toa na horta ou então no depósito, fingindo que amola as tesouras.

– Aquela barraca do outro lado da casa? Sendo assim, alguém poderia muito bem vir até aqui e rolar uma pedra penhasco abaixo sem que ninguém visse nada.

Nick estremeceu de repente.

– O senhor... acha mesmo que foi isso o que aconteceu? – perguntou ela. – Ainda não consigo acreditar. Parece-me algo tão inocente.

Poirot sacou a bala do bolso e olhou para o projétil.

– Isto não foi nada inocente, mademoiselle – disse ele.

– Deve ter sido algum maluco.

– Talvez. Esse é um tema interessante para uma conversa após um jantar: todos os criminosos têm no fundo algum problema mental? Teriam eles alguma má-formação no cérebro? Sim, é muito provável. Mas isso é um assunto para

médicos. Minha linha de trabalho é diferente. Tenho que pensar no inocente, não no culpado. Na vítima, não no criminoso. É na senhorita que estou pensando agora, mademoiselle, e não em seu agressor desconhecido. É uma bela jovem, o sol continua brilhando, o mundo é um lugar agradável e ainda tem muito amor e vida pela frente. É só nisso que estou pensando agora, mademoiselle. Mas me diga, esses seus amigos, a sra. Rice e o sr. Lazarus... há quanto tempo eles estão por aqui?

– Freddie chegou na quarta-feira. Ela passou uns dias em Tavistock com alguns amigos e veio para cá ontem. E Jim já estava por aqui a passeio, acho.

– E o comandante Challenger?

– Ele mora em Devonport e vem para cá de carro sempre que pode, nos finais de semana, em geral.

Poirot acenou a cabeça. Nós começamos a voltar. Houve um instante de silêncio e ele disse de repente:

– Tem alguma amiga de confiança, mademoiselle?

– Sim, Freddie.

– Fora a sra. Rice.

– Bom, não sei. Acho que sim. Por quê?

– Porque quero que chame uma amiga para ficar com você. Imediatamente.

– Ah!

Nick pareceu um tanto surpresa. Ela ficou um tempo em silêncio, pensando.

– Bom, tem a Maggie. Acho que posso chamá-la, talvez – disse ela, hesitante.

– Quem é Maggie?

– Uma das minhas primas de Yorkshire. É uma família muito grande. O pai dela é pastor, sabe. Maggie é mais ou menos da minha idade e às vezes vem para cá no verão. Mas ela é muito chata, uma daquelas meninas puristas de doer que só são bonitas por mero acaso. Eu estava esperando conseguir me livrar dela este ano.

– Não, não. Sua prima será uma ótima escolha, mademoiselle. É exatamente o tipo de pessoa que eu tinha em mente.

– Tudo bem – concordou Nick, suspirando. – Vou mandar um telegrama para ela. Não sei mais quem eu poderia chamar assim de última hora. Todos devem estar ocupados. Se ela não tiver nenhuma apresentação de coral ou alguma festa para ir, acho que vai aceitar, sim. Mas como o senhor acha que ela pode...

– Você poderia pedir-lhe para dormir no seu quarto?

– Acredito que sim.

– Ela não poderia pensar que isso é estranho?

– Ah, não. Maggie nunca pensa em nada. Ela simplesmente faz as coisas... mas faz de coração, sabe. É aquela coisa do trabalho cristão, tudo com fé e perseverança. Mas sem problemas, vou mandar um telegrama pedindo para que ela venha na segunda.

– Por que não amanhã?

– Com o trem de domingo? Assim ela vai achar que estou para morrer! Não, segunda está ótimo. Vocês vão contar a ela sobre essa terrível ameaça que paira sobre mim?

– *Nous verrons*. Ainda está achando graça em tudo isso? Fico contente em ver sua coragem.

– É uma mudança de rotina pelo menos – disse Nick.

Notei algo de estranho no tom de Nick enquanto olhava para ela. Fiquei com a impressão de que ela estava nos escondendo alguma coisa. Nós tínhamos voltado à sala de visitas, e Poirot começou a mexer no jornal que estava em cima do sofá.

– Leu isto aqui, mademoiselle? – perguntou ele de repente.

– A *Gazeta* de St. Loo? Na verdade, não. Só costumo ver a previsão do tempo que eles publicam toda semana.

– Entendo. Aliás, mademoiselle, por acaso já fez algum testamento?

– Sim, fiz o meu uns seis meses atrás, pouco antes da minha operação.

– *Qu'est ce que vous dites*? Fez uma operação?

– Sim, de apendicite. Comentaram que eu deveria fazer meu testamento, então fiz. Fiquei me sentindo tão importante!

– E o que dizia esse testamento?

– Que Charles herdaria esta casa. Eu não tinha muito mais o que deixar, mas o resto ficaria com Freddie. Eu nem tinha pensado nisso antes, mas acho que as minhas dívidas acabariam superando o meu espólio, na verdade.

Poirot apenas acenou com indiferença.

– Bom, acho que já vamos indo. *Au revoir*, mademoiselle. Tome cuidado.

– Com o quê? – perguntou Nick.

– A senhorita é inteligente mesmo. Sim, esse é o problema. Com o que deveria tomar cuidado? Como saber ao certo? Mas não se preocupe, mademoiselle. Prometo que vou descobrir a verdade em alguns dias.

– Até lá, tomarei cuidado com frascos de veneno, bombas, tiros, acidentes de carro e flechas envenenadas de índios sul-americanos – disse ela com um tom

alegre.

– Não brinque com isso, mademoiselle – rebateu Poirot, todo sério. Ele foi até a porta, mas parou antes de abri-la. – Aliás, quanto o sr. Lazarus lhe ofereceu pelo retrato do seu avô?

– Cinquenta libras.

– Ah! – exclamou Poirot.

Ele lançou um olhar grave para o sombrio rosto melancólico sobre a lareira.

– Mas, como já disse, não quero vender o meu velhinho.

– Claro – disse Poirot, pensativo. – Claro, eu entendo.

Capítulo 4

Há algo de estranho!

– Poirot – disse eu, assim que saímos. – Acho que você deveria saber de uma coisa.

– O que, *mon ami*?

Contei a ele a versão da sra. Rice sobre o problema com o carro.

– *Tiens! C'est intéressant, ça*! De fato, existem, sim, pessoas frívolas e histéricas que tentam chamar a atenção inventando situações que nunca aconteceram e histórias miraculosas sobre como escaparam da morte! Sim, conheço bem esse tipo. Elas às vezes até agridem seus próprios corpos para sustentar suas mentiras.

– Você não acha que...?

– Que mademoiselle seja assim? Não, não mesmo. Você viu como foi difícil convencê-la de que está em perigo, Hastings. E ela não tirou aquele sorriso jocoso e cético do rosto mesmo depois de toda a nossa conversa. Aquela jovem é de uma outra geração. De qualquer modo, o comentário da madame Rice é muito interessante. Por que ela diria isso? Ainda que fosse verdade, por que dizer isso? Acho tão desnecessário, quase gauche.

– Sim, é verdade. Ela começou a falar sobre isso sem motivo nenhum.

– Isso é curioso. Sim, muito curioso. Adoro esses pequenos fatos curiosos. Dizem muita coisa. Eles nos mostram o caminho.

– O caminho para onde?

– Você tocou em um ponto-chave, meu caro amigo. Para onde? É isso o que quero descobrir! Infelizmente, não teremos como saber até chegarmos lá.

– Diga-me, Poirot. Por que você insistiu que ela ficasse com alguém?

Empolgado, Poirot parou de andar e apontou o dedo para mim.

– Pense! – gritou ele. – Pense um pouco, Hastings. Pense no quanto estamos limitados! No quanto estamos de mãos atadas! Caçar um assassino depois que um crime já foi cometido, *c'est tout simple*! Ou pelo menos é simples para alguém com as minhas habilidades. Ao cometer um crime, o assassino acaba deixando sua assinatura, por assim dizer. Mas ainda não houve nenhum crime

neste caso e, mais do que isso, não queremos que ele venha a acontecer. Investigar um crime que ainda não foi cometido, isso sim é muito difícil. Qual seria a nossa primeira preocupação? A segurança de mademoiselle? Isso não seria nada fácil. Nem um pouco, Hastings. Não podemos ficar de olho nela dia e noite, não podemos nem sequer mandar um policial para protegê-la. Não podemos passar a noite de vigia no quarto de uma moça como ela. Não faltam dificuldades neste caso. Mas podemos fazer uma coisa. Podemos dificultar a situação para o assassino. Podemos deixar mademoiselle em alerta e trazer uma testemunha totalmente imparcial para ficar com ela. Só um homem muito inteligente conseguiria contornar essas duas circunstâncias – ele parou por um instante e, então, continuou usando um tom de voz muito diferente: – Mas o meu medo, Hastings...

– Sim?

– Meu medo é que ele de fato seja um homem muito inteligente. E eu não estou tranquilo com isso. Não mesmo, nem um pouco.

– Poirot, você está me deixando nervoso.

– Eu também estou nervoso. Escute só, meu amigo, você está lembrado daquele jornal, a *Gazeta* de St. Loo? Ele estava aberto e dobrado em cima do sofá, e adivinhe em qual página? Uma com um breve parágrafo que dizia: *"Entre os hóspedes do Hotel Majestic, estão Hercule Poirot e o capitão Hastings"*. E supondo, apenas supondo, que alguém tenha lido esse parágrafo, esse alguém deve me conhecer. Todos me conhecem.

– A srta. Buckley não conhecia – disse eu, abrindo um sorriso.

– Ela é uma cabeça de vento, não conta. Um homem sério, um criminoso, saberia quem eu sou. E teria medo! Ele ficaria pensando! Começaria a se questionar. Depois de três tentativas fracassadas de matar mademoiselle, Hercule Poirot aparece por aqui. "Seria uma coincidência?", ele deve ter se perguntado. E a hipótese de não ser mera coincidência o deixaria preocupado. O que ele poderia fazer?

– Talvez se esconder e tentar apagar seus rastros – sugeri.

– Sim, sim, ou então, se ele fosse realmente audacioso, atacaria mais uma vez o *quanto antes*, sem perder tempo. Antes que eu pudesse investigar qualquer coisa, *puf*!, mademoiselle já estaria morta. Isso é o que um homem audacioso faria.

– Mas por que você acha que alguém além da própria srta. Buckley leu aquele parágrafo?

– Não foi a srta. Buckley quem leu aquele parágrafo. Quando me apresentei, meu nome não significava nada para ela. Não era algo sequer familiar. Não notei qualquer reação em seu rosto. Além do mais, ela mesma disse que só abria o jornal para ler a previsão do tempo e nada mais. E não havia nenhuma tabela com a previsão do tempo naquela página.

– Você acha que alguém da casa poderia...?

– Alguém da casa ou que tenha acesso a ela, o que não seria muito difícil para ninguém, já que as janelas ficam sempre abertas. Estou certo de que os amigos da srta. Buckley entram e saem daquela casa à vontade.

– Você já tem alguma ideia? Alguma suspeita?

Poirot jogou as mãos para o alto.

– Nada! Seja lá qual for o motivo, como eu bem previ, não é nada óbvio. É isso o que dá segurança ao pretenso assassino, é por isso que ele foi tão ousado hoje pela manhã. A princípio, ninguém parece ter nenhum motivo para querer a morte da jovem Nick. O terreno? A Casa do Penhasco? Tudo isso ficaria para o primo, mas por que ele se interessaria por uma casa tão velha e tão endividada? Não foi nem a casa onde ele cresceu. Mal é um Buckley, lembre-se. Precisamos falar com esse tal Charles Vyse, é claro, mas essa hipótese me parece absurda demais. Depois, temos a grande amiga de Nick, aquela madame de olhos estranhos com um ar de donzela perdida...

– Você achou isso também? – perguntei, espantado.

– Qual seria o interesse dela nisso? Ela apressou-se em dizer a você que Nick era mentirosa. *C'est gentil, ça*! Por que ela diria isso a você? Teria medo de alguma coisa que Nick pudesse dizer? Essa coisa teria algo a ver com o carro? Ou será que ela só usou isso como exemplo e estava preocupada com outra coisa na verdade? Alguém mexeu mesmo no carro? Se sim, quem? E será que ela ficou sabendo disso? Depois, temos o belo monsieur Lazarus, o rapaz loiro. Onde ele se encaixaria? Já é rico e até tem aquele carrão maravilhoso. Que tipo de interesse poderia ter? E temos também o comandante Challenger...

– Não é ele – interrompi. – Tenho certeza. Ele é um bom homem.

– Sem dúvida, imagino que você deva vê-lo como um homem muito correto. Felizmente, por ser estrangeiro, não tenho em mim nenhum desses preconceitos e posso conduzir esta investigação sem esse viés. Mas admito que não consigo imaginar como o comandante Challenger poderia estar ligado a este caso. Aliás, duvido que esteja.

– É claro que não está – disse eu com firmeza.

Poirot olhou para mim com um ar pensativo.

– Você causa um efeito extraordinário em mim, Hastings. Você aponta com tanta veemência na direção errada que às vezes quase chega a me convencer! Você é daquele tipo admirável de homem, honesto, crédulo e honrado que sempre acaba caindo nos golpes de qualquer pilantra. Do tipo que investe em campos de petróleo e minas de ouro que nunca existiram. São pessoas como você que sustentam a vida dos vigaristas deste mundo. Pois bem! Vou investigar esse tal comandante Challenger. Você despertou minhas dúvidas.

– Meu caro Poirot! – esbravejei. – Você está sendo ridículo! Um homem que já viajou o mundo como eu...

– Nunca aprende – disse Poirot, melancólico. – É incrível, mas é a verdade.

– Você acha mesmo que o meu rancho na Argentina teria feito tanto sucesso se eu fosse esse tipo de idiota ingênuo que você diz?

– Não se exaspere, *mon ami*. Você teve muito sucesso, você e sua esposa.

– Bella sempre confia nos meus julgamentos – falei.

– Ela é tão sensata quanto encantadora – avaliou Poirot. – Não quero discutir, meu amigo. Veja só, ali mais à frente tem uma placa que diz "Oficina do Mott". Acho que essa é a oficina da qual mademoiselle Buckley nos falou. Algumas perguntas logo poderão nos levar à verdade sobre o incidente com o carro.

Entramos no lugar, e Poirot se apresentou como um cliente que estava ali por recomendação da srta. Buckley. Ele fez algumas perguntas sobre quanto custaria para alugar um carro por uma tarde e passou facilmente para o assunto do problema no freio que o carro da srta. Buckley havia apresentado há pouco tempo.

O dono da oficina logo desatou a falar, dizendo que foi a coisa mais incrível que já tinha visto, e então começou a usar termos técnicos. Infelizmente, não sou alguém muito versado em mecânica, muito menos Poirot, imagino. Ainda assim, alguns fatos vieram à tona. Alguém de fato havia mexido no carro. O estrago causado foi algo muito simples, feito em pouquíssimo tempo.

– Muito bem – disse Poirot enquanto íamos embora. – A jovem Nick estava certa, e o monsieur Lazarus, errado. Hastings, meu amigo, tudo isso é muito interessante.

– O que vamos fazer agora?

– Vamos ao correio enviar um telegrama, caso ainda dê tempo.

– Um telegrama? – perguntei com estranheza.

– Sim – afirmou Poirot, pensativo. – Um telegrama.

O correio ainda estava aberto. Poirot escreveu um telegrama e o enviou sem me dar qualquer informação sobre seu conteúdo. Pressentindo que ele no fundo queria que eu lhe perguntasse sobre aquilo, preferi me abster de qualquer comentário.

– É uma pena que amanhã seja domingo – comentou enquanto voltávamos para o hotel. – Só poderemos falar com o monsieur Vyse na segunda de manhã.

– Nós poderíamos ir até a casa dele.

– É claro. Mas é justamente isso o que eu não quero fazer. Gostaria primeiro de consultá-lo como um profissional para formar meu julgamento sobre ele nesse sentido.

– Sim, imagino que seria melhor mesmo – disse eu, pensativo.

– A resposta de uma simples pergunta, por exemplo, já pode fazer uma grande diferença. Se o monsieur Charles Vyse disser que estava em seu escritório hoje ao meio-dia e meia, não pode ter sido ele quem disparou aquele tiro no jardim do Hotel Majestic.

– Não seria melhor examinarmos os álibis daqueles três que estavam no hotel?

– Isso não é tão simples assim. Seria muito fácil para qualquer um deles deixar os outros por alguns minutos, escapar por alguma das inúmeras janelas do hotel, correr até o jardim, dar o tiro e voltar rapidamente para dentro. Mas calma, *mon ami*, nós ainda nem sabemos se já elencamos todos os personagens desta trama. Há ainda a nobre Ellen e seu marido que até agora não conhecemos. Os dois moram na casa e poderiam muito bem ter alguma desavença com a nossa pequena mademoiselle. Isso sem falar no casal de australianos do chalé. E talvez a srta. Buckley tenha outros amigos e conhecidos dos quais ela não tem nenhum motivo para desconfiar e por isso mesmo não nos falou. Não consigo evitar a sensação de que ainda há algo a mais *por trás* de tudo isso... algo que ainda não veio à tona. Acho que a srta. Buckley sabe mais do que nos revelou.

– Acha que ela está escondendo alguma coisa?

– Sim.

– Talvez tentando proteger alguém?

Poirot balançou a cabeça com veemência.

– Não, não. Até o momento, acredito que ela tenha sido completamente sincera. Estou convencido de que, pelo menos quanto aos ataques, ela nos contou mesmo tudo o que sabia. Mas há alguma outra coisa... alguma coisa da qual ela nem sequer suspeita. E quero descobrir que coisa é essa. Porque eu, e digo isso com toda a modéstia, sou muito mais inteligente do que *une petite comme ça*.

Eu, Hercule Poirot, posso enxergar conexões que ela nem imagina. Talvez seja essa a pista que estou procurando. Porque, com toda franqueza e humildade, Hastings, devo admitir que estou, como você costuma dizer, perdido no mar. Enquanto eu não encontrar algum lampejo de razão por trás disso tudo, estou tateando no escuro. Deve haver *alguma coisa*, algum fator neste caso que ainda não consegui equacionar. Mas o que seria? *Je me demande ça sans cesse. Qu'est-ce que c'est*?[2]

– Você vai descobrir – falei para reconfortá-lo.

– Espero que sim. Antes que seja tarde demais – disse ele, muito sério.

Capítulo 5

Sr. e sra. Croft

Naquela noite, houve um baile no hotel. Nick Buckley apareceu com seus amigos para jantar e nos cumprimentou com um alegre aceno.

Ela estava usando um longo vestido de chiffon que ia até o chão, com o pescoço e os ombros pálidos despontando sobre o decote, além de sua pequenina cabeça de moça atrevida com cabelos escuros.

– Mas que diabinha encantadora – comentei.

– E que contraste com a amiga, não? – Frederica Rice estava de branco. Ela dançava com uma graciosidade lânguida de mulher exausta completamente diferente da empolgação vista na jovem Nick. – Ela é muito bonita – disse Poirot de repente.

– Quem? Nick?

– Não, a outra. Seria uma pessoa má? Ou uma pessoa boa? Seria apenas infeliz? É difícil dizer. Ela é um mistério. Ou talvez nem isso. Mas uma coisa é certa, meu amigo, é uma *allumeuse* [3].

– Como assim? – perguntei, curioso.

Poirot apenas balançou a cabeça, abrindo um sorriso.

– Cedo ou tarde, você vai entender. Lembre-se das minhas palavras.

Para a minha surpresa, Poirot se levantou de repente. Nick estava dançando com George Challenger. Frederica e Lazarus tinham acabado de voltar à mesa. Em seguida, Lazarus levantou e retirou-se do salão, deixando a sra. Rice sozinha. Poirot foi direto até a mesa onde ela estava, e eu o segui.

Poirot foi muito direto em sua abordagem.

– A senhora me permite? – perguntou, pondo a mão no encosto da cadeira e, em seguida, puxando-a para se sentar. – Gostaria muito de conversar por um instante enquanto sua amiga está dançando.

– Pois não? – a voz dela era fria, desinteressada.

– Madame, talvez sua amiga já tenha comentado. Caso não tenha, eu o farei agora. Hoje pela manhã, Nick foi vítima de uma tentativa de homicídio.

Os olhos baços de Frederica se arregalaram, cheios de horror e surpresa. Suas pupilas, negras e dilatadas, arregalaram-se também.

– Como assim?

– Alguém tentou dar um tiro na mademoiselle Buckley no jardim do hotel.

Ela abriu um sorriso de repente; um sorriso gentil, piedoso e incrédulo.

– Foi Nick quem disse isso ao senhor?

– Não, madame, eu por acaso testemunhei o ocorrido com meus próprios olhos. Inclusive, aqui está a bala.

Ele mostrou o projétil, e ela pareceu se assustar um pouco.

– Mas então... então...

– Isto não é nenhum fruto da imaginação de mademoiselle, posso lhe garantir. E não foi só isso. Vários outros acidentes muito estranhos aconteceram nos últimos dias. Talvez a senhora até já saiba... ou não, talvez não saiba. Só chegou ontem por aqui, não é mesmo?

– Sim, ontem.

– Soube que esteve com alguns amigos antes disso. Em Tavistock.

– Isso mesmo.

– E como se chamam esses amigos com quem ficou, madame?

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Por que o senhor quer saber? – rebateu com frieza.

Poirot foi pego de surpresa e reagiu com um ar inocente.

– Mil perdões, madame. Creio que me expressei mal. Acontece que eu também tenho amigos em Tavistock e pensei que talvez a senhora pudesse tê-los encontrado por lá... São os Buchanan.

A sra. Rice balançou a cabeça.

– Não que eu me lembre. Acho que não os conheço – respondeu, agora já com um tom mais cordial. – Mas não vamos perder tempo com gente chata. Fale mais sobre Nick. Quem tentou atirar nela? E por quê?

– Isso eu não sei... ainda – disse Poirot. – Mas vou descobrir. Ah, se vou! Como a senhora deve saber, sou um detetive. Meu nome é Hercule Poirot.

– O senhor é muito famoso.

– Isso é gentileza sua, madame.

– O que o senhor quer que eu faça? – perguntou.

Acho que isso nos pegou de surpresa. Nenhum de nós esperava essa reação.

– Gostaria que ficasse de olho em sua amiga, madame.

– Claro.

– Isso é tudo.

Ele se levantou, fez uma rápida reverência, e então voltamos para a nossa mesa.

– Poirot, você não acha que talvez esteja se expondo demais?

– O que mais posso fazer, *mon ami*? Sei que poderia ser mais sutil, mas isso me dá mais segurança. *Não posso correr nenhum risco*. De qualquer maneira, uma coisa já está muito clara.

– O quê?

– *A sra. Rice não esteve em Tavistock*. Onde ela teria passado esses dias? Ainda não sei, mas vou descobrir! É impossível esconder qualquer coisa de Hercule Poirot. Veja só, o belo Lazarus acabou de voltar. Ela está contando tudo para ele. E ele agora está olhando para nós. É um sujeito muito esperto. Repare no formato de sua cabeça. Ah, como eu queria saber...

– Saber o quê? – perguntei enquanto parávamos de andar.

– O que só vou descobrir na segunda – respondeu em um tom enigmático.

Olhei para ele, mas não disse nada. Ele suspirou.

– Você já não tem mais curiosidade alguma, meu amigo. Nos velhos tempos...

– Eu me recuso a dar certos prazeres a você – eu disse com frieza.

– Como quais?

– O prazer de se negar a responder minhas perguntas.

– *Ah, c'est malin*! [4]

– Eu também acho.

– Ah, certo, certo – murmurou Poirot. – Muito bem, Hastings, o homem forte e calado que todos os romancistas da Era Eduardiana adorariam conhecer.

Seus olhos reluziram com o velho brilho de antigamente.

Nick passou pela nossa mesa pouco depois. Ela se despediu de seu parceiro de dança e veio até nós como um lindo pássaro colorido.

– Olhem só para mim, dançando à beira da morte – disse com alegria.

– Está gostando dessa sensação, mademoiselle?

– Sim, é muito divertido.

Em seguida, ela voltou a se afastar, acenando para nós com a mão.

– Mas que coisa horrível para se dizer – comentei. – "Dançando à beira da morte." Não gostei nada disso.

– Eu sei. É verdadeiro demais. Ela é uma moça corajosa. Sim, muito corajosa. Infelizmente, não é de coragem que precisamos agora. Precisamos de cautela, *voilà ce qu'il nous faut*![5]

O dia seguinte era domingo. Ficamos sentados no terraço em frente ao hotel, e já eram quase onze e meia quando Poirot se levantou de repente.

– Venha, meu amigo. Vamos fazer uma experiência. Acho que o monsieur Lazarus e a madame saíram de carro com a mademoiselle. Nosso caminho está livre.

– Livre para o quê?

– É o que vamos ver.

Descemos a escada e atravessamos uma faixa de grama até o mar. Um casal de banhistas estava subindo e passou por nós, rindo e conversando.

Assim que se afastaram, Poirot foi até onde ficava um pequeno portão todo enferrujado com uma placa que dizia "Casa do Penhasco. Propriedade Particular" em letras já quase apagadas. Não havia mais ninguém por perto, e então passamos em silêncio por ali.

Depois de mais um minuto, chegamos ao jardim em frente à casa. Não havia ninguém por ali também. Poirot seguiu então até a borda do penhasco, olhou para baixo e depois voltou até a entrada da casa. As janelas francesas na varanda estavam abertas, e nós entramos direto pela sala de visitas. Poirot não perdeu tempo por lá. Abriu a porta e partiu para o saguão. Subiu as escadas, comigo logo atrás, e foi direto até o quarto de Nick, onde sentou-se na cama e acenou a cabeça para mim com um brilho nos olhos.

– Viu como foi fácil, meu amigo? Ninguém nos viu entrar e ninguém nos verá sair. Nós poderíamos fazer qualquer coisa aqui em perfeito anonimato. Poderíamos, por exemplo, desgastar o fio de um quadro para que ele ficasse prestes a cair sobre a cabeça de algum desavisado. E mesmo que alguém por acaso tivesse nos visto entrando, teríamos uma desculpa perfeitamente aceitável para isso, já que agora somos amigos de mademoiselle.

– Então você acha que não foi um desconhecido?

– Exatamente, Hastings. Não é nenhum lunático qualquer quem está por trás de tudo isso. O culpado deve ser alguém muito mais próximo.

Ele saiu do quarto, e eu o segui. Nenhum de nós disse nada. Acho que estávamos preocupados demais para falar.

Em seguida, ao nos aproximarmos da escada, nós dois paramos de repente. Um homem estava subindo.

Ele também parou. Seu rosto estava encoberto entre as sombras, mas sua postura era de completa surpresa. Ele foi o primeiro a falar, com uma voz alta e um tanto ríspida.

– O que diabos vocês estão fazendo aqui?

– Ah! – exclamou Poirot. – Monsieur... Croft, presumo eu?

– Sim, esse é o meu nome, mas...

– Podemos ir até a sala para conversar? Acho que seria melhor.

O homem nos abriu caminho, virou-se abruptamente e desceu enquanto nós o seguimos. Já na sala de visitas e com a porta fechada, Poirot fez uma pequena reverência para o sujeito.

– Permita-me me apresentar. Sou Hercule Poirot, às suas ordens.

O rosto do homem pareceu ficar um pouco mais tranquilo.

– Ah! – disse, devagar. – É o tal detetive. Já li sobre o senhor.

– Na *Gazeta* de St. Loo?

– Hã? Não, li sobre o senhor na Austrália. O senhor é francês, não é?

– Belga. Mas tudo bem. Este aqui é o meu amigo, o capitão Hastings.

– É um prazer conhecê-los. Mas que ideia foi essa? O que vocês estão fazendo aqui? Houve algum problema?

– Isso depende do que o senhor chamaria de "problema".

O australiano acenou a cabeça. Tratava-se de um homem bem-apessoado, apesar da cabeça careca e sua idade um tanto avançada. Seu corpo era magnífico. Ele tinha um rosto forte e um tanto projetado para a frente – uma aparência bruta, ao que me pareceu. O azul penetrante de seus olhos era de longe seu traço mais notável.

– Bom... – iniciou ele. – Eu só passei para deixar alguns tomates e um pepino para a srta. Buckley. Aquele jardineiro dela não presta para nada, é um preguiçoso! Ele nunca consegue plantar coisa nenhuma. É um vagabundo. Eu e minha mulher achamos isso um absurdo, então tentamos ser bons vizinhos! Nossa horta dá muito mais tomates do que precisamos. Vizinhos têm que ser amigos, não é mesmo? Eu entrei pela janela como sempre e deixei a cesta no chão. Já estava de saída quando ouvi passos e vozes de homem lá em cima e achei estranho. Não há muitos ladrões por estas bandas, mas nunca se sabe, então pensei em dar uma olhada só para garantir. Aí vi vocês dois descendo a escada. Foi uma surpresa e tanto. E agora o senhor me diz que é um detetive famoso e tudo mais. O que está acontecendo?

– É muito simples – disse Poirot, sorrindo. – Houve um estranho acidente no quarto da mademoiselle algumas noites atrás. Um quadro que ficava em cima da cama caiu da parede. Talvez ela até tenha comentado com o senhor.

– Comentou sim. Ela escapou por pouco dessa.

– Só por segurança, prometi a ela que compraria um fio especial para o quadro. Afinal, não gostaria que isso se repetisse, entende? Ela me disse que não

estaria em casa hoje, mas que eu poderia vir até aqui para medir o tamanho do fio. E *voilà*, é por isso que estamos aqui.

Ele jogou as mãos para o alto com uma inocência quase infantil e abriu seu sorriso mais cativante.

Croft respirou fundo.

– Então era só isso?

– Sim, não há com o que se preocupar. Eu e meu amigo somos cidadãos muito corretos.

– Eu não vi vocês ontem? – questionou Croft. – Ontem à tarde. Acho que vocês passaram por mim.

– Ah, sim! O senhor estava trabalhando no jardim e teve até a gentileza de nos desejar uma boa tarde enquanto passávamos.

– Isso mesmo. Ora, ora. Então o senhor é o famoso Hercule Poirot de quem eu tanto ouvi falar. Diga-me, o senhor está muito ocupado? Porque, se não estiver, gostaria muito que viesse tomar uma xícara de chá australiano comigo, assim o senhor poderia conhecer a minha mulher. Ela já leu muito sobre o senhor nos jornais.

– É muita gentileza da sua parte, monsieur Croft. Estamos livres, sim, e seria um prazer.

– Que ótimo.

– Você anotou bem as medidas do fio, Hastings? – perguntou Poirot, virando-se para mim.

Disse que sim, e nós deixamos a casa na companhia do nosso novo amigo.

Nós logo percebemos que Croft era um sujeito falador. Ele nos contou sobre sua antiga casa em Melbourne, suas dificuldades no começo da vida, a história de como ele havia conhecido sua esposa, seus esforços junto com ela e como eles por fim tiveram muita sorte e sucesso.

– Depois de casados, decidimos viajar – disse ele. – Sempre tivemos vontade de conhecer o velho continente. E foi o que fizemos. Nós viemos para cá pensando em encontrar a família da minha mulher, eles são todos daqui, mas não tivemos muita sorte. Depois disso, viajamos pelo resto do continente e conhecemos Paris, Roma, os lagos italianos, Florença, todos esses lugares. Foi na Itália onde aconteceu o acidente de trem. Minha pobre esposa ficou muito machucada. É uma lástima, não acham? Já a levei aos melhores médicos, e todos dizem a mesma coisa, que o único remédio agora é o tempo, tempo e repouso. Ela machucou a coluna.

– Mas que fatalidade!

– Uma falta de sorte, não é? Bom, mas aconteceu. E ela só tinha mais um único desejo, que era vir para cá. Ela achou que, se tivéssemos uma casinha só para nós dois, algum lugar pequeno, tudo poderia correr melhor. Nós vimos várias casas caindo aos pedaços, mas, por sorte, acabamos encontrando este chalé. Aqui é um lugar bonito, tranquilo, isolado; nada de carros passando ou vizinhos ouvindo vitrola. Nos mudamos para cá na mesma hora.

Nós chegamos à entrada do chalé. Ele soltou um berro para dentro da casa, gritando "*Cooee*!" [6], e foi respondido por outro "*Cooee*!" de igual intensidade.

– Venham – disse o sr. Croft. Ele passou pela porta aberta e subiu um curto lance de escadas até um quarto aconchegante. Deitada em um sofá ali, estava uma mulher robusta de meia-idade com belos cabelos grisalhos e um sorriso muito meigo.

– Sabe quem é este aqui, mulher? – inquiriu o sr. Croft. – Um dos detetives mais famosos do mundo, o sr. Hercule Poirot! Eu o trouxe aqui para conversar um pouco com a senhora.

– Mas veja só! – exclamou a sra. Croft, apertando a mão de Poirot com muita empolgação. – Eu li tudo sobre o caso do Trem Azul, no qual o senhor por acaso estava, e sobre seus outros casos também. Desde que tive este meu problema nas costas, acho que já li todas as histórias de detetives do mundo! Nada mais me ajuda a passar melhor o tempo. Bert, meu querido, peça para que a Edith traga um chá.

– Claro.

– Edith é uma espécie de enfermeira – explicou a sra. Croft. – Ela vem todas as manhãs para me ajudar. Nós não precisamos de nenhum criado mesmo. Bert cozinha e cuida da casa como ninguém, o que é bom, porque o deixa ocupado; além do jardim, é claro.

– Prontinho! – exclamou o sr. Croft, voltando com uma bandeja. – Aqui está o chá. Este é um grande dia para nós, mulher.

– O senhor está ficando por aqui? – perguntou a sra. Croft enquanto se inclinava um pouco para pegar o bule.

– Sim, sim, madame, viemos passar férias aqui.

– Mas li que o senhor havia se aposentado. Imagino que esteja de férias em definitivo agora.

– Ah, madame! Não podemos acreditar em tudo o que lemos nos jornais.

– Bom, é verdade. Então o senhor continua na ativa?

– Quando acho um caso que me interessa, sim.

– O senhor não veio aqui a trabalho, veio? – perguntou o sr. Croft com toda perspicácia. – Dizer que está de férias poderia ser só uma parte da sua estratégia.

– Não faça perguntas constrangedoras, Bert – disse a sra. Croft. – Isso não é jeito de tratar as visitas! Somos pessoas muito simples, sr. Poirot, e é uma grande honra recebê-los aqui hoje. O senhor não imagina o quanto isso é importante para nós.

Ela foi tão natural e sincera que conquistou meu coração.

– O caso do quadro foi um acidente terrível – disse o sr. Croft.

– A pobrezinha poderia até ter morrido – completou a sra. Croft, profundamente comovida. – Nick é tão cheia de vida. Ela alegra o lugar sempre que aparece. Mas nem todos gostam dela por aqui, pelo que sei. Acho que os britânicos são assim mesmo. Eles não gostam de tanta alegria e animação nas mulheres. É fácil entender por que ela não passa muito tempo por estas bandas. E aquele primo narigudo dela tem tanta chance de conseguir convencê-la a se casar com ele quanto... quanto... ah, nem sei o quê!

– Não fique fofocando, Milly – reprimiu o marido.

– Ah! – exclamou Poirot. – Não, imagine! Acho que estamos no caminho certo. Confie em seus instintos, madame! Então quer dizer que o monsieur Charles Vyse está apaixonado pela nossa querida amiga?

– Ele é louco por ela – prosseguiu a sra. Croft. – Mas ela não quer se casar com um advogado do interior. Não a culpo. Ele é um tonto também. Eu queria que ela se casasse com aquele belo marinheiro... como ele se chama? Challenger! Ela poderia escolher coisa muito pior. Ele é mais velho, mas qual é o problema disso? O que ela precisa é de estabilidade. Não pode continuar zanzando por aí de um lugar para o outro sozinha ou com aquela esquisita da sra. Rice. Nick é uma moça formidável, sr. Poirot, isso posso garantir. Mas confesso que estou preocupada. Ela não tem me parecido mais tão feliz ultimamente e anda com uma expressão até um tanto perturbada. Isso é muito estranho! E tenho meus motivos para me preocupar com aquela moça, não tenho, Bert?

O sr. Croft se levantou da cadeira de supetão.

– Não há por que falar disso, Milly – disse ele. – Aliás, gostaria de ver algumas fotos da Austrália, sr. Poirot?

O resto de nossa visita transcorreu sem maiores novidades. Dez minutos depois, nós nos retiramos.

– Boa gente – comentei. – Tão simples e modestos. Típicos australianos.

– Gostou deles, então?

– E você, não?

– Eles foram muito agradáveis, muito gentis.

– Bom, qual é o problema então? Você claramente reparou em alguma coisa.

– Talvez eles sejam australianos um tanto "típicos" demais – disse Poirot, pensativo. – O jeito como eles gritaram "*cooee*!", a insistência em nos mostrar tantas fotos... aquilo não lhe pareceu um tanto exagerado?

– Mas como você é desconfiado!

– Você tem razão, *mon ami*. Desconfio de tudo e de todos. E estou com medo, Hastings, muito medo.

Capítulo 6

Uma visita ao sr. Vyse

Poirot mantinha-se fiel à simplicidade do café da manhã continental. Ele sempre disse que me ver comendo ovos e bacon tão cedo o incomodava. Por isso mesmo, ele preferia tomar seu café com pãezinhos na cama enquanto eu começava o dia com um tradicional desjejum britânico regado a muito bacon, ovos e geleias.

Na segunda de manhã, passei pelo quarto de Poirot enquanto descia as escadas. Ele estava sentado na cama, usando um belíssimo roupão.

– *Bonjour*, Hastings. Estava prestes a chamá-lo mesmo. Você poderia ir até a Casa do Penhasco entregar este bilhete que escrevi à mademoiselle?

Estendi minha mão para pegar o papel. Poirot olhou para mim e suspirou.

– Ah, Hastings, por que você não divide seu cabelo ao meio em vez de penteá-lo para o lado? Isso faria uma diferença enorme na simetria do seu rosto. E esse seu bigode? Se você quer usar um bigode, então use um bigode de verdade... um bem bonito como o meu!

Tive que me esforçar para conter um calafrio ao pensar nessa ideia, mas peguei o bilhete com firmeza da mão de Poirot e me retirei.

Assim que voltei a me encontrar com ele em nossa sala de estar, soubemos que a srta. Nick havia chegado, e Poirot pediu para que ela subisse.

Ela entrou alegre como sempre, mas notei que suas olheiras agora pareciam mais profundas do que antes. Nick estava trazendo um telegrama, que entregou a Poirot.

– Pronto – disse ela. – Espero que isso deixe o senhor contente.

Poirot leu o telegrama em voz alta.

– Chego cinco e meia hoje. Maggie.

– Minha nova guardiã! – exclamou Nick. – Mas isso não vai adiantar nada, sabe. Maggie é uma tapada. Tudo o que ela sabe fazer é trabalhar. Trabalhar e nunca entender qualquer piada. Freddie seria uma opção muito melhor para ficar de olho em assassinos sorrateiros. E Jim Lazarus melhor ainda. Acho que nunca alguém entendeu muito bem aquele sujeito.

– E o comandante Challenger?

– Ah, George? Ele é distraído, nunca veria nada nem se o criminoso estivesse bem debaixo de seu nariz. Mas daria um jeito nele assim que o visse. Acho que ele seria muito útil se eu fosse atacada – ela tirou o chapéu e continuou falando. – E pedi para que Ellen deixasse entrar aquele homem sobre quem o senhor me escreveu. É tudo tão misterioso! Ele vai instalar algum gravador ou algo assim na minha casa?

Poirot balançou a cabeça.

– Não, não é nada científico. É só para ter uma opinião, mademoiselle. Só para me tirar uma dúvida.

– Ah, pois bem – disse Nick. – Isso é tudo tão divertido, não é?

– Acha mesmo, mademoiselle? – perguntou Poirot com gentileza.

Ela ficou um instante de costas para nós, olhando para a janela. Em seguida, virou-se de volta. Toda a bravura de antes havia se esvaído de seu rosto, agora contraído como o de uma criança enquanto ela se esforçava para conter as lágrimas.

– Não – disse ela. – Eu... sei que não é. Estou com medo. Com muito, muito medo. E justo eu que sempre me achei tão corajosa.

– E a senhorita é sim, *mon enfant*, é sim. Hastings e eu admiramos muito a sua coragem.

– Sim, é verdade – confirmei para reconfortá-la.

– Não – disse Nick, balançando a cabeça. – Eu não sou corajosa. O pior de tudo é essa tensão. A tensão de ficar o tempo inteiro pensando se mais alguma coisa vai acontecer. E como vai acontecer! E de ficar esperando acontecer.

– Sim, sim, é estressante.

– Ontem à noite mesmo, eu puxei minha cama para o meio do quarto. Fechei a janela e tranquei a porta. E, quando tive que vir para o hotel hoje, acabei descendo pela estrada. Eu simplesmente não consigo mais passar pelo jardim. É como se eu tivesse perdido todas as minhas forças de repente. Já não bastasse todo o resto, agora tenho isso para me preocupar!

– Como assim, mademoiselle? Que todo o resto seria esse?

Ela ficou um instante em silêncio antes de responder.

– Ah, nada em especial. Deve ser o que os jornais chamam de “estresse da vida moderna”. Coquetéis demais, cigarros demais, esse tipo de coisa. Acho que cheguei a um ponto em que estou simplesmente um caco!

Ela se afundou na cadeira em que estava sentada e ficou remexendo as mãos com um ar nervoso.

– Não está sendo sincera, mademoiselle. Deve ter alguma coisa.

– Não tem, não, juro que não tem.

– Tem algo que ainda não me contou.

– Eu já contei ao senhor tudo o que sabia!

Ela parecia estar sendo muito franca e sincera.

– Sim, sobre aqueles acidentes e os ataques que sofreu.

– O que mais o senhor quer saber então?

– Mas ainda não me contou tudo o que está se passando no seu coração, na sua vida...

– Como alguém poderia saber...? – gaguejou ela.

– Ah, então a senhorita admite! – exclamou Poirot, triunfante. Ela balançou a cabeça enquanto ele a encarava com empolgação. – Talvez seja esse o seu segredo?

Por um instante, achei ter visto um lampejo de dúvida nos olhos de Nick, mas ela se levantou logo em seguida.

– Estou sendo sincera, sr. Poirot. Já contei tudo o que sabia sobre esse assunto idiota. Se acha que sei de algo ou suspeito de alguma outra pessoa, o senhor está errado. É justamente o fato de não suspeitar de ninguém o que está me levando à loucura! Porque eu não sou nenhuma idiota. Eu sei que aqueles "acidentes" não foram acidentes, foram ataques tramados por alguém muito próximo, alguém que me conhece. E isso é o pior de tudo! Porque não faço a mínima ideia, a mínima mesmo, de quem possa ser essa pessoa!

Ela voltou até a janela e ficou olhando para fora. Poirot fez um sinal para que eu não dissesse nada. Imaginei que ele estivesse esperando mais alguma revelação, agora que a moça estava claramente abalada.

Quando ela voltou a falar, seu tom de voz estava diferente, alheio e distante.

– Sabe um desejo estranho que sempre tive? Eu adoro aquela casa. Sempre quis encenar uma peça na Casa do Penhasco. Aquele lugar tem uma atmosfera... dramática. Já imaginei todos os tipos de peças que poderia encenar. E, agora, é como se um drama de fato estivesse sendo encenado lá. Só que eu não sou a produtora... sou uma personagem! Uma das personagens principais! Aliás, posso muito bem ser a pessoa que morre no último ato!

Ela não conseguiu continuar.

– Calma, calma, mademoiselle – disse Poirot com um tom resoluto. – Não fique assim. Essa histeria não é nada saudável.

Ela se virou e lançou um olhar penetrante para ele.

– Foi Freddie quem disse ao senhor que sou histérica? – perguntou Nick. – Ela às vezes fala isso de mim. Mas não se pode acreditar em tudo o que ela diz. Algumas vezes, ela simplesmente não fala nada com nada.

Houve um instante de silêncio e, em seguida, Poirot a fez uma pergunta que me pareceu completamente irrelevante.

– Diga-me, mademoiselle, alguém já fez alguma oferta pela Casa do Penhasco?

– Para que eu a vendesse, o senhor quer dizer?

– Exatamente.

– Não.

– Você pensaria a respeito se recebesse uma boa oferta?

Nick pensou por um instante.

– Não, acho que não. Digo... a menos que fosse uma oferta tão espetacular que só um idiota não a aceitaria.

– *Précisément*.

– Mas não quero vender aquela casa, porque gosto muito dela.

– Claro, claro. Eu entendo.

Nick caminhou lentamente até a porta.

– Aliás, haverá uma queima de fogos hoje à noite. Vocês estão pensando em ir? Será às nove e meia, depois do jantar, às oito. A vista do jardim em frente ao porto é esplêndida.

– Será um prazer.

– Vocês dois estão convidados, é claro – disse Nick.

– Muito obrigado – respondi.

– Nada como uma festa para avivar os ânimos – comentou Nick. Ela deu uma risadinha e se retirou.

– *Pauvre enfant* – disse Poirot.

Ele tirou o chapéu e removeu uma minúscula partícula de pó com todo cuidado.

– Vamos sair? – perguntei.

– *Mais oui*, temos assuntos legais para resolver, *mon ami*.

– Claro, já entendi.

– Alguém tão brilhante como você certamente entenderia, Hastings.

O escritório dos senhores Vyse, Trevannion e Wynnard ficava na avenida principal da cidade. Subimos pela escada até o primeiro andar e entramos em uma sala onde três atendentes estavam ocupados fazendo anotações. Poirot pediu para ver o sr. Charles Vyse.

Um dos atendentes murmurou algumas palavras em um telefone. Após receber uma resposta aparentemente afirmativa, ele comentou que o sr. Vyse nos veria agora mesmo e nos levou por um corredor, onde então bateu em uma porta e abriu caminho para que entrássemos.

Atrás de uma mesa grande cheia de documentos legais, o sr. Vyse se levantou para nos cumprimentar.

Ele era um jovem alto e um tanto pálido de feições apáticas, que usava óculos e tinha as têmporas já um pouco calvas. A cor de sua pele era bonita, mas indeterminável.

Poirot veio preparado para este encontro. Por sorte, ele havia trazido na mala um contrato ainda sem assinatura e disse ao sr. Vyse que gostaria de discutir alguns pontos técnicos do documento.

Com uma fala cuidadosa e muito correta, o sr. Vyse logo respondeu a todas as supostas dúvidas de Poirot e esclareceu algumas passagens mais obscuras do contrato.

– Muitíssimo obrigado – murmurou Poirot. – Para um estrangeiro como eu, todos esses termos e expressões legais são um grande desafio, o senhor deve entender.

Foi então que o sr. Vyse perguntou quem havia recomendado seus serviços.

– A srta. Buckley – disse Poirot prontamente. – Ela é sua prima, não é? Uma jovem muito encantadora. Comentei que tinha algumas dúvidas sobre este contrato, e ela me falou do senhor. Tentei entrar em contato no sábado, pouco depois do meio-dia, mas o senhor já havia saído.

– Sim, eu me lembro. Saí mais cedo no sábado mesmo.

– Imagino que sua prima deva achar aquela casa enorme um lugar um tanto solitário, não? Ela mora lá sozinha, até onde sei.

– Mora, sim.

– Diga-me, sr. Vyse, se me permite a pergunta, existe alguma possibilidade de que aquela casa esteja à venda?

– Absolutamente nenhuma, devo dizer.

– Não pergunto à toa, entenda bem. Tenho meus motivos! Acontece que estou procurando um imóvel justamente como aquele. Adoro o clima de St. Loo. Claro, a casa parece estar precisando de uma boa reforma. Pelo que soube, a srta. Buckley não tem dinheiro o suficiente para mantê-la. Por isso mesmo, imaginei que talvez ela pudesse até considerar alguma oferta.

– Acho completamente improvável – disse Charles Vyse, balançando a cabeça com firmeza. – Minha prima adora aquele lugar. Nada seria capaz de

convencê-la a vender a casa. É um antigo patrimônio de família.

– Sim, eu compreendo, mas...

– Isso está absolutamente fora de cogitação. Conheço minha prima. Ela tem um verdadeiro fanatismo por aquela casa.

Alguns minutos depois, nós já estávamos na rua de novo.

– Bom, meu amigo – começou Poirot. – Qual foi a sua impressão do monsieur Charles Vyse?

Pensei um pouco antes de responder.

– Péssima – disse por fim. – Ele me pareceu ser uma pessoa muito negativa.

– Alguém de personalidade não muito forte, você diria?

– Sem dúvida. O tipo de homem do qual nunca me lembraria de ter conhecido. Um sujeito medíocre.

– Ele de fato não é muito bem-apessoado. Você notou algo de estranho durante nossa conversa com ele?

– Sim – respondi. – Achei estranha a forma como ele reagiu quando você o perguntou se a casa poderia estar à venda.

– Exatamente. Você classificaria a atitude de mademoiselle Buckley em relação à Casa do Penhasco como de "verdadeiro fanatismo"?

– Essa é uma expressão muito forte.

– Sim, e o sr. Vyse não me pareceu ser alguém dado a usar expressões desse tipo. Como um advogado, imagino que ele preze muito mais pela discrição do que pelo exagero. Ainda assim, ele insistiu em afirmar que a mademoiselle nutre um verdadeiro fanatismo pela casa de sua família.

– Não foi essa a impressão que ela me passou hoje pela manhã – disse eu. – Foi muito franca ao falar da casa. Nick parece ter carinho pelo lugar, é claro, como qualquer um em sua posição teria, mas nada mais do que isso.

– Sendo assim, um dos dois está mentindo – comentou Poirot, pensativo.

– Vyse não me pareceu ser do tipo dado a mentir.

– É justamente essa a impressão que um bom mentiroso tentaria passar – disse Poirot. – Sim, ele tem um ar muito sincero, à maneira de George Washington. E você notou outra coisa, Hastings?

– O quê?

– Ele disse que saiu cedo do escritório no sábado!

Capítulo 7

A tragédia

A primeira pessoa que vimos assim que chegamos à Casa do Penhasco naquela noite foi Nick. Ela estava dançando no saguão, usando um maravilhoso quimono com estampas de dragões.

– Ah, são só vocês!

– Mademoiselle! Chego a ficar magoado assim!

– Eu sei. Não quis ser rude. É que estou esperando a entrega do meu vestido. Aqueles patetas prometeram não atrasar!

– Ah, se é só uma questão de *la toilette*, sem problemas! Haverá um baile hoje à noite, não é mesmo?

– Sim, todos nós vamos ao baile depois da queima de fogos. Ou melhor, acho que vamos – sua voz pareceu esmaecer de repente, mas ela voltou a sorrir logo em seguida. – Não desanimar nunca! Esse é o meu lema. Basta não pensar negativo para que nada de errado aconteça! Estou melhor hoje. Quero ficar feliz e aproveitar a noite – ouvimos então passos descendo a escada, e Nick se virou. – Ah, aqui está Maggie! Maggie, estes são os detetives que estão me protegendo daquele assassino misterioso. Por que não os leva até a sala para que eles possam lhe explicar melhor toda a história?

Cumprimentamos Maggie Buckley e, conforme sugerido, ela nos levou até a sala de visitas, deixando em mim uma primeira impressão muito boa.

Acho que foi sua aparência de tranquilidade e bom-senso o que me atraiu. Uma jovem calada, bela no sentido clássico da palavra, mas certamente não muito sagaz. Ela estava sem maquiagem e usando um vestido longo preto e um tanto surrado. Maggie tinha olhos azuis sinceros e uma voz calma e agradável.

– Nick me contou coisas incríveis – disse ela. – Mas imagino que ela esteja exagerando, não? Quem poderia querer atacá-la? Duvido muito que ela tenha algum inimigo neste mundo.

Senti um forte ceticismo em sua voz. Ela estava olhando para Poirot com certa desconfiança. Dei-me conta de que uma jovem como Maggie Buckley deveria ver os estrangeiros sempre como pessoas suspeitas.

– Ainda assim, srta. Buckley, posso lhe garantir que é a mais pura verdade – murmurou Poirot.

Ela não disse nada, mas sua expressão continuou cética.

– Nick está de morrer hoje – comentou Maggie. – Não sei o que deu nela, nunca a vi assim tão extasiada.

Aquela expressão, "de morrer", me deu um calafrio, e alguma coisa na entonação de Maggie também me deixou pensativo.

– Você é escocesa, srta. Buckley? – perguntei abruptamente.

– Minha mãe era escocesa – respondeu ela.

Notei que ela parecia ter gostado mais de mim do que de Poirot. Concluí então que a história poderia ser mais bem-recebida se eu mesmo explicasse o caso em vez de meu amigo.

– Sua prima vem mostrando muita coragem – comentei. – Ela não está se deixando abalar pela situação.

– É o único jeito, não acha? – questionou Maggie. – Digo... independente de quais sejam seus problemas, o melhor é não fazer tempestade em copo d'água. Isso só deixa todo mundo à sua volta incomodado – ela parou por um instante e então completou com sua voz suave: – Tenho muito carinho por Nick. Ela sempre foi ótima comigo.

Não tivemos tempo de dizer mais nada, porque Frederica Rice chegou. Ela estava usando um vestido azul de donzela e tinha um ar muito frágil e etéreo. Lazarus apareceu logo depois, seguido por Nick, que chegou dançando. Ela agora estava usando um belo vestido preto e um maravilhoso xale antigo chinês de uma cor vermelha muito viva.

– Olá, pessoal – disse ela. – Aceitam um coquetel?

Todos nós bebemos, e Lazarus ergueu seu copo para brindar a ela.

– Esse xale é maravilhoso, Nick – comentou ele. – É uma peça antiga?

– Sim, foi meu tio-tataravô Timothy quem o trouxe de suas viagens.

– Ele é lindo, muito lindo. Mesmo se você tentasse, seria impossível achar algo igual hoje em dia.

– E é tão quentinho – disse Nick. – Vai ser ótimo para ver os fogos. E acho este vermelho muito alegre. Odeio estar só de preto!

– É verdade – concordou Frederica. – Acho que nunca vi você com um vestido preto antes, Nick. Por que comprou esse aí?

– Ah, não sei! – Nick jogou a mão de lado em um gesto petulante, mas pude notar uma fisgada de desconforto em seus lábios. – Por que não?

Então nos sentamos para jantar. Um misterioso criado novo apareceu para nos servir, alguém contratado especialmente para a ocasião, presumo. A comida não foi nada memorável, mas o champanhe, por outro lado, estava ótimo.

– George não pôde vir – disse Nick. – Foi uma pena, mas ele precisou voltar para Plymouth ontem à noite. Mas acho que ele vai aparecer cedo ou tarde por aqui ainda hoje. Em tempo para o baile, pelo menos. Arrumei um parceiro para Maggie. Não é ninguém lá muito interessante, mas bastante apresentável.

Um barulho distante de motor entrou pela janela.

– Ah, é aquela maldita lancha de novo! – reclamou Lazarus. – Não aguento mais esse barulho.

– Não é a lancha – disse Nick. – É um hidroavião.

– Acho que você está certa.

– É claro que estou. O som é muito diferente.

– Certo. E quando você vai comprar um aviãozinho só para você, Nick?

– Quando eu tiver dinheiro – ela riu.

– Imagino que depois disso você irá voar para a Austrália, como aquela jovem... como era o nome dela mesmo?

– Ah, eu adoraria.

– Admiro muito aquela mulher – disse a sra. Rice com sua voz cansada. – Mas que coragem! E voando sozinha ainda por cima.

– Sempre admirei todos esses aviadores – comentou Lazarus. – Michael Seton teria se tornado um grande herói se tivesse conseguido completar sua volta ao mundo, e com todo mérito. É uma pena que ele tenha tido um fim tão trágico. É de homens como ele que a Inglaterra mais precisa.

– Talvez ele ainda esteja vivo – disse Nick.

– Acho difícil. As chances são mínimas agora. Pobre Seton Maluco.

– Eles sempre o chamaram de Seton Maluco, não é? – perguntou Frederica.

Lazarus acenou a cabeça.

– Ele vem de uma família cheia de malucos – disse Lazarus. – Um dos tios dele, Sir Matthew Seton, também morreu semana passada. Esse era um louco de pedra!

– Ele não era aquele milionário maluco que tinha vários santuários de pássaros? – perguntou Frederica.

– Sim. Ele vivia comprando ilhas. Detestava as mulheres. Acho que foi passado para trás por alguma moça e começou a se dedicar à ecologia como consolo.

– Por que você acha que Michael Seton morreu? – insistiu Nick. – Não vejo motivo para perder as esperanças. Ainda não, pelo menos.

– Ah, claro, você o conhecia, não é? – questionou Lazarus. – Eu me esqueci.

– Eu e Freddie o conhecemos em Le Touquet no ano passado – contou Nick. – Ele foi muito gentil, não foi, Freddie?

– Não me pergunte, querida. Foi você quem o conquistou, não eu. Ele até levou você para voar uma vez, não levou?

– Sim, em Scarborough. Foi simplesmente maravilhoso.

– O senhor já voou alguma vez, capitão Hastings? – perguntou Maggie com um tom casual muito educado.

Fui obrigado a confessar que minha experiência nesse ramo se resumia a apenas uma viagem de ida e volta a Paris.

De repente, Nick saltou da cadeira com uma exclamação.

– É o telefone! Não esperem por mim. Já está ficando tarde e convidei muita gente.

Ela retirou-se da sala, e olhei para o relógio. Eram nove horas. Foi servida a sobremesa e mais um pouco de vinho. Poirot e Lazarus ficaram conversando sobre arte. Lazarus comentou que os quadros eram a grande febre do mercado no momento. Em seguida, eles passaram a discutir as novas tendências de móveis e decoração.

Comecei então a conversar com Maggie Buckley, mas devo admitir que não foi nada fácil. Ela respondia de forma amigável aos meus comentários, mas nunca dava sequência ao assunto. Foi um árduo trabalho.

Frederica Rice ficou sentada em silêncio com seu ar alheio e os cotovelos apoiados na mesa enquanto a fumaça do cigarro subia pelo seu belo rosto. Ela parecia um anjo em profunda meditação.

Já eram nove e vinte quando a cabeça de Nick despontou por trás da porta.

– Vamos logo, pessoal! Os convidados já estão chegando.

Todos se levantaram. Nick estava ocupada recebendo as visitas. Cerca de doze pessoas haviam sido convidadas. A maioria não era muito interessante. Logo vi que Nick era uma ótima anfitriã. Ela deixou de lado seus trejeitos modernos e recebeu todos à moda antiga. Entre os convidados, notei a presença de Charles Vyse.

Em seguida, todos nós fomos para o jardim em um ponto com vista para o mar e o porto. Havia algumas cadeiras ali para os mais velhos, mas a maioria preferiu ficar em pé mesmo. Foi então que o primeiro foguete explodiu no céu.

Pouco depois, ouvi uma voz alta e familiar e encontrei Nick cumprimentando o sr. Croft assim que me virei.

– É uma pena que a sra. Croft não possa estar aqui também – dizia ela. – Nós deveríamos tê-la trazido em uma maca ou algo assim.

– Aquela pobre mulher não tem sorte mesmo. Mas ela nunca reclama de nada, é um doce por natureza. Ah! Mas veja esse que bonito! – comentou ele enquanto uma chuva dourada preenchia o céu.

A noite estava escura, sem luar, e a lua nova só deveria aparecer dentro de mais três dias. Como na maioria das noites de verão, estava também um pouco frio. Maggie Buckley não parava de tremer ao meu lado.

– Vou correr lá dentro para pegar um casaco – murmurou.

– Imagine, permita-me buscá-lo para a senhorita.

– Não, o senhor não vai saber onde ele está.

Ela se virou em direção à casa. Logo em seguida, ouvi a voz de Frederica Rice:

– Ah, Maggie, pegue o meu também! Está no meu quarto.

– Ela não ouviu – disse Nick. – Eu vou lá pegar, Freddie. Quero pegar meu casaco de pele também. Este xale aqui não é muito quente, e o vento está gelado.

De fato, uma brisa forte soprava do mar.

Algumas outras atrações começaram a ser exibidas no cais. Puxei assunto com uma senhora ao meu lado que então desatou a falar tudo sobre sua vida, carreira, gostos pessoais e até sobre a provável duração de sua estadia por ali.

Bum! E uma chuva de estrelas esverdeadas preencheu o céu. Elas ficaram azuis, depois vermelhas e por fim prateadas.

Outra chuva colorida desceu pelo céu, seguida por mais uma outra.

– No começo, todos ficam tão maravilhados – comentou Poirot de repente ao meu ouvido. – Mas, depois, tudo acaba ficando um tanto monótono, não acha? Brrr! A grama está úmida demais. Essa friagem ainda vai acabar me fazendo mal. Ainda mais sem um *tisane*[7] decente para se tomar por aqui!

– Friagem? Numa noite linda como esta?

– Linda? Acha mesmo? Você só diz isso porque não está chovendo a cântaros! Sempre que não chove, a noite é linda para você. Por favor, meu amigo! Se eu tivesse um termômetro aqui comigo, mostraria o quanto está frio!

– Bom, acho que não seria má ideia pegar um casaco mesmo – concordei.

– Mas é claro. Você acabou de sair de um país de clima quente.

– Vou buscar o seu também.

Poirot ergueu um pé do chão e depois o outro como um gato.

– Esta grama está muito úmida. Será que você conseguiria me trazer um par de galochas?

Fui obrigado a conter um sorriso.

– Acho difícil – respondi. – Ninguém mais usa esse tipo de coisa por aqui.

– Então vou voltar para casa – declarou. – Por que eu me arriscaria a pegar um *enrhumer*[8] só para ver uma queima de fogo dessas? Talvez até uma *fluxion de poitrine*[9]!

Com Poirot ainda resmungando, nós partimos em direção à casa. Uma salva de palmas irrompeu do cais lá embaixo, onde outras atrações estavam sendo exibidas; desta vez era um navio, acredito eu, com uma faixa que dizia: "Boas-vindas aos visitantes".

– No fundo, ainda somos crianças – disse Poirot, pensativo. – Todos adoram *les feux d'artifices*, as brincadeiras, sim, sim, até mesmo os mágicos que nos enganam, por mais atentos que sejam nossos olhos. *Mais qu'est-ce que vous avez*?

Eu estava andando com ele pelo braço, segurando-o com uma das mãos, quando apontei com a outra mais adiante.

Estávamos a uns cem metros da casa e, bem na nossa frente, entre nós e a janela francesa ainda aberta, *avistamos uma pessoa caída no chão, enrolada em um xale chinês vermelho...*

– *Mon Dieu*! – murmurou Poirot. – *Mon Dieu...*

Capítulo 8

O xale da morte

Acho que não chegamos a ficar mais do que quarenta segundos ali, paralisados de horror, estáticos, mas pareceu uma eternidade. Em seguida, Poirot se desvencilhou do meu braço e saiu andando com as pernas duras como um soldadinho.

– Aconteceu... – murmurou ele com uma amargura angustiada indescritível em sua voz. – Apesar de tudo, de todas as minhas precauções, aconteceu. Ah, o criminoso aqui na verdade sou eu que não a protegi melhor! Eu deveria ter previsto isso e ficado ao lado dela o tempo todo!

– Você não pode se culpar – disse eu.

Minha língua parecia estar colada no céu da boca, e eu mal conseguia falar.

Poirot respondeu apenas com um pesaroso aceno de cabeça e se ajoelhou ao lado do corpo.

Foi então que tivemos nossa segunda surpresa, porque ouvimos a voz de Nick, clara e alegre como sempre. Logo depois, ela apareceu na janela silhuetada contra a luz acesa da sala.

– Desculpe a demora, Maggie – disse ela. – É que eu...

Sua voz então se esvaiu enquanto ela olhava para a cena no jardim.

Com uma exasperada exclamação, Poirot virou o corpo sobre a grama. Abaixei-me para ver melhor e me deparei com o rosto sem vida de Maggie Buckley.

Logo em seguida, Nick chegou ao nosso lado e soltou um grito agudo.

– Ah, Maggie! Maggie! Não pode ser... – Poirot ainda estava examinando o corpo da moça. Ele por fim se levantou devagar. – Ela está...? – Nick perdeu a voz.

– Sim, mademoiselle. Ela está morta.

– Mas por quê? Por quê? Quem poderia querer fazer mal a ela?

A resposta de Poirot foi rápida e firme.

– Não era ela o verdadeiro alvo, mademoiselle! Era a *senhorita*! O assassino só a confundiu pelo xale.

Nick soltou outro grito.

– Por que não eu? – gritou ela. – Ah! Por que não eu?! Seria muito melhor se fosse comigo! Não tenho mais por que viver agora! Eu ficaria até feliz em morrer!

Ela sacudiu os braços violentamente e cambaleou um pouco para trás. Passei o braço em volta dela para segurá-la.

– Leve-a para dentro da casa, Hastings – pediu Poirot. – E chame a polícia.

– A polícia?

– *Mais oui*! Diga que uma mulher foi morta a tiros e depois fique com mademoiselle Nick. Não saia de perto dela por motivo algum.

Acatei essas instruções com um aceno de cabeça e segui até a janela da sala de visitas, segurando Nick, que estava quase desmaiada. Deitei-a no sofá com um travesseiro por baixo da cabeça e corri para o saguão à procura de um telefone.

Fiquei um tanto surpreso ao quase trombar com Ellen, que estava parada ali sem qualquer expressão específica em seu rosto tranquilo e elegante. Seus olhos brilhavam, e ela não parava de passar a língua sobre seus lábios secos. Suas mãos tremiam como se ela estivesse muito agitada. Assim que me viu, começou a falar:

– Aconteceu... aconteceu alguma coisa, senhor?

– Sim – respondi eu sem me estender. – Onde fica o telefone?

– Há... há algo de errado, senhor?

– Houve um acidente – respondi, evasivamente. – Alguém se feriu. Preciso achar o telefone.

– Quem se feriu, senhor?

Ela parecia claramente ansiosa.

– A srta. Buckley. A srta. Maggie Buckley.

– Maggie? *Maggie*? Tem certeza, senhor? Digo, tem certeza de que foi a srta. Maggie mesmo?

– Tenho sim – insisti. – Por quê?

– Ah, nada! Eu só... só achei que poderia ter sido alguma das outras mulheres. Talvez a... a sra. Rice, não sei.

– Escute aqui – falei. – Onde fica o telefone?

– Aqui na salinha, senhor – ela me abriu a porta e apontou para o aparelho.

– Obrigado – em seguida, como ela não parecia muito disposta a se retirar, complementei: – Isso é tudo, muito obrigado.

– Se o senhor quiser, o dr. Graham pode...

– Não, não – interrompi. – Isso é tudo. Pode ir, por favor.

Relutante, ela se retirou o mais devagar que pôde. Creio que ainda seria possível ouvir minha conversa do lado de fora, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Afinal, ela acabaria sabendo de toda a situação cedo ou tarde mesmo.

Liguei para a delegacia e relatei o incidente. Em seguida, por iniciativa própria, liguei para o dr. Graham, de quem Ellen havia falado, depois de encontrar seu número na lista telefônica. Imaginei que Nick talvez precisasse de alguma coisa, ainda que nenhum médico pudesse fazer nada quanto à pobre moça caída no gramado lá fora. Ele se prontificou a vir o quanto antes, eu desliguei o telefone e voltei para o saguão.

Se Ellen estava me ouvindo, ela pelo menos conseguiu escapulir muito rápido dali, porque não havia ninguém por perto quando abri a porta. Voltei para a sala, onde Nick estava tentando se sentar no sofá.

– Será que o senhor... poderia me trazer um conhaque?

– Claro.

Segui às pressas até a sala de jantar, encontrei a bebida e voltei. Alguns goles reanimaram a moça. Ela já não parecia mais tão pálida. Ajeitei um travesseiro para que ela encostasse a cabeça.

– Isso é tudo tão... terrível! – ela estremeceu. – Tudo, tudo isso.

– Eu sei, minha querida, eu sei.

– Não, não sabe! O senhor não tem como saber! E foi tudo à toa. Se pelo menos tivesse sido eu. Deveria ter sido eu...

– Não diga isso.

Ela apenas balançou a cabeça, insistindo em repetir:

– O senhor não sabe! Não sabe de nada!

E, de repente, ela começou a chorar. Um choro suave e soluçante como o de uma criança. Imaginei que aquilo seria o melhor para ela no momento, então não fiz qualquer esforço para conter suas lágrimas.

Assim que ela se acalmou um pouco, fui até a janela e olhei para o jardim. Um minuto atrás, eu tinha ouvido uma comoção lá fora. Todos agora estavam reunidos em volta da trágica cena enquanto Poirot, alerta como um impávido sentinela, tentava afastar os curiosos.

Foi então que vi dois homens uniformizados correndo pela grama. Era a polícia que tinha acabado de chegar.

Voltei em silêncio para o sofá. Nick ergueu seu rosto lavado de lágrimas.

– Eu não deveria estar fazendo alguma coisa?

– Não, minha querida. Poirot cuidará de tudo. Deixe isso com ele.

Nick ficou em silêncio por alguns instantes e então disse:

– Pobre Maggie. Pobrezinha. Ela era uma pessoa tão boa, nunca fez mal a ninguém nesta vida! Isso não deveria ter acontecido com ela. É quase como se eu a tivesse matado por tê-la feito vir até aqui desse jeito.

Balancei minha cabeça com pesar. O futuro é imprevisível mesmo. Ao pedir que Nick chamasse uma amiga para lhe fazer companhia, Poirot nem imaginava que poderia estar assinando a sentença de morte dessa moça que ele nem sequer conhecia.

Ficamos sentados ali em silêncio. Eu queria muito saber o que estava se passando lá fora, mas me mantive fiel às ordens de Poirot e não deixei meu posto.

Depois do que pareceram ser horas, a porta se abriu, e Poirot entrou na sala com um inspetor de polícia. Junto com eles, estava um outro homem que era claramente o dr. Graham. Ele foi de imediato até Nick.

– Como está se sentindo, srta. Buckley? Deve ter sido um choque e tanto – disse ele, tentando sentir o pulso de Nick.

– Já estou melhor.

Ele se virou para mim.

– Ela tomou alguma coisa?

– Só um pouco de conhaque – respondi.

– Eu estou bem – disse Nick com bravura.

– Bem o bastante para responder algumas perguntas?

– Claro – respondeu ela. O inspetor de polícia se aproximou, limpando a garganta, e Nick o recebeu esboçando um sorriso. – Pelo menos não estou atrapalhando o trânsito desta vez, não é?

Concluí que eles já deveriam se conhecer.

– Mas que coisa terrível, srta. Buckley – disse o inspetor. – Sinto muitíssimo pelo ocorrido. Mas escute, o sr. Poirot aqui, detetive que conheço muito bem e que me deixa muito honrado por sua presença, disse-me estar convencido de que alguém tentou atirar na senhorita no jardim do hotel alguns dias atrás. Isso é verdade?

Nick acenou a cabeça.

– Achei que tinha sido só uma abelha – explicou ela. – Mas não era.

– E teve mesmo alguns acidentes suspeitos antes disso?

– Sim, achei estranho mesmo tudo aquilo acontecendo em tão pouco tempo.

Ela deu ao inspetor uma breve explicação sobre todos os casos.

– Certo. E por que a sua prima estava usando seu xale naquela hora?

– Nós tínhamos entrado para pegar nossos casacos, porque estava frio lá fora. Joguei meu xale aqui no sofá assim que entrei. Depois, subi para vestir este que estou usando agora, um casaco de pele mais leve, e também peguei a blusa da minha amiga, a srta. Rice, no quarto dela. Ele está bem ali no chão, perto da janela. Maggie me disse que não estava conseguindo achar seu próprio casaco. Comentei que deveria estar aqui embaixo, e ela desceu, mas depois gritou para mim, dizendo que ainda não tinha conseguido achar. Eu perguntei se não poderia ter ficado no carro, era um de lã, porque ela nem tem casaco de pele, e falei que já iria descer com alguma coisa minha mesmo. Ela disse que não precisava e que poderia ficar só com o meu xale se eu não fosse mais usar. Perguntei se isso seria o bastante, e ela respondeu que já nem sentia mais tanto frio depois de ter vivido em Yorkshire. Ela só queria alguma *coisinha* qualquer. Eu disse que, por mim, tudo bem e que já iria descer. E quando desci e fui lá para fora...

Ela engasgou, perdendo a voz...

– Calma, não se preocupe, srta. Buckley. Só me diga mais uma coisa. A senhorita ouviu um ou dois tiros?

Nick balançou a cabeça.

– Não, só ouvi os fogos e morteiros estourando lá fora.

– Só isso? – perguntou o inspetor. – Não reparou em nenhum tiro no meio de toda a barulheira? Bom, acho que nem adianta perguntar, mas sabe quem poderia estar por trás desses ataques?

– Não tenho a menor ideia – respondeu Nick. – Nem consigo imaginar.

– Foi o que pensei – disse o inspetor. – Isso me parece ser coisa de algum maníaco assassino. Negócio feio. Bom, não tenho mais nenhuma pergunta por hoje, senhorita. Nem sei dizer o quanto sinto por tudo isso.

O dr. Graham deu um passo à frente.

– Talvez seja melhor passar a noite em algum outro lugar, srta. Buckley. Como falei para o monsieur Poirot, conheço uma clínica de repouso excelente. A senhorita acabou de passar por um forte choque. O que mais precisa agora é de descanso...

Nick nem olhou para ele e se virou para Poirot.

– É só por causa do choque? – perguntou ela.

Desta vez foi Poirot quem deu um passo à frente.

– É só para que se sinta mais segura, *mon enfant*. E também para que eu sinta que está segura. Uma enfermeira poderá ficar com a senhorita, uma boa

enfermeira muito prestativa e tediosa. Ela ficará a noite toda. Sempre que quiser chorar, ela estará lá para segurar sua mão. Entende?

– Sim – disse Nick. – Entendo. Mas não quero ir. Não estou mais com medo. Não me importo mais com nada. Se alguém quiser me matar, que me mate.

– Calma, calma – pedi. – A senhorita só está muito tensa.

– O senhor não sabe do que está falando. Nenhum de vocês sabe!

– Acho a ideia do monsieur Poirot muito boa – interrompeu o médico com uma voz gentil. – Posso levá-la no meu carro. E vamos dar alguma coisinha para que tenha uma noite tranquila de descanso. O que me diz?

– Para mim, tanto faz – respondeu Nick. – Façam o que quiserem. Nem ligo.

Poirot pegou a mão de Nick.

– Sim, mademoiselle. Sei como deve estar se sentindo. Também estou envergonhado e com muito pesar no coração. Justo eu, que prometi protegê-la, não pude fazer nada. Eu fracassei. Sou um imprestável. Acredite em mim quando digo que estou inconsolável por esse fiasco, mademoiselle. Se soubesse o quanto estou sofrendo, me perdoaria, tenho certeza.

– Tudo bem – disse Nick, ainda com a mesma voz distante. – Não se culpe. Sei que o senhor fez tudo que estava ao seu alcance. Ninguém poderia ter evitado essa desgraça ou feito qualquer coisa a mais, estou certa disso. Por favor, não se sinta mal.

– É muito gentil, mademoiselle.

– Não, eu...

Fomos interrompidos. A porta se abriu de repente e George Challenger entrou correndo na sala.

– O que houve? – gritou. – Acabei de chegar e encontrei um policial no portão me dizendo que alguém foi morto. O que aconteceu? Pelo amor de Deus, digam logo! Foi... foi Nick? – a angústia em sua voz era de doer o coração. Percebi que ele ainda não tinha visto Nick, ocultada por Poirot e pelo médico. Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, repetiu a pergunta. – Digam logo! Não pode ser verdade! Nick está morta mesmo?

– Não, *mon ami* – respondeu Poirot, tranquilo. – Ela está viva.

Ele deu um passo para o lado para que Challenger pudesse vê-la encolhida no sofá.

Por um instante, Challenger a olhou com um ar incrédulo. Depois, gaguejando quase como um bêbado, murmurou:

– Nick... Nick? – de repente, Challenger prostrou-se de joelhos ao lado do sofá com o rosto entre as mãos e gritou com uma voz abafada: – Nick, minha querida! Achei que você estivesse morta!

Nick tentou se sentar.

– Está tudo bem, George. Não seja idiota. Não aconteceu nada comigo.

Exasperado, ele ergueu a cabeça e olhou para ela.

– Mas alguém morreu? O policial me disse que alguém tinha levado um tiro.

– Sim – respondeu Nick. – Foi Maggie. Ah, pobre Maggie!

Um espasmo contorceu o rosto de Nick, e Poirot e o médico se apressaram para acudi-la. Graham a ajudou a se levantar. Segurando-a um de cada lado, ele e Poirot a ajudaram a sair da sala.

– Quanto antes se deitar, melhor – disse o médico. – Vou levá-la até a clínica com o meu carro agora mesmo. Já tinha pedido à sra. Rice para deixar algumas coisas separadas para que a senhorita levasse.

Em seguida, eles se retiraram. Challenger me pegou pelo braço.

– Eu não entendi. Para onde eles estão a levando?

Eu expliquei.

– Ah, certo! Mas pelo amor de Deus, Hastings, conte direito o que aconteceu por aqui. Mas que tragédia horrível! Pobre moça.

– Claro, vamos tomar um drinque – sugeri. – O senhor não me parece bem.

– Sim, não é má ideia – fomos então até a sala de jantar. Enquanto preparava uma dose de uísque com soda, ele voltou a falar: – Por um minuto, achei que Nick tivesse morrido, sabe?

Os sentimentos do comandante George Challenger eram muito evidentes. Ainda estava para nascer alguém mais claramente apaixonado.

Capítulo 9

De A a J

Acho que nunca me esquecerei do que aconteceu depois daquela noite. Poirot sofria tanto pela culpa que cheguei a ficar preocupado. Ele não parava de andar de um lado para o outro, enchendo a própria cabeça de anátemas sem nem sequer dar ouvidos aos meus comentários mais bem-intencionados.

– Esse é o resultado de toda a minha soberba. Sim, fui punido, fui punido. Eu, Hercule Poirot, confiei demais em mim mesmo.

– Não é bem assim – tentei dizer.

– Mas quem iria imaginar, quem *poderia* imaginar tamanha audácia? Achei que tinha tomado todas as precauções possíveis. Mandei um aviso ao assassino...

– Um aviso?

– *Mais oui*! Chamei toda a atenção para mim ao deixar claro que suspeitava de alguém. Isso criaria, esperava eu, uma conjuntura perigosa demais para que ele ousasse repetir qualquer ataque. Foi como erguer uma muralha de proteção em volta de mademoiselle. Mas ele passou por cima dela mesmo assim! E bem debaixo dos nossos narizes! Mesmo com todos nós por aqui, mesmo com todos em alerta, ele não recuou e ainda tentou matá-la.

– Mas não conseguiu o que queria – eu o lembrei.

– Só por mero acaso! Do meu ponto de vista, isso é irrelevante. Uma vida foi perdida, Hastings, uma vida inocente!

– Sim, claro. Não foi o que eu quis dizer.

– Por outro lado, você tem razão. O que só deixa as coisas dez vezes piores, já que o assassino ainda não alcançou seu objetivo. Você entende, meu amigo? A situação mudou, mas para pior. Isso pode fazer com que não só uma, mas duas vidas sejam sacrificadas.

– Não com você por perto – falei com firmeza.

Ele parou e apertou a minha mão.

– Merci, *mon ami! Merci*! Você ainda confia em mim, ainda tem fé! Isso revigora a minha coragem. Hercule Poirot não falhará de novo! Mais nenhuma vida será perdida. Vou corrigir meu erro. Sim, admito que houve um erro! Devo

ter faltado com a ordem e o método típicos das minhas ideias tão bem-formuladas. Vou começar de novo. Sim, vou recomeçar do zero. E, desta vez, não cometerei nenhum deslize!

– Então você acha que a vida de Nick Buckley ainda está em perigo?

– Meu amigo, por que outro motivo eu a mandaria para aquela clínica?

– Então não foi pelo choque...

– Pelo choque? Claro que não! Você pode se recuperar de um choque em casa tão bem quanto em uma clínica, talvez até melhor, aliás. Não é um lugar muito agradável; pisos de linóleo verde, enfermeiras conversando, refeições servidas em bandejas, banhos a toda hora. Não, não mesmo, foi só por uma questão de segurança. Conversei com o médico sobre o caso, e ele concordou comigo. Irá cuidar de tudo. Ninguém, *mon ami, nem sequer o amigo mais próximo da mademoiselle* poderá visitá-la. Só você e eu poderemos falar com ela. Mas, *pour les autres*, "Sinto muito, ordens médicas! Ninguém pode entrar" é tudo o que dirão. É uma desculpa muito conveniente, e com a qual ninguém discutirá.

– Sim – concordei. – Só que...

– Só que o que, Hastings?

– Isso não poderá se sustentar para sempre.

– É verdade. Mas pelo menos teremos mais algum tempo. Especialmente agora que nossa operação mudou de perfil, como você já deve ter percebido.

– Como assim?

– Nossa tarefa original era garantir a segurança da mademoiselle. Agora, nossa tarefa é muito mais simples, uma tarefa que conhecemos muito bem, aliás: nada mais, nada menos do que caçar um assassino!

– Você acha isso mais simples?

– Sim, é claro! Como disse antes, o assassino agora *deixou sua assinatura ao cometer o crime*. Ele se expôs.

– Mas você não acha... – eu hesitei, mas por fim continuei: – Você não acha que aquele policial poderia estar certo? Que talvez tudo isso seja apenas obra de algum maluco, um lunático qualquer com tendências homicidas?

– Estou mais convencido do que nunca de que esse não é caso.

– Você realmente acha que...?

Não consegui continuar. Poirot completou minha frase com uma voz muito séria.

– Que o assassino é um conhecido da mademoiselle? Sim, *mon ami*, acho sim.

– Mas esse último incidente com certeza elimina quase todos os suspeitos. Nós estávamos todos juntos e...

Ele me interrompeu.

– Você poderia afirmar com certeza que viu alguém em particular se afastando de nós na borda do penhasco, Hastings? Ou que houve alguém que ficou ao nosso lado o tempo todo?

– Não – respondi, aturdido por aquelas palavras. – Acho que não. Estava escuro. E todos estavam andando de lá para cá. Cheguei a ver a sra. Rice, Lazarus, você, Croft, Vyse, mas não o tempo todo, claro.

Poirot acenou a cabeça.

– Exatamente. Tudo não levou mais do que alguns minutos. As duas foram até a casa, o assassino se afastou sem que ninguém visse nada e se escondeu atrás daquela árvore no meio do jardim. Em seguida, Nick Buckley, ao que parece, saiu pela janela e passou a alguns metros dali, e, então, ele disparou três tiros em rápida sequência...

– Três? – indaguei.

– Sim. Ele não quis arriscar dessa vez. Foram encontradas três balas no corpo.

– Mas isso foi arriscado, não acha?

– Sim, mas provavelmente menos do que um único tiro. Uma pistola Mauser não faz muito barulho. O disparo se pareceria mais ou menos como o estouro dos fogos e se misturaria sem problemas com o resto do barulho.

– Você encontrou a pistola? – perguntei.

– Não. E é justamente isso, Hastings, o que me parece ser uma prova irrefutável de que nenhum estranho poderia estar por trás disso! Afinal, nós mesmos concordamos que a pistola da srta. Buckley foi roubada na verdade com a única intenção de fazer com que sua morte parecesse um suicídio, certo?

– Sim.

– Essa era a única explicação possível, certo? Mas agora, veja bem, ninguém cogitaria essa hipótese. *O assassino já sabe que não seremos mais enganados por esse artifício*. Ele já sabe, com toda certeza, que nós sabemos de tudo!

Refleti por um instante, digerindo a dedução de Poirot.

– E o que você acha que ele fez com a pistola?

Poirot deu de ombros.

– Quanto a isso, é difícil dizer. Mas ele poderia muito bem tê-la jogado no mar. Com um simples arremesso, a pistola afundaria entre as ondas e nunca mais

seria encontrada. Não há como ter certeza, claro, mas é isso o que eu teria feito.

O jeito trivial com que ele falava de tudo aquilo chegou a me arrepiar um pouco.

– Você acha... você acha que ele percebeu que matou a pessoa errada?

– A princípio, acredito que não – disse Poirot, sério. – Mas deve ter sido uma surpresa bastante desagradável para o assassino se dar conta disso. Manter a cara limpa, sem mostrar qualquer tipo de espanto, não deve ter sido fácil.

Naquele instante, lembrei-me da estranha reação de Ellen, a criada. Contei a Poirot sobre a postura peculiar da mulher, e ele pareceu ficar muito interessado.

– Então ela ficou surpresa ao saber que foi Maggie quem havia morrido?

– Sim, muito surpresa.

– Isso é curioso. Ainda mais pelo fato de que a tragédia em si claramente não a deixou nada surpresa. Sim, isso é algo a ser investigado. Quem seria essa Ellen? Essa inglesa tão calada e de modos tão distintos? Poderia ser ela quem...? – ele não chegou a terminar.

– No entanto, levando em conta os outros acidentes, acho que só um homem conseguiria rolar uma rocha pesada penhasco abaixo – argumentei.

– Não necessariamente. Ela poderia ter usado algum tipo de alavanca. Sim, isso seria muito fácil – disse ele enquanto continuava andando devagar de um lado para o outro. – Todos os presentes na Casa do Penhasco na última noite estão sob suspeita. No entanto, não acredito que tenha sido algum dos convidados. Em maior parte, quase todos pareciam não passar de meros conhecidos. Não havia grande intimidade entre nenhum deles e a nossa mademoiselle.

– Charles Vyse também estava lá – comentei.

– Sim, não podemos nos esquecer dele. Até o momento, ele é o nosso maior suspeito – Poirot fez um gesto desesperado e se jogou em uma cadeira em frente à minha. – E *voilà*! Voltamos à questão principal! O motivo! Só poderemos entender esse crime quando descobrirmos sua motivação. E é isso o que continua me deixando perplexo, Hastings! Quem poderia ter qualquer motivo para matar mademoiselle Nick? Já cheguei a cogitar até as mais absurdas hipóteses. Eu, Hercule Poirot, rebaixei-me à ignomínia das divagações aleatórias. Tentei pensar como um escritor de romances policiais baratos. Veja bem, Hastings. O avô da mademoiselle, o "Velho Nick", perdeu supostamente todo o seu dinheiro no jogo. Mas eu me pergunto, será que isso é verdade mesmo? E se ele tivesse escondido esse dinheiro? Talvez em algum lugar na

Casa do Penhasco? Talvez enterrado em algum ponto da propriedade? Foi com isso em mente, por mais que me envergonhe de admitir, que perguntei à mademoiselle Nick se alguém já havia feito alguma proposta para comprar a casa.

– Vergonha por que, Poirot? – questionei. – Achei essa uma ideia brilhante. Talvez você esteja no caminho certo.

Poirot limpou a garganta.

– Imaginei que você diria isso! Sabia que essa ideia agradaria sua mente romântica, ainda que um tanto medíocre. Um tesouro enterrado, sim, como você não iria adorar?

– Bom, não entendo por que não...

– Porque, meu amigo, a explicação verdadeira é quase sempre a mais prosaica. E ainda temos o pai da mademoiselle, com quem tive divagações ainda mais delirantes. Ele era um viajante. Suponhamos, por exemplo, que ele tenha roubado uma joia, algo como o olho de alguma imagem santa cobiçada por sacerdotes gananciosos. Sim, eu, Hercule Poirot, cheguei a cogitar situações tão absurdas como essa. Mas tive também algumas outras ideias sobre o pai da srta. Nick – continuou ele. – Ideias um pouco mais dignas e plausíveis. E se ele, ao longo de suas viagens, tivesse se casado uma segunda vez? Existiria algum outro herdeiro mais próximo do que o monsieur Charles Vyse? Mas isso também não nos leva a lugar algum, pois voltamos ao mesmo problema: não há nada de valor a ser herdado. Não deixei de cogitar qualquer hipótese imaginável. Cheguei até a considerar as implicações daquela oferta feita pelo monsieur Lazarus à mademoiselle. Está lembrado disso? Ela disse que ele fez uma oferta para comprar o retrato do Velho Nick. Mandei um telegrama no sábado para um especialista, pedindo-lhe que fosse até lá avaliar a pintura. O bilhete que mandei à mademoiselle hoje de manhã era sobre isso. E se aquele retrato valesse muito dinheiro?

– Mas você acha mesmo que um homem rico como Lazarus poderia...?

– Ele é rico mesmo? As aparências enganam. Até um negócio suntuoso e com todos os sinais de prosperidade poderia estar construído sobre alicerces podres. E o que alguém faria nessa situação? Sairia por aí, reclamando que as coisas estão difíceis? Não, apenas compraria um luxuoso carro novo. Gastaria ainda mais um pouco do que o de costume. Ostentaria o máximo possível. Afinal, o importante é ter crédito na praça! Mas, às vezes, um negócio monumental pode colapsar pela falta de apenas alguns milhares de libras em *dinheiro vivo*. Enfim, sei que isso parece pouco provável – continuou. – Mas não

tanto quanto um grupo de sacerdotes mercenários ou um tesouro enterrado. Essa hipótese tem pelo menos alguma conexão com a realidade. E não podemos ignorar nada, absolutamente nada que talvez nos leve à verdade.

Com todo cuidado, ele ajustou os objetos na mesa em frente a ele. Assim que voltou a falar, sua voz tinha um tom grave e, pela primeira vez, um tanto mais calmo.

– O *motivo*! – exclamou ele. – Pois bem, vamos voltar a esse assunto para analisar o problema com ordem e método. Para começar, quantas seriam as situações capazes de motivar um assassinato? Que motivos levariam um ser humano a tirar a vida de outro? Vamos excluir a possibilidade de tendências homicidas por enquanto, pois estou convencido de que não é essa a solução do nosso caso. Também podemos excluir um crime cometido no calor do momento sob o impulso de algum descontrole emocional. Estamos falando de uma tentativa de assassinato a sangue-frio. Que circunstâncias motivariam um crime assim? Bom, primeiro, temos o lucro. Quem poderia lucrar com a morte de mademoiselle Buckley? Direta ou indiretamente? Nesse caso, podemos eliminar Charles Vyse. Afinal, ele acabaria herdando uma propriedade que, do ponto de vista financeiro, provavelmente traria mais gastos do que qualquer outra coisa. Claro, ele poderia pagar a hipoteca, construir mais algumas casas para alugar e talvez tirar algum lucro disso. Sim, é possível. A casa em si poderia ter algum valor pessoal caso ele tivesse um carinho em especial por ela, caso ela fosse, por exemplo, uma casa tradicional de família. Isso, sem dúvida, é algo que mexe muito com algumas pessoas e, em certos casos que já acompanhei, pode de fato levar alguém a cometer um crime, mas não consigo ver esse tipo de motivação no monsieur Vyse. A única outra pessoa que poderia se beneficiar com a morte de mademoiselle Buckley seria sua amiga, a madame Rice. Ainda assim, não seria nada muito expressivo. A não ser por eles, creio que ninguém mais poderia lucrar com a morte da mademoiselle. Certo, e que outro motivo haveria? Ódio? Ou um amor que se transformou em ódio. Um *crime passional*. Bom, nesse caso, já ficamos sabendo pela atenta madame Croft que Charles Vyse e o comandante Challenger estão ambos apaixonados pela jovem Nick.

– Eu diria até que pudemos comprovar com nossos próprios olhos o amor do comandante pela srta. Buckley – comentei, abrindo um sorriso.

– Sim, aquele marinheiro é mesmo um sujeito muito transparente. Já quanto ao outro, temos apenas a palavra da madame Croft. Agora, seria Charles Vyse mesmo alguém capaz de matar a própria prima por ciúme apenas para que ela não se casasse com algum outro homem?

– Isso me parece melodramático demais – avaliei.

– Algo nada típico de um inglês, não é? Concordo. Mas até os ingleses têm emoções. Especialmente um sujeito como Charles Vyse. Ele me pareceu ser um jovem bastante reprimido, alguém não muito capaz de expressar seus sentimentos. Em geral, são essas as pessoas mais propensas a atitudes violentas. Eu jamais suspeitaria de que o comandante Challenger pudesse cometer um assassinato por questões passionais. Não, não mesmo, ele nunca faria isso. Já Charles Vyse, sim, talvez fosse possível. Mas essa não é uma hipótese que me satisfaz por completo. Um outro motivo para o crime seria a inveja. Faço essa distinção quanto à hipótese anterior porque a inveja, ao contrário do ciúme, não se resume à questão sexual. Há também a inveja das posses, da situação dos outros. Foi por inveja que Iago do seu grande Shakespeare cometeu um dos crimes mais engenhosos de toda a história, profissionalmente falando.

– Engenhoso? Por quê? – perguntei, achando graça por um instante.

– *Parbleu*![10] Porque Iago conseguiu que os outros fizessem tudo para ele. Imagine um criminoso de hoje que ninguém jamais conseguiria prender porque ele em si nunca chegou a fazer nada. Mas isso não é importante agora. Poderia ser algum tipo de inveja a motivação desse crime? Quem teria motivo para invejar a mademoiselle? Alguma outra mulher? A única pessoa que me vem à mente seria madame Rice, mas, ao que parece, não há nenhuma rivalidade entre as duas. No entanto, isso é só o que parece. Talvez exista algo que ainda não sabemos. Por último, temos o medo. E se mademoiselle Nick soubesse de algum segredo? Um segredo que, se revelado, poderia arruinar a vida de alguém? Nesse caso, acho que podemos afirmar com toda certeza *que se trata de algo que ela nem sequer imagina*. Talvez seja isso. Talvez seja isso mesmo. O que dificulta muito as coisas, já que mademoiselle Nick nunca teria como nos dizer nada, uma vez que tem a pista em suas próprias mãos, mas nem desconfia disso.

– Acha mesmo que isso é possível?

– É uma hipótese. Ela me atrai justamente por ser tão difícil encontrar qualquer outra teoria mais plausível. Pela lógica da eliminação, a *única possibilidade restante deve ser a correta*...

Ele ficou em silêncio por um bom tempo.

Por fim, despertando daquele estado de torpor, pegou uma folha de papel e começou a escrever.

– O que você está escrevendo aí? – perguntei, curioso.

– Estou fazendo uma lista, *mon ami*. Uma lista com todas as pessoas mais próximas de mademoiselle Buckley. Se minha teoria estiver correta, o nome do

assassino deverá constar entre elas – ele continuou escrevendo por mais uns vinte minutos e, então, me passou a folha de papel. – *Voilà, mon ami*! Veja o que você acha.

Segue aqui uma reprodução do que estava escrito:

A. Ellen
B. Seu marido jardineiro
C. O filho do casal
D. Sr. Croft
E. Sra. Croft
F. Sra. Rice
G. Sr. Lazarus
H. Comandante Challenger
I. Sr. Charles Vyse
J. ?

Comentários:

A. *Ellen*: Atitudes suspeitas: Reagiu de forma estranha ao saber do crime. Seria a pessoa com as melhores oportunidades para armar os acidentes anteriores e saber onde estava a pistola, mas dificilmente teria mexido no carro, e o crime como um todo parece estar acima de sua capacidade mental.

Motivo: Nenhum, a não ser por algum possível desentendimento anterior desconhecido.

Nota: Investigar melhor seus antecedentes e sua relação em geral com N.B.

B. *Seu marido*: Idem à esposa. Maior chance de ter mexido no carro.

Nota: Deverá ser interrogado.

C. *Filho*: Pode ser descartado.

Nota: Deverá ser interrogado. Talvez saiba de informações valiosas.

D. *Sr. Croft*: Sua única atitude suspeita foi o fato de ter sido visto subindo a escada até o quarto. Tinha uma resposta pronta que poderia ser verdade. Ou não! Nada se sabe sobre seus antecedentes.

Motivo: Nenhum.

E. *Sra. Croft*: Atitudes suspeitas: Nenhuma.

Motivo: Nenhum.

F. *Sra. Rice*: Atitudes suspeitas: Teria todas as oportunidades para agir. Pediu a N.B. para pegar seu casaco. Tentou deliberadamente passar uma imagem de que N.B. era mentirosa e de que seus relatos sobre os “acidentes” não

deveriam ser levados a sério. Não estava em Tavistock quando os acidentes aconteceram. Onde ela estaria?

Motivo: *Lucro*? Pouco provável. *Inveja*? Talvez, mas nada evidente. *Medo*? Também é possível, mas nada evidente.

Nota: Conversar com N.B. sobre o assunto. Tentar descobrir algo ainda não revelado. Talvez alguma coisa ligada ao casamento de F.R.

G. *Sr. Lazarus*: Atitudes suspeitas: Oportunidades em geral. Ofereceu-se para comprar o retrato. Disse que os freios do carro estavam em perfeito estado (segundo F.R.). Poderia já estar aqui antes de sexta-feira.

Motivo: Nenhum, a não ser por algum interesse pelo quadro. Medo? Dificilmente.

Nota: Descobrir onde J.L. esteve antes de chegar a St. Loo. Investigar a situação fiscal da Aaron Lazarus & Filho.

H. *Comandante Challenger*: Atitudes suspeitas: Nenhuma. Esteve em St. Loo durante toda a semana passada, então poderia estar por trás dos "acidentes". Apareceu meia-hora depois do assassinato.

Motivo: Nenhum.

I. *Sr. Vyse*: Atitudes suspeitas: Não estava em seu escritório quando o tiro foi disparado no jardim do hotel. Boas oportunidades para agir. Reagiu de forma estranha quando perguntado sobre uma possível venda da Casa do Penhasco. Personalidade reprimida. Provavelmente saberia onde estava a pistola.

Motivo: *Lucro*? Pouco provável. *Amor ou ódio*? Talvez, dado seu temperamento. *Medo*? Pouco provável.

Nota: Descobrir quem detém a hipoteca. Investigar a situação de sua firma.

J. *?*: Poderia existir uma figura J, ou seja, um desconhecido, mas ainda assim ligada a algum dos outros nomes citados. Nesse caso, provavelmente com A, D e E ou F. A existência de J explicaria: (1) a falta de espanto e até um certo deleite vistos em Ellen ao saber do crime (embora talvez esse encantamento seja algo natural das pessoas de sua classe em relação à morte); (2) o motivo do sr. Croft ter vindo morar com sua esposa no chalé; (3) poderia sugerir que F.R. tenha *inveja* de N.B. ou *medo* de que algum segredo seja revelado.

Poirot ficou me olhando enquanto eu lia.

– Tem um belo toque inglês, não acha? – disse, cheio de orgulho. – Sou mais inglês escrevendo do que falando.

– É um trabalho excelente – respondi, empolgado. – Você conseguiu resumir todas as possibilidades com perfeita clareza.

– Sim – consentiu, pensativo, enquanto pegava a folha de volta. – E um nome em especial me salta aos olhos, meu amigo. *Charles Vyse*. Ele teria as melhores oportunidades. Elencamos para ele dois motivos possíveis. *Ma foi*, se essa fosse uma lista de cavalos para uma corrida, ele seria o grande favorito, *n'est ce pas*?[1]

– Ele certamente me parece o mais suspeito.

– Você tem a tendência de escolher sempre o suspeito menos provável, Hastings. Talvez você devesse ler menos romances policiais. Na vida real, em noventa por cento dos casos, o culpado pelo crime acaba sendo a alternativa mais provável e óbvia de todas.

– Mas você acha que essa teoria não se aplica neste caso?

– Tenho uma única ressalva. A ousadia do criminoso! Foi o que mais me chamou a atenção desde o começo. Por isso mesmo, como já disse, o *motivo não pode ser óbvio*.

– Sim, foi o que você disse no começo.

– E é o que estou dizendo de novo.

De repente, com um gesto brusco, ele amassou as folhas de papel e as jogou no chão.

– Não! – exclamei em protesto.

– Esqueça. Essa lista é inútil. Mas pelo menos serviu para me arejar a cabeça. Ordem e método! Essa é a primeira fase. Organizar os fatos com clareza e precisão. Já a segunda...

– Sim...?

– A segunda fase é a da psicologia. A hora de pôr o cérebro para trabalhar! Eu o aconselharia a ir dormir, Hastings.

– Não – respondi. – A menos que você também vá. Não vou deixar você aqui.

– Ah, fiel como um cão! Infelizmente, Hastings, você não pode me ajudar a pensar. É só isso o que vou fazer: pensar.

Continuei balançando a cabeça.

– E se você quiser discutir alguma coisa comigo?

– Muito bem, muito bem, meu fiel amigo. Então pelo menos puxe uma poltrona para se sentar.

Essa proposta eu aceitei. Em pouco tempo, comecei a perder o foco. A última coisa da qual me lembro é de ter visto Poirot pegando com todo cuidado

os papéis amassados do chão para jogá-los na cesta de lixo.

Depois disso, acho que devo ter caído no sono.

Capítulo 10

O segredo de Nick

O sol brilhava lá fora quando acordei.

Poirot ainda estava sentado no mesmo lugar da noite anterior. Sua postura também continuava idêntica, mas seu rosto agora tinha um ar diferente. Seus olhos reluziam com aquele estranho brilho felino que eu conhecia tão bem.

Endireitei-me com algum esforço na poltrona, sentindo o corpo todo rígido e dolorido. Dormir sentado não é algo muito recomendável na minha idade. Por outro lado, isso me trouxe pelo menos um efeito positivo: não acordei com aquela agradável sensação de sonolência, mas sim com minha mente tão ativa quanto antes de ter caído no sono.

– Poirot! – exclamei. – Você teve uma ideia!

Ele acenou a cabeça. Em seguida, inclinou-se para a frente e bateu na mesa.

– Responda-me estas três perguntas, Hastings: *Por que mademoiselle Nick vem dormindo mal ultimamente? Por que ela comprou um vestido de gala preto se não gosta dessa cor? E por que ela disse "Não tenho mais por que viver agora" ontem à noite?*

Fiquei sem reação, estranhando o propósito daquelas perguntas.

– Responda às perguntas, Hastings. Responda!

– Bom, quanto à primeira, ela disse que tem andado meio preocupada.

– Precisamente. Com o que ela estaria preocupada?

– Quanto ao vestido, bom, todo mundo gosta de variar às vezes.

– Para um homem casado, você me parece entender muito pouco da psicologia feminina. Se uma mulher acha que não fica bem de preto, ela jamais usaria um vestido dessa cor.

– Por último, bom, acho que foi só algo natural que qualquer um diria depois de um choque como aquele.

– Não, *mon ami*, aquilo não foi *nada* natural. Ficar horrorizada pela morte da prima, culpar-se pelo ocorrido, sim, isso foi muito natural. Mas aquela frase, não. Ela falou da vida com desapego, como se já não tivesse mais nenhum interesse em viver. Até então, ela nunca tinha mostrado esse tipo de atitude. A

princípio, ela quis passar uma postura forte, mas essa fachada desabou e ela acabou mostrando medo depois. Sim, medo, veja bem, porque ela tinha uma vida boa e não queria morrer. Agora, desapego à vida? Não, nunca! Até a noite passada, isso nunca tinha vindo à tona. O que temos aqui, Hastings, é um caso de *mudança psicológica*. E isso é muito interessante. Afinal, o que teria causado essa mudança?

– O choque pela morte da prima.

– Será? Talvez ela tenha dito aquilo pelo choque. Mas e se essa mudança aconteceu antes disso? O que mais poderia levá-la a mudar de ideia assim?

– Acho que nada.

– Pense, Hastings! Use sua massa cinzenta.

– É sério...

– Quando foi que pudemos observá-la direito pela última vez?

– Bom, acho que foi durante o jantar.

– Exatamente. Depois disso, nós só a vimos recebendo os convidados, dando as boas-vindas, sempre com uma atitude meramente formal. E o que aconteceu quando já estávamos terminando o jantar, Hastings?

– Ela saiu para atender ao telefone – falei.

– *À la bonne heure*! Você finalmente chegou onde eu queria. Ela saiu para atender ao telefone e demorou-se para voltar. Uns vinte minutos pelo menos. Isso é muito tempo para uma simples ligação. Quem teria falado com ela pelo telefone? Sobre o que eles conversaram? Ela realmente foi atender o telefone? Precisamos descobrir o que aconteceu nesses vinte minutos, Hastings. Estou certo de que isso nos levará até a pista que estamos procurando.

– Você acha mesmo?

– *Mais oui, mais oui*! Eu venho dizendo esse tempo todo que a mademoiselle está nos escondendo alguma coisa, Hastings. Ela não imagina que isso tenha qualquer conexão com o assassino, mas eu, Hercule Poirot, enxergo mais longe! Deve sim haver alguma conexão. Sempre soube esse tempo todo que havia alguma coisa faltando. Caso contrário, tudo estaria muito claro para alguém brilhante como eu! No entanto, como esse caso não me parece nada claro, *eh bien*, essa incógnita só pode ser a peça-chave para a solução do mistério! Sei que estou certo, Hastings. Só preciso descobrir as respostas dessas três perguntas. Assim que eu souber, tudo começará a se esclarecer...

– Bom – falei, espreguiçando-me. – Acho que preciso tomar um banho e fazer a barba, então.

Depois de me lavar e trocar de roupa, já estava me sentindo muito melhor. As dores e o cansaço pela noite maldormida por fim passaram. Desci, achando que uma bela xícara de café quentinho poderia revigorar o resto das minhas forças.

Dei uma rápida olhada no jornal, mas poucas notícias chamaram minha atenção, a não ser pela confirmação oficial da morte de Michael Seton. Havíamos perdido mesmo aquele intrépido piloto. Fiquei pensando se a edição do dia seguinte traria manchetes dizendo: "JOVEM É ASSASSINADA DURANTE QUEIMA DE FOGOS. TRAGÉDIA MISTERIOSA ABALA ST. LOO.", ou algo assim.

Eu tinha acabado de terminar o café quando Frederica Rice veio até a minha mesa. Ela estava com um vestidinho marroquino preto simples de gola plissada branca, e sua beleza me pareceu mais evidente do que nunca.

– Queria falar com o monsieur Poirot, capitão Hastings. Sabe se ele já acordou?

– Podemos subir agora mesmo – falei. – Ele deve estar no nosso quarto.

– Obrigada.

– E a senhora? – perguntei, enquanto nos retirávamos. – Espero que não tenha dormido muito mal esta noite.

– Foi um grande choque – disse, pensativa. – Mas claro, eu mal conhecia aquela pobre moça. Seria muito pior se tivesse sido Nick.

– A senhora nunca a tinha visto antes?

– Só uma vez, em Scarborough. Ela apareceu com Nick para almoçar.

– Acho que os pais dela vão ficar muito abalados – falei.

– Sim, é terrível.

No entanto, disse isso com um ar bastante impessoal. De fato, ela me parecia ser uma pessoa um tanto egoísta, alguém que não se deixava afetar muito por qualquer coisa que não se referisse diretamente a ela mesma.

Poirot também já tinha acabado de tomar seu café e estava sentado, lendo o jornal. Ele se levantou e cumprimentou Frederica com sua costumeira cortesia francesa.

– Madame! – disse. – *Enchanté*!

Poirot puxou uma cadeira pra ela.

Ela o agradeceu com um leve sorriso e se sentou, apoiando suas duas mãos nos braços da cadeira, com as costas muito retas e os olhos fixos à frente, sem dizer nada a princípio. Sua postura calada e indiferente chegava a ser um pouco intimidadora.

– Escute, monsieur Poirot – começou, por fim. – Sem dúvida, imagino que o triste incidente da noite passada deva estar ligado a todo esse caso. O verdadeiro alvo do ataque deveria ter sido Nick, não é?

– Sem dúvida alguma, madame.

Frederica franziu um pouco a testa.

– Nick deve ter um anjo da guarda – continuou.

Sua voz me pareceu estranha ao dizer isso, mas nada que eu pudesse identificar.

– Dizem que a sorte é traiçoeira – comentou Poirot.

– Talvez seja mesmo. Sem dúvida, é inútil lutar contra ela – agora, seu tom já era apenas de cansaço. Após uma breve pausa, ela prosseguiu: – Devo-lhe desculpas, monsieur Poirot. E a Nick também. Até ontem à noite, eu não estava acreditando nessa história. Não imaginava que a situação fosse tão séria.

– É mesmo, madame?

– Creio que agora tudo deverá ser investigado com muito cuidado. E imagino que todos os conhecidos mais próximos de Nick estejam sob suspeita. Isso é ridículo, claro, mas acho que não poderia ser diferente. Estou certa, monsieur Poirot?

– É muito inteligente, madame.

– O senhor me perguntou sobre Tavistock aquele outro dia, está lembrado? Como o senhor cedo ou tarde acabará descobrindo de qualquer jeito, acho melhor que eu mesma lhe conte a verdade agora. Eu não estava em Tavistock.

– Não, madame?

– Cheguei de carro com o sr. Lazarus por estas bandas no começo da semana passada. Não queríamos atrair nenhuma atenção desnecessária, então ficamos em um lugarzinho chamado Shellacombe.

– Se não me engano, fica a pouco mais de dez quilômetros daqui, correto?

– Sim, por aí.

Seu tom continuava exausto e distante.

– Permite-me uma indiscrição, madame?

– Será que isso ainda existe hoje em dia?

– Talvez não mesmo, madame. Enfim, há quanto tempo a senhora e o monsieur Lazarus são amigos?

– Eu o conheci seis meses atrás.

– E gosta dele, madame?

Frederica deu de ombros.

– Bom... ele é rico.

– Oh, *là là*! – exclamou Poirot. – Mas que coisa feia de se dizer!

Ela pareceu achar um pouco de graça naquilo tudo.

– Não é melhor eu mesma dizer isso antes que o senhor diga por mim?

– Sim, isso é bem verdade. Volto a dizer, madame, a senhora é muito inteligente.

– Acho que o senhor vai acabar me dando um diploma! – brincou Frederica, e então se levantou.

– Não há mais nada que queira me dizer, madame?

– Não, acho que não. Vou levar algumas flores para Nick e ver como ela está.

– Ah, isso é muito gentil da sua parte. Agradeço pela sinceridade, madame.

Ela o olhou com uma expressão intensa, como se fosse dizer alguma coisa, mas mudou de ideia e se retirou, lançando-me um leve sorriso enquanto eu lhe abria a porta.

– Ela é inteligente – disse ele. – Sim, mas Hercule Poirot também é!

– O que você quer dizer?

– Que é muito conveniente ela me falar agora sobre o dinheiro do monsieur Lazarus...

– Devo dizer que achei isso desprezível.

– Mon cher, você sempre tem a reação certa na hora errada. A indelicadeza do comentário não está em questão agora. Afinal, se madame Rice tem um amigo fiel e rico o bastante para lhe dar tudo o que ela precisa, obviamente não teria por que assassinar sua melhor amiga por alguns meros trocados.

– Ah! – exclamei.

– *Précisément*! "Ah!"

– Por que você não a impediu de ir até a clínica?

– Por que eu mostraria minhas cartas? Não é Hercule Poirot quem vai impedir que mademoiselle Nick receba seus amigos. *Quelle idée*! Essa restrição está sendo feita pelos médicos e enfermeiras. Ah, aquelas enfermeiras petulantes! Sempre falando de normas, regulamentos e "ordens médicas".

– Você não tem medo de que ela possa conseguir entrar? E se Nick insistir?

– Ninguém entrará naquele quarto a não ser eu e você, meu caro Hastings. Aliás, acho melhor irmos logo até lá.

De repente, a porta da sala se abriu, e George Challenger entrou às pressas. Seu rosto bronzeado estava cheio de indignação.

– Escute aqui, monsieur Poirot – disse ele. – O que significa tudo isso? Eu liguei para aquela maldita clínica de repouso para onde Nick foi. Perguntei

como ela estava e a que horas poderia passar para vê-la, mas me disseram que o médico proibiu qualquer visita. Quero saber o que isso significa. Para ser franco, quero saber se isso foi obra sua ou se Nick ficou realmente abalada pelo choque!

– Posso lhe garantir que não sou eu quem faz as regras das clínicas de repouso, monsieur. E nem ousaria, aliás. Por que o senhor mesmo não liga para o médico? Como era o nome dele mesmo? Ah, sim, dr. Graham.

– Já liguei. Ele disse que ela está tão bem quanto poderia se esperar, as coisas de sempre. Mas conheço todos esses truques, meu tio também é médico. Ele trabalha em Harley Street, é neurologista, psicanalista, essas coisas. Sei como os médicos tentam afastar os amigos e conhecidos com essas conversinhas. Sei muito bem. Duvido que Nick não esteja apta a receber visitas. E acho que o senhor está por trás de tudo isso.

Poirot abriu um sorriso muito gentil para o comandante. Aliás, sempre notei que Poirot tem um grande carinho por pessoas apaixonadas.

– Por favor, entenda, *mon ami* – explicou. – Se uma pessoa puder entrar, não haverá como impedir que as outras queiram fazer o mesmo. Compreende? Tudo o que eu e o senhor queremos é a segurança da mademoiselle, certo? Pois então. É justamente por isso que ninguém poderá visitá-la.

– Entendi – disse Challenger. – Mas então...

– *Chut*! Não diga mais nada. Vamos nos esquecer dessa conversa. Prudência, sim, extrema prudência é do que mais precisamos ter neste momento.

– Não se preocupe, não vou dizer nada – concordou o marinheiro.

Ele se virou para a porta, mas parou antes de sair e disse:

– Eu ainda posso mandar flores, não? Desde que não sejam crisântemos.

Poirot sorriu.

– Agora – disse ele, assim que o impetuoso marinheiro se retirou –, enquanto o comandante Challenger, a madame e talvez até o monsieur Lazarus se encontram na floricultura mais próxima, eu e você poderemos ir com tranquilidade até a clínica.

– Para investigar as respostas daquelas três perguntas? – perguntei.

– Sim. Vamos perguntar a ela. Embora eu na verdade já saiba as respostas.

– Como é?! – exclamei.

– Sim.

– Mas quando você descobriu?

– Enquanto tomava café, Hastings. Elas estavam bem debaixo do meu nariz.

– Conte-me então.

– Não, vou deixar que a própria mademoiselle explique tudo a você.

Em seguida, como se estivesse tentando distrair minha atenção, ele me entregou uma carta aberta.

Era um relatório feito pelo especialista que Poirot havia chamado para examinar o quadro do velho Nicholas Buckley. O documento declarava oficialmente que a pintura valia no máximo vinte libras.

– Isso já descarta uma hipótese – disse Poirot.

– Não há coelho nesse mato – disse, lembrando-me da metáfora usada por Poirot em um caso antigo.

– Ah, você se lembra disso? Não mesmo, não há nenhum coelho nesse mato. O quadro vale vinte, e o monsieur Lazarus lhe ofereceu cinquenta. Que deslize para um jovem aparentemente tão astuto, não? Mas, enfim, vamos começar nosso trabalho.

A clínica de repouso ficava no alto de uma colina com vista para a baía, onde um funcionário de branco nos recebeu. Fomos deixados em uma salinha no andar de baixo até que, pouco depois, uma enfermeira apareceu procurando por nós.

Um mero olhar para Poirot pareceu ser o bastante para esclarecer a situação. Ela claramente havia recebido ordens do dr. Graham junto com uma breve descrição do pequenino detetive. Percebi que ela até conteve um sorriso.

– A srta. Buckley passou a noite muito bem – informou. – Venham comigo.

Encontramos Nick em um quarto aconchegante e ensolarado, deitada em uma cama de ferro estreita, com um ar de criança cansada. Ela estava com o rosto pálido, os olhos estranhamente vermelhos e uma aparência bastante apática e exausta.

– Fico feliz que tenham vindo me ver – disse com uma voz monótona.

Poirot a pegou pela mão.

– Coragem, mademoiselle. Sempre existirá algo pelo que vale a pena viver.

Ela pareceu se surpreender com essas palavras e olhou para Poirot.

– Ah! – exclamou ela. – Ah!

– Agora, poderia me dizer o que vem lhe preocupando tanto nos últimos dias, mademoiselle? Ou devo adivinhar? Aliás, gostaria de oferecer as minhas mais sinceras condolências.

Ela ficou com o rosto vermelho.

– Então o senhor já sabe. Enfim, acho que agora não há mais por que esconder. Agora que tudo acabou. Agora que eu nunca mais voltarei a vê-lo.

Ela perdeu a voz.

– Coragem, mademoiselle.

– Não tenho mais coragem nenhuma. Já gastei tudo o que tinha nessas últimas semanas. Só esperando, esperando e, ultimamente, esperando já sem esperança alguma.

Fiquei sem reação. Eu não estava entendendo uma palavra sequer.

– Explique ao pobre Hastings, mademoiselle – pediu Poirot. – Ele não sabe do que estamos falando.

Os olhos tristes de Nick se voltaram para os meus.

– Michael Seton, o piloto... – disse ela. – Estávamos noivos. E ele morreu.

Capítulo 11

O motivo

Fiquei chocado e me virei para Poirot.

– Era disso que você estava falando?

– Sim, *mon ami*. Fiquei sabendo esta manhã.

– Mas como? Como você descobriu? Você disse que estava bem debaixo do seu nariz durante o café.

– E estava mesmo, meu amigo. Na primeira página do jornal. Eu me lembrei da conversa que tivemos durante o jantar ontem à noite, e tudo fez sentido.

Ele se virou de volta para Nick.

– A senhorita ficou sabendo ontem à noite?

– Sim, pelo rádio. Inventei a desculpa do telefone só para sair da mesa. Queria ouvir a notícia sozinha caso ele... – ela engoliu seco. – E foi então que eu ouvi...

– Eu sei, eu sei – ele voltou a pegá-la pela mão.

– Foi horrível. E aí as pessoas começaram a chegar. Nem sei como aguentei. Parecia até um sonho. Era como se eu estivesse me vendo ali, agindo como sempre. Foi muito estranho.

– Sim, sim, eu entendo.

– Depois, quando subi para pegar a blusa de Freddie, não consegui segurar o choro. Eu me acalmei rápido, mas Maggie não parava de me chamar para me perguntar do casaco. Ela acabou pegando meu xale e voltou lá para fora. Retoquei um pouco a maquiagem e desci logo depois. Mas, quando saí, ela já estava... morta...

– Sim, sim, deve ter sido um choque terrível.

– O senhor não entende. Eu fiquei furiosa! Antes tivesse sido eu! Queria ter morrido, mas estou viva e sabe-se lá por mais quantos anos ainda! Enquanto Michael está morto... afogado nas águas do Pacífico.

– *Pauvre enfant*.

– Não quero mais viver! Não quero mesmo, é sério! – gritou, exasperada.

– Eu sei, eu sei. Todos nós passamos por certas situações na vida nas quais a morte pode parecer uma saída melhor, mademoiselle. Mas isso passa, a dor e o sofrimento uma hora acabam. Talvez não acredite nisso agora, eu sei. Afinal, do que adianta um velho como eu falar? Deve estar pensando que são apenas palavras vazias.

– O senhor está dizendo que vou me esquecer e me casar com outro? Nunca!

Apesar da situação, ela estava linda sentada ali naquela cama, com as duas mãos juntas e as bochechas rosadas.

– Não, não – rebateu Poirot com um tom gentil. – Não é nada disso. Tem sorte, mademoiselle. Um homem muito corajoso se apaixonou por você, um herói. Como você o conheceu?

– Foi em Le Touquet, setembro passado. Quase um ano atrás.

– E quando vocês ficaram noivos?

– Logo depois do Natal. Mas precisava ser segredo.

– Por quê?

– Bom, acontece que o tio de Michael, o velho Sir Matthew Seton, amava pássaros, mas odiava mulheres.

– *Ah, ce n'est pas raisonnable*!

– Bom, não é bem isso o que eu queria dizer. Mas ele era um maluco. Achava que as mulheres só existiam para arruinar a vida dos homens. E Michael dependia muito dele. Sir Matthew se orgulhava muito de Michael e foi ele quem bancou a construção do *Albatross* e todas as despesas da expedição. Essa viagem ao redor do mundo era o maior sonho da vida dos dois. Se Michael tivesse conseguido, bom, ele poderia pedir qualquer coisa ao tio. E mesmo se o velho Sir Matthew não aprovasse o noivado, isso não faria mais muita diferença. Michael já seria um grande herói, e seu tio acabaria aceitando a ideia.

– Sim, sim, eu entendo.

– Mas Michael me disse que tudo poderia ir por água abaixo se alguém descobrisse. Nós teríamos que guardar segredo absoluto. E eu guardei. Nunca contei nada a ninguém, nem mesmo a Freddie.

Poirot limpou a garganta.

– Bom, poderia ter contado para mim, mademoiselle.

Nick ficou olhando para ele.

– Mas que diferença iria fazer? Como isso poderia ter algo a ver com os misteriosos ataques que sofri? Eu fiz uma promessa a Michael e não ia deixar de honrar minha palavra. Mas estava sendo horrível, toda aquela ansiedade, eu já

não sabia mais no que pensar e vivia preocupada. Fora que todo mundo não parava de dizer o quanto eu parecia estar nervosa e eu nem podia dizer nada.

– Sim, eu entendo tudo isso.

– Ele já tinha desaparecido uma vez antes, sabe. Enquanto cruzava o deserto a caminho da Índia. Foi horrível, mas acabou dando tudo certo. Ele teve um problema no motor, mas conseguiu consertar e seguiu viagem. Minha esperança era que fosse algo parecido. Todos diziam que ele estava morto, mas eu insistia em pensar que não, que ele deveria estar bem. Mas aí, na noite passada...

A voz de Nick voltou a falhar.

– Ainda tinha esperanças?

– Não sei. Acho que eu na verdade só não queria acreditar. Era horrível não poder falar com ninguém.

– Sim, imagino. E nunca ficou tentada em momento algum a falar com madame Rice, por exemplo?

– Às vezes sim, desesperadamente.

– Será que talvez ela já não desconfiasse?

–Acho que não – Nick pensou na ideia com cuidado. – Ela nunca disse nada. É claro que ela às vezes dava algumas indiretas sobre nós dois sermos muito amigos e tudo mais, mas acho que não.

– Não pensou em falar com ela nem mesmo depois que o tio do monsieur Seton morreu? Ele morreu há mais ou menos uma semana, a senhorita ficou sabendo?

– Fiquei, sim. Foi durante uma operação ou algo assim. Acho que eu poderia ter contado para qualquer um depois disso. Mas não seria muito elegante, não acha? Digo... poderia parecer que eu estava apenas me gabando ao dar essa notícia justo quando os jornais só falavam de Michael. Poderiam aparecer repórteres querendo entrevistas. Acho que seria muito vulgar. E Michael certamente não aprovaria.

– Sim, concordo, mademoiselle. Não seria mesmo uma boa ideia anunciar isso em público. Só pensei que talvez pudesse ter comentado algo em particular com algum amigo.

– Na verdade, até cheguei a tocar no assunto com alguém, sim – disse Nick. – Achei que seria justo. Mas não sei bem se ele... se essa pessoa realmente entendeu o que eu queria dizer.

Poirot acenou a cabeça.

– E como anda sua relação com seu primo, o monsieur Vyse? – perguntou, mudando abruptamente de assunto.

– Charles? Por que o senhor está me perguntando dele?

– Só por perguntar, nada mais.

– Charles é uma boa pessoa – disse Nick. – Só não é muito inteligente, claro. Nunca se arrisca em nada. Acho que ele não aprova meu estilo de vida.

– Ah, mademoiselle, mademoiselle! Mas pelo que soube, ele é completamente apaixonado por você!

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra. Charles não concorda com o meu estilo de vida e desaprova meus coquetéis, minha aparência, meus amigos e minhas conversas. Mas é totalmente fascinado por mim. Ele deve achar que pode me corrigir – ela parou por um instante e então, quase ensaiando uma piscadela, disse: – Com quem o senhor andou falando para saber de tudo isso?

– Por favor, não comente nada, mademoiselle, mas eu tive uma breve conversa com aquela senhora australiana, a madame Croft.

– Ah, ela é um doçura mesmo, desde que tenha tempo para ouvi-la. Ela é muito sentimental. Só pensa na casa, nos filhos e esse tipo de coisa, sabe como é.

– Eu mesmo também sou um sentimental à moda antiga, mademoiselle.

– Sério? Achei que o sentimental entre vocês dois era o capitão Hastings.

Fiquei corado de indignação.

– Acho que ele ficou furioso – disse Poirot, percebendo meu desconforto com grande deleite. – Tem razão, mademoiselle. Sim, a senhorita tem razão.

– É claro que não – neguei, irritado.

– Hastings tem uma boa índole muito singular, coisa que já me atrapalhou bastante em algumas ocasiões.

– Não diga besteiras, Poirot.

– Para começar, ele é incapaz de ver maldade em qualquer um, mas, quando vê, fica tão indignado que mal consegue disfarçar. Sim, acho isso de uma beleza muito rara. Não permitirei que você me contradiga nesse assunto, *mon ami*. Sabe que estou dizendo a verdade.

– Vocês dois estão sendo muito gentis comigo – disse Nick.

– Là, là, mademoiselle. Não foi nada. Ainda temos muito trabalho a fazer. Para começar, a senhorita vai continuar aqui e seguir nossas ordens. Precisa fazer exatamente o que eu disser. Não posso ser atrapalhado por nada agora.

Nick soltou um suspiro exausto.

– Tudo bem, farei o que vocês quiserem. Já não me importo com mais nada.

– Não poderá ver mais ninguém por enquanto.

– Sem problemas. Não quero ver ninguém mesmo.

– Só precisa esperar aqui enquanto nós agimos. Agora, mademoiselle, vou deixá-la em paz. Não me intrometerei mais no seu sofrimento – ele foi até a porta, mas parou com a mão na maçaneta e virou a cabeça por cima do ombro. – Aliás, a senhorita comentou certa vez que tinha feito um testamento. Onde está esse documento?

– Ah, não sei, deve estar por aí.

– Na Casa do Penhasco?

– Sim.

– Em um cofre? Trancado em alguma gaveta?

– Bom, não sei bem na verdade. Deve estar por lá em algum lugar – disse ela, franzindo a testa. – Sou muito desorganizada, sabe. Mas deixo papéis e outras coisas assim na escrivaninha da biblioteca. É onde guardo a maioria das contas. O testamento deve estar junto. Ou talvez no meu quarto, não sei.

– A senhorita me permitiria entrar lá para procurar?

– Claro, se o senhor quiser, pode procurar onde achar melhor.

– *Merci*, mademoiselle. Agradeço pela permissão.

Capítulo 12

Ellen

Poirot não disse mais nada até sairmos da clínica. Assim que chegamos ao lado de fora, ele me pegou pelo braço.

– Você viu, Hastings? Você viu? Ah, *sacré tonnerre*! Eu tinha razão! Eu tinha razão! Sempre soube que algo estava faltando, alguma peça desse quebra-cabeça todo. E sem essa peça, nada nunca poderia fazer sentido! – toda aquela empolgação triunfante de Poirot me parecia muito estranha. Eu não conseguia entender o que acontecera de tão importante. – Ela estava lá esse tempo todo, eu só não me dei conta. Mas como eu poderia? Sim, logo percebi que alguma coisa estava faltando, mas descobrir qual coisa era essa, *ça c'est bien plus difficile*![12]

– Então você acha que isso tem alguma conexão direta com o crime?

– *Ma foi*, você não percebe?

– Para falar a verdade, não.

– Como não? Nós agora temos o que tanto estávamos procurando, o motivo! O misterioso e enigmático motivo!

– Talvez eu seja mesmo muito limitado, mas juro que ainda não entendi. Você está dizendo que foi por algum tipo de inveja?

– Inveja? Não, não, meu amigo. Foi pelo mesmo motivo inevitável de sempre. Dinheiro, meu amigo, dinheiro! – fiquei sem reação. Ele continuou falando, agora mais calmo. – Preste atenção, *mon ami*. Há pouco mais de uma semana, Sir Matthew Seton morreu. E ele era milionário, um dos homens mais ricos da Inglaterra.

– Sim, mas...

– *Attendez*, uma coisa de cada vez. Ele tinha um sobrinho que idolatrava e para quem muito possivelmente acabaria deixando toda a sua imensa fortuna.

– Mas...

– *Mais oui*! Claro, parte da fortuna deveria ir para a manutenção dos santuários de pássaros, mas a maior parte do dinheiro ficaria com Michael Seton. Na terça passada, Michael Seton é anunciado como desaparecido... *e, na quarta, começam os ataques contra a mademoiselle*. Suponhamos então, Hastings, que Michael Seton tivesse feito um testamento antes de partir em sua viagem, deixando tudo o que tinha para a noiva.

– Isso é só uma suposição.

– Sim, é uma suposição. *Mas só pode ter sido isso*. Porque, caso contrário, tudo o que aconteceu não faria nenhum sentido. Afinal, não estamos falando de uma herança qualquer, mas sim de uma enorme fortuna.

Fiquei em silêncio por alguns minutos, refletindo sobre o assunto. Parecia-me que Poirot estava fazendo conclusões apressadas sem muitos fundamentos, mas, mesmo assim, tudo me levava a crer que ele tinha razão. Seu extraordinário talento de sempre estar certo era o que mais me influenciava. Ainda assim, havia muito a ser comprovado.

– Mas ninguém sabia do noivado – argumentei.

– Por favor! Alguém *com certeza* sabia. Em casos assim, alguém *sempre* sabe. Ou, se não sabe, desconfia. A madame Rice já devia suspeitar. A própria mademoiselle Nick admitiu. E talvez ela tenha conseguido transformar essa suspeita em certeza.

– Como?

– Bom, para começar, Michael Seton devia mandar cartas para mademoiselle Nick. Afinal, eles já estavam noivos há algum tempo. E a melhor amiga da nossa jovem sabe muito bem o quanto Nick é descuidada e costuma deixar tudo em qualquer lugar. Duvido que a mademoiselle tenha trancado qualquer coisa na vida. Ah, sim, sim, ela teria várias formas de confirmar suas suspeitas.

– E você acha que Frederica Rice saberia do testamento feito pela amiga?

– Sem dúvida. Isso delimita muito as coisas. Está lembrado daquela minha lista com nomes de A a J? Agora, restam apenas duas pessoas suspeitas. Posso descartar os criados. Posso descartar o comandante Challenger, ainda que ele tenha levado uma hora e meia para chegar de Plymouth até aqui, sendo que essa viagem não tem nem cinquenta quilômetros. Posso descartar o monsieur Lazarus, que ofereceu cinquenta libras por um quadro que valia apenas vinte, o que é muito estranho, aliás, considerando que isso não me parece ser nada característico dele. E posso descartar aqueles dois australianos tão carinhosos e gentis. No entanto, duas pessoas continuam na minha lista.

– Uma delas é Frederica Rice – eu disse.

Visualizei aquele rosto, seus cabelos loiros e a pálida fragilidade de seus traços.

– Sim. Tudo parece apontar para ela. Por mais confuso que fosse o testamento da mademoiselle, ela certamente acabaria sendo indicada para receber alguma parte do espólio. A não ser pela Casa do Penhasco, todo o resto

ficaria com ela. Assim sendo, se mademoiselle Nick tivesse morrido ontem à noite, a madame Rice hoje estaria rica.

– Acho difícil de acreditar!

– Você está dizendo que acha difícil acreditar que uma linda mulher possa ser uma assassina? Sim, esse tipo de preconceito muitas vezes causa algumas dificuldades com certos membros em um júri. Mas você pode ter razão. Há ainda mais um suspeito.

– Quem?

– Charles Vyse.

– Mas ele só herdaria a casa.

– Sim, mas talvez ele não saiba disso. Foi ele quem preparou o testamento da mademoiselle? Creio que não. Pois, se fosse, o documento não estaria "por aí em algum lugar", ou seja lá o que ela disse. Por isso mesmo, Hastings, *é muito provável que ele não saiba nada sobre aquele testamento*. Ele pode até achar que ela nunca fez nenhum testamento e que, nesse caso, seria o único herdeiro por ser o parente mais próximo.

– Sabe, isso sim me parece muito mais provável – comentei.

– Isso é só o seu lado romântico falando, Hastings. O advogado sorrateiro. Uma figura muito familiar no mundo da ficção. E se, além de ser advogado, ele também tiver uma postura apática, tudo indica que ele seja o culpado. É bem verdade que, até certo ponto, pode parecer mais suspeito do que a madame. Ele teria mais chances de saber onde a pistola estava e ainda mais de saber como usá-la.

– E de rolar uma pedra penhasco abaixo.

– Talvez. Mas, como eu já disse, tudo poderia ter sido feito com uma alavanca. E o fato de que a pedra foi rolada no momento errado, sem acertar a mademoiselle, só sugere ainda mais uma ação feminina. A ideia de mexer nas peças de um carro me parece algo mais masculino, embora muitas mulheres hoje em dia sejam mecânicas tão boas quanto seus colegas homens. Por outro lado, a teoria que aponta para o monsieur Vyse tem uma ou duas falhas.

– Quais?

– É menos provável que ele tenha descoberto sobre o noivado da mademoiselle do que a madame. E há também uma outra questão. Se esse fosse o caso, ele teria agido de forma muito precipitada.

– Como assim?

– Bom, até ontem à noite, não havia nenhuma certeza quanto à morte de Seton. Atitudes drásticas, sem o devido embasamento, parecem-me muito pouco

típicas de um homem das leis.

– Sim – concordei. – Mulheres são mais impulsivas.

– Exatamente. *Ce que femme veut, Dieu veut*.[13] Parece-me muito mais provável.

– Espantoso como Nick conseguiu escapar de tudo. É quase inacreditável.

De repente, lembrei-me do tom estranho na voz de Frederica quando ela disse: "Nick deve ter um anjo da guarda".

Senti um leve calafrio.

– Sim – disse Poirot, pensativo. – E nem tenho mérito algum por isso, o que é deveras humilhante.

– Foi a providência divina – murmurei.

– Ah, *mon ami*! Eu não colocaria nos ombros do bom Deus o fardo dos crimes humanos. Você diz isso como um bom devoto, sem pensar que suas palavras na verdade estão dizendo que foi *le bon Dieu* quem matou a srta. Maggie Buckley.

– Francamente, Poirot!

– Francamente digo eu, meu amigo! Não vou ficar aqui dizendo que tudo está nas mãos de *le bon Dieu* e que por isso não vou interferir, porque estou convencido de que *le bon Dieu* criou Hercule Poirot com a específica função de interferir nesses assuntos. Esse é o meu *métier*!

Estávamos subindo pouco a pouco a trilha em zigue-zague morro acima durante essa conversa. Logo em seguida, passamos pelo pequeno portão que dava acesso à Casa do Penhasco.

– Ufa! – exclamou Poirot. – Mas que subidinha íngreme. Fiquei com calor. Meu bigode está até caído. Enfim, como eu dizia, estou do lado dos inocentes. Estou do lado de mademoiselle Nick, porque ela foi atacada, e do lado de mademoiselle Maggie, porque foi morta.

– E está contra Frederica Rice e Charles Vyse então?

– Não, não, Hastings. Mantenho sempre a mente aberta. Estou dizendo apenas que um dos dois deve ser o culpado. *Chut*!

Nós chegamos a um gramado em frente à casa, onde um homem estava passando um cortador de grama. Era um sujeito de rosto longo, cara de idiota e olhos baços. Atrás dele, estava um garotinho de uns dez anos, feio, mas que parecia ser inteligente.

Atentei-me ao fato de que não tínhamos ouvido o motor do aparelho antes, mas presumi que o jardineiro deveria estar evitando o serviço. Ele

provavelmente estava descansando e só ligou o cortador assim que ouviu nossas vozes se aproximando.

– Bom dia – disse Poirot.

– Bom dia, senhor.

– O senhor deve ser o jardineiro. O marido da madame que trabalha na casa, não?

– Ele é meu pai – disse o garotinho.

– Isso mesmo, senhor – reforçou o homem. – O senhor deve ser o cavalheiro de fora que na verdade é detetive, imagino. Alguma novidade sobre o caso da jovem?

– Sim, acabei de falar com ela, aliás. Ela passou a noite razoavelmente bem.

– A polícia veio aqui – informou o garotinho. – Foi ali onde aquela moça morreu. Ali, perto da escada. Eu já vi matarem um porco uma vez, não vi, pai?

– Ah, sim – disse o pai com indiferença.

– Meu pai matava porcos quando trabalhava numa fazenda. Não matava, pai? Já vi matarem um porco. Eu gostei.

– As crianças gostam de ver a gente matando porcos – disse o homem, como se estivesse falando de algum fato imutável da natureza humana.

– Mas aquela mulher levou um tiro – continuou o garoto. – Não cortaram a garganta dela, não!

Seguimos até a casa, e fiquei grato por poder me afastar daquele garoto estranho.

Poirot passou pela sala de visitas, que estava com as janelas abertas, e tocou a campainha. Ellen, muito bem vestida de preto, veio atender o chamado e não mostrou qualquer surpresa ao nos ver.

Poirot explicou a ela que estávamos ali com permissão da srta. Buckley para fazer uma busca pela casa.

– Sem problemas, senhor.

– A polícia já terminou?

– Eles disseram que já tinham investigado tudo o que queriam, senhor. Ficaram andando pelo jardim desde bem cedinho, mas não sei se encontraram alguma coisa.

Ela estava prestes a se retirar quando Poirot lhe fez uma pergunta.

– A senhora ficou surpresa ontem à noite quando ficou sabendo que a srta. Buckley havia levado um tiro?

– Sim, senhor, fiquei muito surpresa. A srta. Maggie era uma jovem muito boa, senhor. Não consigo nem imaginar quem seria tão cruel para fazer aquilo com ela.

– Se tivesse sido alguma outra pessoa, não ficaria tão surpresa então?

– Não sei o que senhor está querendo dizer.

– Assim que eu cheguei ao saguão ontem à noite, a senhora logo me perguntou se alguém havia se machucado. Por acaso estava esperando por alguma coisa assim?

Ela ficou em silêncio, passando os dedos na borda do avental. Em seguida, balançou a cabeça e murmurou:

– Acho que os senhores não entenderiam...

– Por favor – pediu Poirot. – É claro que eu entenderia. Por mais estranho que seja o que tem a nos dizer, eu entenderia, sim.

Ela o encarou com um ar desconfiado e pareceu decidida a confiar nele.

– Sabe, senhor, esta casa aqui não é muito boa – disse ela.

Encarei essas palavras com surpresa e até certo desdém. Poirot, no entanto, não pareceu achar o comentário nem um pouco estranho.

– Está dizendo que ela é velha?

– Sim, senhor, não é uma casa boa.

– A senhora trabalha aqui há quanto tempo?

– Há seis anos, senhor. Mas já trabalhei aqui quando era moça também, como ajudante de cozinha. Isso foi na época do velho Sir Nicholas, mas já era a mesma coisa.

Poirot olhou para ela com atenção.

– Casas antigas às vezes têm uma certa atmosfera sinistra.

– Isso mesmo, senhor – concordou Ellen enfaticamente. – Uma aura de maus pensamentos e desgraças. É como quando dá mofo na casa, senhor, uma coisa que se impregna e não sai mais, uma sensação estranha no ar. Sempre soube que algo terrível ainda iria acontecer nesta casa algum dia.

– Bom, parece que sua intuição se comprovou.

– Sim, senhor.

Pude notar um leve quê de satisfação na voz de Ellen, o deleite característico de alguém ao ver que uma de suas lúgubres previsões se concretizou.

– Mas nunca imaginou que seria com a srta. Maggie.

– Não, não mesmo, senhor. Ninguém tinha nada contra ela, estou certa disso.

Essas palavras me pareceram trazer alguma pista. Imaginei que Poirot tentaria ir mais a fundo, mas, para a minha surpresa, ele passou para outro assunto muito diferente.

– A senhora não ouviu os tiros?

– Com todos aqueles fogos, nem percebi. Estava um barulho infernal.

– Estava vendo a queima de fogos?

– Não, ainda não tinha terminado de arrumar tudo depois do jantar.

– Aquele garçom estava ajudando a senhora?

– Não, senhor, ele já tinha ido para o jardim ver a queima de fogos.

– Mas a senhora não?

– Não, senhor.

– Por que isso?

– Eu queria terminar primeiro.

– Não gosta de fogos?

– Ah, gosto sim, senhor, não foi por isso. Mas é que eles fazem essa queima de fogos duas noites seguidas e, como amanhã eu e William temos a noite de folga, poderemos ir até a cidade para ver tudo de lá.

– Entendo. E você ouviu mademoiselle Maggie perguntando pelo casaco que ela não estava conseguindo encontrar?

– Ouvi a srta. Nick subindo a escada e a srta. Buckley dizendo que não estava encontrando alguma coisa aqui embaixo. Depois, ela disse: "Tudo bem, eu pego o xale mesmo".

– Perdão – interrompeu Poirot. – Não tentou procurar o casaco para ela, nem se ofereceu para buscá-lo no carro?

– Eu tinha o meu trabalho para fazer, senhor.

– Sim, claro. E, sem dúvida, nenhuma das duas jovens pediu sua ajuda, porque imaginavam que a senhora deveria estar vendo a queima de fogos, certo?

– Sim, senhor.

– Isso quer dizer que a senhora *costumava*, sim, sair para ver a queima de fogos nos anos anteriores?

As pálidas bochechas de Ellen ficaram vermelhas de repente.

– Não sei bem do que o senhor está falando. Nós sempre pudemos sair para o jardim. Se eu não quis sair este ano e preferi terminar meu serviço para ir me deitar mais cedo, bom, isso é uma opção minha, eu imagino.

– *Mais oui*. *Mais oui*. Não tive a intenção de ofendê-la. Afinal, a senhora tinha todo o direito de fazer o que bem quisesse. É bom variar um pouco às vezes mesmo – ele fez uma pausa e completou: – Agora, tenho mais uma

perguntinha que gostaria de fazer. Esta é uma casa antiga. Saberia me dizer se ela tem algum cômodo secreto?

– Bom, na verdade há uma espécie de painel secreto nesta sala aqui. Lembro que me mostraram isso quando eu era criança. Só não me lembro bem onde ele fica. Ou será que era na biblioteca? Não sei dizer ao certo.

– Algo grande o bastante para alguém se esconder?

– Ah, não mesmo, senhor! É só uma prateleira, uma abertura muito pequena. Não deve ter nem um metro quadrado, senhor!

– Ah, sim, não é disso que estou falando!

Ela voltou a ficar com o rosto corado.

– Se acha que eu estava escondida em algum lugar aqui, o senhor está muito enganado! Só ouvi a srta. Nick subindo a escada e dizendo alguma coisa, depois vim até aqui para ver o que era. Juro por Deus, senhor. Juro por Deus.

Capítulo 13

Cartas

Assim que dispensou Ellen, Poirot se virou com um olhar um tanto pensativo para mim.

– Será que ela não ouviu mesmo os tiros? Eu acho que sim. Acho que ela ouviu os tiros e abriu a porta da cozinha, depois ouviu Nick descer a escada às pressas e sair para o jardim e então veio até o saguão para ver o que tinha acontecido. Isso me parece muito natural. Mas por que ela não saiu para ver a queima de fogos? É isso que eu quero saber agora, Hastings.

– Por que você perguntou sobre algum lugar secreto para se esconder?

– Era só uma ideia mais extravagante. Afinal, ainda não descartamos o J.

– O J?

– Sim, a última pessoa da minha lista. O estranho enigmático. Suponhamos que esse J, alguém de alguma forma ligado a Ellen, tenha vindo aqui ontem. Ele, imagino que seja um homem, poderia ter se escondido em alguma passagem secreta desta sala até ver uma moça passando que ele imaginava ser Nick. Ele a seguiu até lá fora e efetuou os disparos. *Non, c'est idiot*! E, enfim, nós sabemos que não há onde se esconder por aqui. Ellen preferiu ficar na cozinha ontem à noite por mero acaso. Venha, vamos procurar o testamento de mademoiselle Nick.

Não encontramos nenhum papel na sala de visitas. Fomos até a biblioteca, uma sala bastante escura com janelas para a entrada da casa. Uma grande escrivaninha antiga de escritório logo chamou nossa atenção.

Levamos algum tempo para investigar toda a papelada, pois estava uma bagunça enorme. Havia de tudo ali misturado, contas, recibos, convites, cobranças, cartas de amigos.

– Vamos pôr ordem nestes papéis – disse Poirot, todo sério.

E cumpriu sua palavra. Meia hora depois, lá estava ele olhando para a mesa com uma expressão satisfeita no rosto. Tudo ficou perfeitamente organizado, separado e arquivado.

– *C’est bien, ça*. Isso teve pelo menos uma vantagem. Como organizamos tudo com tanto cuidado, acho praticamente impossível que tenhamos deixado passar algo de importante.

– É verdade. Mas também acho que não havia nada muito relevante aqui mesmo.

– A não ser por isto.

Ele me jogou um papel. Era uma carta escrita com letras grandes e tortas, quase indecifráveis.

Querida: A festa foi maravilhosa! Estou acabada hoje. Você fez bem em não ter provado daquilo. Nem pense em começar, querida. É muito difícil parar depois. Vou escrever ao meu amigo para que ele traga mais o quanto antes. Esta vida é um inferno!

Abraços,
Freddie

– A data é de fevereiro passado – falou Poirot, pensativo. – Ela usa drogas, é claro, percebi isso assim que a vi.

– Sério? Nunca suspeitei disso.

– É muito óbvio. Basta reparar nos olhos dela. Isso sem falar nas violentas variações de humor. Às vezes está elétrica e empolgada, às vezes apática e sem vida.

– As drogas costumam afetar a moral do usuário, não?

– Inevitavelmente. Mas não acredito que a madame Rice seja uma viciada. Ela ainda está começando.

– E Nick?

– Não notei nenhum sinal. Ela pode ter experimentado drogas em alguma festa uma vez ou outra só para se divertir, mas nada além disso.

– Ainda bem.

De repente, lembrei-me do que Nick havia dito sobre Frederica, que ela às vezes agia de forma muito estranha, e comentei isso com Poirot. Ele acenou a cabeça e bateu com os dedos na carta.

– Era a isso que ela estava se referindo, sem dúvida. Bom, acho que encerramos por aqui. Vamos subir para o quarto da mademoiselle.

Havia também uma escrivaninha no quarto de Nick, mas com menos papéis em comparação com a da biblioteca. Mais uma vez, nenhum sinal do testamento. Achamos apenas os documentos do carro de Nick e um comprovante

de dividendos em perfeito estado com data do mês anterior. Fora isso, não havia mais nada de importante por ali.

Poirot soltou um suspiro exasperado.

– Essas jovens não são educadas direito hoje em dia. Ninguém mais dá a devida atenção à ordem e ao método! Mademoiselle Nick é muito encantadora, mas é uma cabeça de vento! Sem dúvida alguma, uma grande cabeça de vento!

Ele agora estava analisando as gavetas de uma cômoda.

– Poirot... – disse eu, meio sem jeito. – Isso aí são roupas íntimas

Ele parou por um instante, surpreso.

– E qual é o problema, meu amigo?

– Você não acha que... Digo... nós não podemos...

Ele caiu na gargalhada.

– Ah, meu pobre Hastings, você é mesmo de outra era. A própria mademoiselle Nick lhe diria isso se estivesse aqui. E provavelmente diria que você é um cabeça suja também! As jovens de hoje não têm vergonha de suas roupas íntimas. As camisolas, as calcinhas, isso já não é mais nenhum segredo. Em um passeio qualquer pela praia, você pode encontrar muito mais do que isso pela areia. Então, qual é o problema?

– Eu só não entendo por que você está fazendo isso.

– *Ecoutez*, meu amigo. Mademoiselle Nick claramente não está acostumada a trancar coisas importantes. Se ela por acaso quisesse esconder alguma coisa, onde faria isso? Debaixo de suas meias e anáguas, é claro. Ah! E o que seria isto aqui? – questionou, pegando um maço de cartas amarrado com uma fita rosa desbotada. – Devem ser as cartas de amor escritas pelo monsieur Michael Seton, se não me engano.

Com toda calma, ele desamarrou a fita e começou a abrir as cartas.

– Poirot! – exclamei, escandalizado. – Você não pode fazer isso. É jogo sujo!

– Não estou em nenhum jogo, *mon ami* – rebateu com uma voz agora áspera e séria. – Estou caçando um assassino.

– Sim, mas cartas particulares...

– Podem não ter nada de importante. Mas e se tiverem? Não posso desperdiçar nenhuma oportunidade, meu amigo. Venha, vamos ler juntos. Dois pares de olhos são melhores do que um só. E console-se pensando que a nossa leal Ellen também já deve saber tudo o que está escrito aqui de cor e salteado.

A ideia não me agradou. Por outro lado, eu sabia que Poirot não tinha muitas outras opções na posição em que estava e me consolei pensando nas

últimas palavras de Nick, dizendo que poderíamos procurar onde achássemos melhor.

Havia cartas de várias datas, começando pelo último inverno.

Dia de ano-novo.

Querida:

O ano novo chegou e já estou fazendo ótimas promessas. Quase não consigo acreditar que você me ama. É maravilhoso demais para ser verdade. Você fez toda a diferença na minha vida. Acho que nós dois já sabíamos do nosso amor assim que nos vimos. Feliz ano novo, minha linda menina.

Para sempre seu,

Michael

8 de fevereiro.

Minha querida amada:

Como eu queria poder vê-la mais vezes. É horrível, não é? Odeio ter que fazer tanto segredo, mas já lhe expliquei como são as coisas. Sei o quanto você odeia mentiras e segredos. Eu também odeio. Mas, sinceramente, revelar isso agora poderia pôr tudo a perder. Meu tio Matthew é radicalmente contra casamentos entre jovens, pois acredita que isso pode arruinar a carreira de um homem. Como se você pudesse me fazer algum mal, meu querido anjo!

Anime-se, querida. Vai dar tudo certo.

Com amor,

Michael

2 de março.

Sei que não deveria mandar duas cartas seguidas, mas não resisti. Acordei ontem pensando em você. Sobrevoei Scarborough. Aquela terra tão abençoada de Scarborough, o lugar mais maravilhoso do mundo. Querida, você não sabe o quanto eu te amo!

Com amor,

Michael

18 de abril.

Querida:

Tudo já está preparado. Agora é definitivo. Se eu conseguir (e vou conseguir), meu tio Matthew terá que me escutar. E, se ele não gostar da ideia, bom, do que isso me importa? Acho encantador o quanto você se interessa pelas minhas longas descrições técnicas do Albatross. Como eu queria levar você para voar comigo nele. Quem sabe algum dia! Por favor, não se preocupe comigo. Essa coisa toda não é tão perigosa quanto parece. Além disso, eu simplesmente não teria como morrer agora que sei o quanto você me ama. Vai dar tudo certo, meu coração. Confie no seu Michael.

20 de abril.

Meu anjo:

Cada uma de suas palavras é a mais pura verdade e vou guardar sua carta como um tesouro para sempre. Acho que nem sou digno do seu amor. Você é uma moça única neste mundo. Adoro você mais do que tudo.

Com amor,

Michael

A última carta estava sem data.

Querida:

Bom, eu parto amanhã. Estou muito ansioso, empolgado e confiante no meu sucesso. O velho Albatross está em perfeito estado e não vai me decepcionar.

Anime-se, meu coração, e não se preocupe. É claro que existem riscos, mas a própria vida é um grande risco. Aliás, um amigo me disse que eu deveria fazer um testamento (quanto otimismo, não? Mas ele não falou por mal), então esbocei os termos em um pedaço de papel e mandei para o velho Whitfield. Não tenho tempo para ir até lá agora. Ouvi dizer uma vez que um sujeito havia feito um testamento com apenas três palavras, "Tudo para mamãe", e que isso foi aceito sem problemas. Meu testamento vai ser bem parecido. Lembrei-me que seu nome na verdade é Magdala, veja só como sou esperto! Dois amigos assinaram como testemunhas.

Mas não vá se matar de preocupação por toda essa conversa! (Perdoe a piada, foi sem querer!) Não vou ter nenhum problema. Prometo mandar telegramas da Índia, da Austrália e de todos os outros lugares. Cuide do seu coração. Vai dar tudo certo, viu?

Boa noite e fique com Deus,

Michael

Poirot juntou as cartas de volta.

– Está vendo, Hastings? Eu precisava ter lido essas cartas para me garantir.

– Mas você não poderia ter feito isso de outro jeito?

– Não, *mon cher*, não poderia. Precisava ser assim. Agora temos provas muito valiosas.

– O que você quer dizer?

– Nós agora sabemos com certeza que Michael fez um testamento indicando mademoiselle Nick como sua herdeira. Qualquer um que tivesse lido essas cartas saberia disso. E, escondidas assim como estavam, qualquer um mesmo poderia lê-las.

– Como Ellen?

– Com certeza, eu diria. Vamos fazer uma pequena experiência com ela antes de irmos embora.

– Mas nem sinal do testamento dela, não é?

– Não mesmo, isso é curioso. Mas é bem provável que ele só esteja jogado em cima de alguma estante ou dentro de algum vaso. Teremos que recorrer à memória da mademoiselle quanto a isso. De qualquer jeito, creio que não haja mais nada por aqui.

Ellen estava tirando o pó no saguão quando descemos.

Poirot a cumprimentou com toda gentileza enquanto passávamos. Pouco antes de sair, ele se virou e disse:

– Você sabia que a srta. Buckley estava noiva daquele piloto, Michael Seton?

Ela ficou sem reação.

– Como é? Aquele sujeito que não para de sair nos jornais?

– Sim.

– Bom, não sabia, não. Nem imaginava! Ele era noivo da srta. Nick?

Assim que saímos da casa, comentei com Poirot sobre a reação de Ellen.

– Achei uma demonstração genuína da mais completa e absoluta surpresa.

– Sim, ela me pareceu autêntica.

– Talvez tenha sido mesmo.

– Com aquele pacote de cartas enfiado há meses em uma gaveta de lingeries? Duvido muito, *mon ami*.

"Pode até ser", pensei eu comigo mesmo. "Mas nem todos são como você. As pessoas não saem por aí bisbilhotando as coisas dos outros."

Mas não disse nada.

– Essa Ellen é um grande enigma – avaliou Poirot. – Isso não me agrada. Há algo aqui que ainda não compreendi.

Capítulo 14

O mistério do testamento desaparecido

Voltamos direto para a clínica de repouso. Nick pareceu um tanto surpresa ao nos ver.

– Sim, mademoiselle – disse Poirot, respondendo ao olhar da jovem. – Fui e já voltei. Para começar, gostaria de dizer que pus seus papéis em ordem. Está tudo perfeitamente arrumado agora.

– Bom, acho que já era hora – falou Nick sem conseguir conter um sorriso. – O senhor é muito organizado?

– Pergunte ao meu amigo Hastings aqui.

Ela se virou para mim com um olhar curioso.

Detalhei a ela algumas peculiaridades de Poirot; sua exigência por torradas feitas com pães perfeitamente quadrados e ovos fritos de tamanhos idênticos, além de sua repulsa ao golfe por ser um jogo "caótico e sem forma definida" que só se redimia pelo cuidadoso posicionamento da bolinha antes da primeira tacada! Acabei falando também sobre o famoso mistério que Poirot resolveu usando seu antigo hábito de endireitar os enfeites em cima da lareira.

Poirot abriu um sorriso.

– Hastings faz tudo parecer tão interessante – disse ele assim que terminei. – Mas é a mais pura verdade. Imagine, mademoiselle, que eu até hoje tento convencê-lo a dividir os cabelos ao meio em vez de penteá-los assim de lado. Veja como ele fica com um ar todo desengonçado e assimétrico.

– Então o senhor não deve aprovar o meu penteado também – comentou Nick. – Sempre penteio de lado. Mas deve gostar de Freddie, que divide os cabelos ao meio.

– Ele não tirou os olhos dela mesmo naquela outra noite – brinquei, com um quê de malícia. – Agora já sei por quê!

– *C'est assez!* – cortou Poirot. – Vim até aqui para tratar de um assunto sério. Não consegui encontrar o seu testamento, mademoiselle.

– Ah! – exclamou ela, enrugando as sobrancelhas. – Mas isso tem mesmo tanta importância? Afinal, eu não morri. E testamentos não servem para muita

coisa até que se morra, não é?

– Sim, é verdade. Ainda assim, gostaria de analisar esse seu testamento. Tenho várias teorias a esse respeito. Pense, mademoiselle. Tente se lembrar de onde o deixou. Onde o viu pela última vez?

– Acho que não o deixei em nenhum lugar especial – disse Nick. – Eu nunca guardo nada em lugar nenhum. Devo só ter enfiado em alguma gaveta.

– Não o teria guardado atrás do painel secreto, por acaso?

– Como é que é?

– Sua criada, *Ellen*, comentou que há um painel secreto na sala de visitas ou na biblioteca.

– Mas que besteira – disse Nick. – Nunca soube disso. Foi Ellen quem falou?

– *Mais oui*. Parece que ela já trabalhou na Casa do Penhasco quando era jovem e ficou sabendo desse compartimento secreto por uma cozinheira.

– É a primeira vez que ouço falar disso. Acho que meu avô poderia saber, mas nunca me falou nada. E ele *com certeza* me falaria. O senhor tem certeza de que Ellen não está inventando tudo isso?

– Não, mademoiselle, não tenho certeza de nada! Essa sua criada me parece ter algo de estranho, devo dizer.

– Ah, eu não a acho nada estranha. William é um palerma, e o filho deles é meio bruto, mas Ellen é uma boa pessoa. É a dignidade em pessoa.

– A senhorita a liberou para ver a queima de fogos ontem à noite, mademoiselle?

– Claro, como sempre. Eles terminam o serviço depois.

– Mas ela não saiu mesmo assim.

– Ah, saiu, sim.

– Como tem certeza, mademoiselle?

– Bom, acho que não tenho, na verdade. Eu a liberei, ela me agradeceu. Então presumi que ela tivesse saído para ver os fogos, só isso.

– Muito pelo contrário, ela ficou dentro da casa.

– Mas que estranho!

– Acha isso estranho?

– Claro. Ela nunca deixou de sair para ver os fogos. Ela disse por quê?

– Ela não me contou o verdadeiro motivo, disso tenho certeza.

Nick olhou para ele com um ar intrigado.

– Isso é importante?

Poirot deu de ombros.

– Não sei bem, mademoiselle. *C'est curieux*, é só isso que posso dizer.

– E essa história do painel secreto – disse Nick, pensativa. – Acho isso muito estranho... e difícil de acreditar. Ela mostrou onde esse painel ficava?

– Ela disse que não se lembrava.

– Não acredito que haja nada parecido naquela casa.

– É o que parece, certamente.

– Deve estar ficando maluca, pobrezinha.

– Ela é mesmo uma boa contadora de histórias! Também comentou que acha a Casa do Penhasco um lugar um tanto sinistro.

Nick estremeceu um pouco.

– Nisso talvez ela tenha razão – disse Nick. – Eu mesma sinto isso às vezes. Aquela casa tem um ar estranho...

Ela arregalou os olhos, e seu rosto foi tomado por uma expressão sombria. Poirot se apressou para mudar de assunto.

– Enfim, vamos voltar ao que importa, mademoiselle. O testamento. Os últimos desígnios de Magdala Buckley.

– Foi isso mesmo o que eu escrevi – disse Nick com certo orgulho. – Lembro que escrevi isso e disse que gostaria de saldar todas as minhas dívidas e despesas legais. Lembro que tirei isso de um livro que li.

– Não usou um modelo-padrão?

– Não, não tive tempo para isso. Eu estava de saída para fazer minha cirurgia, e o sr. Croft me disse que esses modelos são muito perigosos, que era melhor fazer um testamento simples, sem tentar ser técnica demais.

– O monsieur Croft? Ele estava junto?

– Sim, foi ele quem me perguntou se eu já tinha feito meu testamento. Nunca tinha pensado nisso antes. Disse que, se eu morresse in... como é mesmo?

– Intestada, sem ter feito seu testamento – expliquei.

– Sim, isso mesmo. Ele disse que, se eu morresse intestada, o governo acabaria ficando com quase tudo, o que seria um desperdício.

– Mas que gentileza do prestativo monsieur Croft!

– Ah, foi sim – afirmou Nick, enfática. – Ele pediu para que Ellen e seu marido assinassem como testemunhas. Aliás... mas é claro! Ah, como eu sou idiota! – nós dois olhamos para ela muito intrigados. – Mas que idiota! Não sei por que fiz vocês ficarem procurando aquele papel na Casa do Penhasco. O testamento está com Charles, é claro! Meu primo, Charles Vyse.

– Ah, então agora está explicado.

– O sr. Croft me disse que eu deveria deixar aquilo com um advogado.

– *Très correct, ce bon monsieur Croft*.

– Homens são tão úteis às vezes – declarou Nick. – Ele me disse para guardar o testamento com um advogado ou em um cofre de banco. E aí achei que Charles seria a melhor opção. Lembro que pus o documento em um envelope e mandei direto para ele – ela se acomodou nos travesseiros e soltou um suspiro. – Peço desculpas pela minha cabeça. Mas pelo menos tudo se resolveu. O documento está com Charles. Se quiserem dar uma olhada, podem pedir para ele.

– Não sem a sua autorização por escrito – observou Poirot, abrindo um sorriso.

– Mas que tolice.

– Não, mademoiselle. Prudência.

– Bom, eu acho uma tolice – ela pegou um pedaço de papel de um bloquinho ao lado da cama. – O que devo escrever? Para ele entregar logo o peixe ao gato?

– Comment?

Caí na gargalhada ao ver a surpresa de Poirot.

Ele ditou algumas palavras que Nick anotou com toda obediência.

– Muito obrigado, mademoiselle – disse Poirot enquanto pegava o papel.

– Peço desculpas pela confusão, mas eu tinha esquecido mesmo. Sabe como às vezes a gente se esquece das coisas de repente?

– Com ordem e método, nunca nos esquecemos de nada.

– Acho que vou precisar fazer algum curso para aprender isso então – disse Nick. – O senhor está me dando um belo complexo de inferioridade, sabia?

– Impossível! *Au revoir*, mademoiselle – ele olhou em volta. – Aliás, suas flores são lindas.

– Não são mesmo? Freddie trouxe os cravos, George as rosas e Jim Lazarus os lírios. E veja só isto aqui...

Ela tirou um papel que cobria uma cesta grande cheia de uvas de estufa.

A expressão de Poirot mudou, e ele deu um passo firme adiante.

– Já comeu alguma delas?

– Não, ainda não.

– Então não coma. A senhorita não deve comer nada trazido de fora, mademoiselle. Nada. Entendeu?

– Ah! – exclamou, sem reação, perdendo pouco a pouco a cor do rosto. – Eu entendo. O senhor acha... que ainda estou em perigo? Acha que ainda estão tentando me matar? – murmurou.

Ele a pegou pela mão.

– Não pense nisso. Está segura aqui. Mas, lembre-se, não aceite nada trazido de fora.

Aquele pálido rostinho assustado sobre o travesseiro ficou gravado em minha mente assim que deixamos o quarto. Poirot olhou para o relógio.

– *Bon*, ainda temos tempo para pegar o monsieur Vyse em seu escritório antes que ele saia para almoçar.

Ao chegarmos, fomos levados até o escritório de Charles Vyse sem demora. O jovem advogado se levantou para nos cumprimentar com seu estilo formal e apático de sempre.

– Bom dia, monsieur Poirot. Como posso ajudar?

Sem maiores delongas, Poirot entregou a carta que Nick havia escrito. Ele a leu e olhou para nós com um ar perplexo.

– Perdoem-me, mas acho que não entendi bem o que isto quer dizer.

– Mademoiselle Buckley não foi clara o bastante?

– Nesta carta aqui – disse Vyse, batendo no papel com a unha –, ela me pede para entregar ao senhor um testamento feito por ela que deveria estar sob meus cuidados desde fevereiro passado.

– Isso mesmo, monsieur.

– Mas ninguém me entregou nenhum testamento, meu caro senhor!

– *Comment*?

– Até onde sei, minha prima não tem testamento. Ela nunca comentou nada sobre isso comigo.

– Fiquei sabendo que ela mesma escreveu os termos em uma folha de papel e depois enviou para o senhor.

O advogado balançou a cabeça.

– Nesse caso, só posso dizer que nunca recebi nada.

– Por favor, monsieur Vyse...

– Estou falando sério, nunca recebi nada desse tipo, monsieur Poirot.

Após uma breve pausa, Poirot se levantou.

– Nesse caso, monsieur Vyse, isso é tudo. Deve ter ocorrido algum engano.

– Sem dúvida houve algum engano.

Ele também se levantou.

– Bom dia, monsieur Vyse.

– Bom dia, monsieur Poirot.

– E lá se foi nossa pista – comentei eu assim que voltamos para a rua.

– *Précisément*.

– Acha que ele está mentindo?

– É impossível dizer. O monsieur Vyse me parece alguém que sabe blefar. Mas uma coisa está clara, ele não vai dar nenhum passo atrás da posição que tomou. *Ele afirma que nunca recebeu o testamento* e não irá nos dizer qualquer outra coisa.

– Nick certamente deve ter algum recibo comprovando a entrega.

– *Cette petite*, ela nunca se preocuparia em pedir algo assim. Ela só enviou o papel e não pensou mais no assunto. *Voilà*. Além disso, ela ainda foi à clínica retirar o apêndice naquele mesmo dia. Ela provavelmente tinha outras coisas na cabeça.

– Bom, e o que vamos fazer agora?

– Vamos falar com o monsieur Croft, *parbleu*. Quero ouvir o que ele se lembra de toda essa história. Parece-me que ele esteve muito envolvido no assunto.

– Ele não teria como lucrar de forma alguma com isso – falei, pensativo.

– Não, não consigo imaginar nada parecido mesmo. É provavel que ele seja apenas um enxerido, o tipo de homem que gosta de resolver os problemas dos vizinhos.

Esse tipo de atitude me parecia ser mesmo típica do sr. Croft. Ele era aquele tipo metido a sabe-tudo que, apesar de bondoso, sempre acaba irritando todo mundo.

Nós o encontramos mexendo em uma panela fumegante na cozinha. Um cheiro delicioso se espalhava pelo pequeno chalé.

Ele logo deixou a comida de lado, claramente ansioso para falar sobre o crime.

– Só um segundo – pediu. – Vamos lá para cima. Minha esposa vai querer ouvir tudo também. Ela nunca nos perdoaria se ficássemos conversando aqui embaixo. Cooee, Milly! Estou subindo com dois amigos.

A sra. Croft nos recebeu calorosamente e logo perguntou sobre Nick. Devo dizer que ela me agradava muito mais do que o marido.

– Ah, pobrezinha – disse ela. – Então ela está em uma clínica de repouso? Mas é claro, ela deve ter ficado muito abalada. Que história terrível, monsieur Poirot, terrível mesmo. Uma moça inocente ser morta assim. Isso é inconcebível, ainda mais por não ter sido em algum recanto sem lei por aí. Foi bem aqui, no coração do velho mundo. Nem consegui dormir esta noite!

– Fiquei preocupado por ter saído e deixado você aqui, minha velha – disse o marido, que tinha posto seu casaco e se juntado a nós. – Nem gosto de pensar

que você ficou aqui sozinha ontem à noite. Isso me dá até calafrios.

– Não quero mais que você me deixe sozinha mesmo! – exclamou a sra. Croft. – Não depois de escurecer, pelo menos. E acho que seria melhor a gente se mudar daqui o quanto antes. Este lugar nunca mais será o mesmo. Aposto que nem a pobre Nicky Buckley vai conseguir dormir em paz naquela casa de novo.

Não estava sendo fácil chegar ao assunto da nossa visita. Os dois não paravam de falar e queriam saber tudo sobre o ocorrido. Os pais da pobre moça morta viriam para cá? Quando seria o funeral? Haveria alguma investigação? O que a polícia disse? Eles já tinham alguma pista? É verdade que um homem foi preso em Plymouth?

Depois de respondidas todas as perguntas, os dois insistiram que almoçássemos com eles, e só conseguimos escapar graças a uma desculpa que Poirot inventou, dizendo que precisávamos ir embora logo para almoçar com o chefe de polícia.

Isso por fim ocasionou uma breve pausa, e Poirot pôde fazer a pergunta que queria.

– Mas é claro – respondeu o sr. Croft. Ele puxou duas vezes o cordão da cortina para cima e para baixo, franzindo a testa com um ar distraído. – Eu me lembro de tudo. Acho que foi logo quando a gente se mudou para cá. Eu me lembro, sim. O médico disse que ela estava com apendicite...

– E provavelmente não era nada de mais – interrompeu a sra. Croft. – Esses médicos vivem querendo abrir as pessoas. Aquilo não era um caso para cirurgia. Ela só teve uma indigestão e um probleminha ou outro, mas eles logo tiraram uma radiografia e disseram que ela precisava operar. E então lá foi ela, pobre alma, para uma daquelas clínicas terríveis.

– Eu só perguntei se ela já tinha feito algum testamento – disse o sr. Croft. – Mas foi mais por brincadeira do que qualquer outra coisa.

– E então?

– E aí ela fez um na hora mesmo. Até falou de pegar um modelo no correio, mas eu disse que era melhor não. Um homem me contou uma vez que esses formulários podem dar muitos problemas. Além disso, o primo dela é advogado. Ele poderia fazer uma versão final depois que ela ficasse melhor, como eu sabia que ficaria, é claro. Foi só por precaução mesmo.

– Quem assinou como testemunha?

– Ah, Ellen, a criada, e o marido dela.

– E depois? O que foi feito com o documento?

– Nós o enviamos por correio ao sr. Vyse, o tal advogado.

– Tem certeza disso?

– Sim, meu caro monsieur Poirot, eu mesmo deixei o documento na caixa de correio que fica bem ali ao lado do portão.

– Então, se o monsieur Vyse disse que não o recebeu...

O sr. Croft pareceu ficar surpreso.

– O senhor acha que ele se extraviou no correio? Ah, mas isso é impossível.

– Enfim, tem certeza de que o enviou?

– Absoluta – reafirmou o sr. Croft com firmeza. – Juro por tudo neste mundo.

– Ah, muito bem então – disse Poirot. – Felizmente, isso não importa, já que a mademoiselle não deve morrer tão cedo mesmo.

Logo depois, enquanto descíamos para o hotel, Poirot se virou para mim e disse:

– *Et voilà*! Quem está mentindo? Croft ou Charles Vyse? Confesso que não consigo imaginar por que o monsieur Croft tentaria mentir. Ele não teria nada a ganhar escondendo o testamento, ainda mais porque foi ele quem a ajudou a fazê-lo. A versão dele me parece muito autêntica e bate exatamente com o que mademoiselle Nick nos contou. Por outro lado...

– Sim?

– Bom, fiquei contente ao ver o monsieur Croft cozinhando quando chegamos. Ele deixou uma excelente marca do dedão e do indicador engordurados na ponta do jornal que forrava a mesa da cozinha. Consegui arrancar esse pedaço sem que ele visse. Vamos mandá-lo para o nosso velho amigo inspetor Japp, da Scotland Yard. Talvez ele possa descobrir alguma coisa interessante com isso.

– Como o quê?

– Sabe, Hastings, não consigo evitar uma certa sensação de que talvez o nosso caro monsieur Croft seja um pouco bom demais para ser verdade. Mas, agora, vamos ao *déjeuner*. Estou faminto!

Capítulo 15

O estranho comportamento de Frederica

A desculpa que Poirot inventou sobre o chefe de polícia acabou não sendo totalmente falsa, já que o coronel Weston veio nos procurar logo depois do almoço.

Weston era um homem alto, de porte militar e muito bem-apessoado. Ele nutria uma grande admiração pelos feitos de Poirot, a quem parecia conhecer muito bem.

– É uma sorte incrível termos o senhor aqui! – disse ele várias e várias vezes.

Seu maior medo era ser forçado a pedir ajuda à Scotland Yard, afinal, o que ele mais queria era resolver o mistério e prender o criminoso por conta própria. Em grande parte, era isso o que justificava sua empolgação por contar com a presença de Poirot neste momento.

Ao que me parecia, Poirot tinha total confiança nele.

– É uma coisa estranha dos diabos! – disse o coronel. – Nunca ouvi falar de nada parecido. Bom, a moça deve ficar segura por enquanto naquela clínica. Mas não podemos deixá-la internada para sempre!

– É justamente essa a dificuldade, coronel. E só há uma forma de resolver isso.

– E qual seria?

– Temos que pôr as mãos na pessoa responsável pelos ataques.

– Se suas suspeitas estiverem corretas, isso não vai ser tão fácil.

– *Ah, je le sais bien*!

– O problema são as provas! Vai ser muito difícil achar alguma – observou o coronel, franzindo a testa. – Esses casos são sempre difíceis, não há nenhuma rotina a ser seguida. Se ao menos pudéssemos encontrar aquela pistola...

– Ela muito provavelmente está no fundo do mar. Isso se o assassino tiver o mínimo de inteligência, é claro.

– Ah! – exclamou o coronel Weston. – Mas eles quase nunca têm. O senhor ficaria surpreso com o quanto as pessoas são idiotas. E nem estou falando de

assassinos, porque não temos muitos deles por aqui, graças a Deus, só de criminosos comuns mesmo. É surpreendente ver o quanto essas pessoas podem ser tão estúpidas.

– Criminosos pensam de uma forma diferente, só isso.

– Sim, talvez. Se Vyse for mesmo o culpado, bom, teremos muito trabalho. Ele é um homem cuidadoso e um ótimo advogado. Duvido que ele acabe se expondo. Já a mulher, bom, com ela seria mais fácil. Aposto tudo que ela vai tentar de novo. Mulheres não têm paciência – ele se levantou. – O inquérito será amanhã de manhã. O juiz investigador virá aqui para trabalhar conosco, sem fazer muito alarde sobre o caso. Queremos manter tudo em sigilo por enquanto.

O coronel já estava se virando para a porta quando parou e voltou de repente.

– Minha nossa, acabei me esquecendo do mais importante. Inclusive, gostaria de pedir sua opinião a respeito disso.

Ele se sentou de novo e tirou do bolso um pedaço de papel com algo escrito, que entregou a Poirot.

– Meus policiais encontraram isso enquanto investigavam o local, não muito longe de onde vocês estavam assistindo aos fogos. Mas foi a única coisa relevante que encontramos.

Poirot alisou o papel. As letras eram grandes e tortas.

"...preciso do dinheiro imediatamente. Caso contrário... o que vai acontecer. Estou avisando."

– Interessante – comentou Poirot. – Posso ficar com isto?

– Claro. O papel não tem nenhuma digital. Seria ótimo se o senhor conseguisse entender o que isso significa – o coronel Weston se levantou mais uma vez. – Bom, agora preciso ir mesmo. O inquérito será amanhã, como já disse. Aliás, não vamos chamar o senhor como testemunha, apenas o capitão Hastings. Não quero que a imprensa saiba do seu envolvimento na investigação.

– Eu entendo. E quanto aos pais da nossa pobre jovem que morreu?

– O pai e a mãe dela devem chegar ainda hoje de Yorkshire, lá pelas cinco e meia. Pobres coitados. Sinto muitíssimo pelos dois. Eles vão levar o corpo de volta amanhã mesmo – ele balançou a cabeça. – É uma situação terrível. Não estou nada contente com tudo isso, monsieur Poirot.

– Quem estaria, coronel? Como o senhor mesmo disse, é uma situação terrível.

Assim que ele se retirou, Poirot voltou a analisar o pedaço de papel.

– É alguma pista importante? – perguntei.

Ele deu de ombros.

– Como vou saber? Mas me parece um caso de chantagem! Alguém naquela nossa festa estava sendo cobrado de uma forma muito desagradável. No entanto, poderia ser alguma outra pessoa de fora, é claro – ele analisou o texto com uma pequena lupa. – Esta caligrafia por acaso lhe parece familiar, Hastings?

– Ela me lembra um pouco... ah, claro! Daquele bilhete escrito pela sra. Rice.

– Sim – disse Poirot. – Existem algumas semelhanças. Sem dúvida alguma. Isso é curioso. No entanto, não creio que esta letra seja da madame Rice – em seguida, ouvimos uma batida na porta. – Pode entrar – concedeu Poirot.

Era o comandante Challenger.

– Estava passando por aqui – disse ele. – Só pensei em perguntar se houve algum avanço nas investigações.

– Pelo contrário – falou Poirot. – Neste momento, sinto que não avançamos quase nada. Parece que estou patinando en *reculant*.[14]

– Isso não é bom. Mas é difícil de acreditar, monsieur Poirot. Andei ouvindo tantas coisas fantásticas sobre seu trabalho. Dizem que o senhor nunca falhou.

– Não é verdade – objetou Poirot. – Tive um fracasso terrível na Bélgica, em 1893. Está lembrado, Hastings? Foi aquele que lhe contei. O caso da caixa de bombons.

– Estou sim – respondi.

Abri um sorriso, pois me lembrei de que Poirot na época me pediu para dizer "caixa de bombons" se eu algum dia achasse que ele estava deixando a vaidade lhe subir à cabeça! No entanto, ele ficou profundamente ofendido quando usei as palavras mágicas menos de dois minutos depois.

– Ah, enfim – disse Challenger. – Isso foi há tanto tempo que nem faz diferença. O senhor vai resolver esse mistério, não vai?

– Isso eu garanto. Palavra de Hercule Poirot. Sou como um cão que fareja um rastro e segue em frente até encontrar seu alvo.

– Ótimo. Alguma ideia até agora?

– Tenho dois suspeitos.

– Imagino que eu não deva perguntar quem eles são.

– Não posso dizer! Afinal, posso estar errado.

– Espero que meu álibi seja satisfatório – disse Challenger com uma leve piscadela.

Poirot abriu um largo sorriso para o rosto bronzeado do comandante.

– O senhor saiu de Devonport pouco depois das oito e meia e chegou aqui às dez e cinco, vinte minutos após o crime ter acontecido. No entanto, Devonport fica a menos de cinquenta quilômetros daqui, um caminho que em geral costuma fazer em coisa de uma hora, já que a estrada é boa. Ou seja, seu álibi não é tão satisfatório assim!

– Bom, eu...

– Compreenda, comandante, meu trabalho é investigar tudo a fundo. Como disse, seu álibi não é muito bom. Mas existem outras coisas fora isso. Diga-me, gostaria de se casar com mademoiselle Nick?

O rosto do marinheiro ficou vermelho.

– Sempre quis me casar com ela – ele disse com uma voz rouca.

– Precisamente. *Eh bien*, a mademoiselle estava noiva de outro homem. O senhor poderia então ter um motivo para matar esse outro homem. Mas não seria necessário, já que ele morreu como um herói.

– Então é verdade? Nick estava mesmo noiva de Michael Seton? Esse boato estava correndo pela cidade hoje de manhã.

– Sim, curioso como a notícia se espalhou tão rápido. O senhor nunca desconfiou?

– Eu sabia que Nick estava noiva, ela me contou uns dois dias atrás. Mas não comentou nada sobre quem seria o noivo.

– Bom, era Michael Seton. E, *entre nous*, ele deixou para ela uma bela fortuna de herança. Ah, mas esta obviamente não seria uma boa hora para matar mademoiselle Nick pelo seu ponto de vista! Ela está chorando pelo amor perdido agora, mas o coração sempre se recupera. Ela ainda é jovem, e imagino que goste muito do senhor...

Challenger ficou em silêncio por alguns instantes.

– Bem que eu gostaria... – murmurou.

Ouvimos uma batida na porta. Era Frederica Rice.

– Eu estava atrás de você – disse ela para Challenger. – Fiquei sabendo que você estava aqui. Queria saber se já foi buscar meu relógio.

– Ah, sim, claro. Passei para pegá-lo hoje de manhã.

Ele tirou um relógio do bolso e entregou a ela. Era um relógio de uma forma um tanto incomum, redondo como um globo, e com uma pulseira preta de

moiré. Lembrei-me de já ter visto algo muito parecido no pulso de Nick Buckley.

– Espero que funcione direito agora.

– Este relógio é um inferno. Vive dando algum problema.

– Parece-me algo feito mais pela beleza do que pela utilidade – observou Poirot.

– E por que não posso ter as duas coisas? – ela olhou para cada um de nós. – Estou interrompendo alguma coisa?

– Não, imagine, madame. Estávamos só conversando sobre como a notícia de que mademoiselle Nick estava noiva daquele valente piloto que morreu está se espalhando rápido.

– Então Nick estava noiva de Michael Seton! – exclamou Frederica.

– Isso a surpreende, madame?

– Um pouco. Não sei por quê. Claro, eu percebi o quanto ele se encantou por ela no outono passado. Eles não desgrudavam um do outro. Mas, depois do Natal, achei que a coisa tinha esfriado um pouco. Até onde sei, eles mal se viam.

– Eles guardaram o segredo muito bem.

– Deve ter sido pelo velho Sir Matthew. Ele era meio maluco mesmo, eu acho.

– Nunca desconfiou, madame? Vocês duas me parecem ser tão amigas...

– Nick sabe ser fechada como ninguém quando quer – murmurou Frederica. – Mas agora entendo por que ela andava tão nervosa ultimamente. Ah, eu devia ter desconfiado pelo que ela me disse outro dia!

– Sua amiga é muito bonita, madame.

– O velho Jim Lazarus também acha – comentou Challenger, soltando sua barulhenta gargalhada não muito elegante.

– Ah, Jim... – ela deu de ombros, mas me pareceu ter ficado um tanto irritada. Em seguida, virou-se para Poirot. – Diga-me, o senhor por acaso...

Ela parou de repente. Seu corpo alto ficou mole e seu rosto ainda mais pálido do que o comum enquanto ela olhava fixamente para o centro da mesa.

– Não me parece bem, madame.

Puxei uma cadeira e a ajudei a se sentar. Ela balançou a cabeça e murmurou:

– Não, estou bem – ela se inclinou para a frente com o rosto entre as mãos. Ficamos olhando, sem saber ao certo como reagir. Frederica se endireitou na cadeira pouco depois. – Mas que bobagem! George, meu querido, não fique tão

preocupado. Vamos falar sobre o assassinato. Alguma coisa empolgante. Quero saber se o monsieur Poirot está no caminho certo.

– Ainda é cedo para saber, madame – disse Poirot evasivamente.

– Mas o senhor já deve ter alguma ideia, não?

– Talvez. Mas ainda preciso de muitas provas.

– Ah, claro! – falou ela com um tom inseguro e então se levantou de repente. – Estou com dor de cabeça. Acho que vou me deitar. Talvez amanhã me deixem visitar Nick.

Ela deixou a sala abruptamente. Challenger franziu a testa.

– Nunca consegui entender essa mulher. Nick pode até gostar dela, mas acho que ela nunca gostou muito de Nick. Enfim, mulheres são complicadas mesmo. É sempre beijinho para cá, beijinho para lá, mas no fundo podem estar querendo se matar. O senhor vai sair? – perguntou ele ao ver que Poirot se levantara e estava tirando uma sujeirinha do chapéu.

– Sim, vou até a cidade.

– Bom, não tenho nada para fazer. Posso ir com o senhor.

– Claro, será um prazer.

Deixamos a sala. Poirot pediu desculpas e deu meia-volta.

– Esqueci minha bengala – explicou ele enquanto voltava.

Challenger pareceu achar aquilo meio estranho. De fato, a bengala de Poirot era um tanto espalhafatosa com seu cabo dourado.

Nossa primeira parada foi na floricultura.

– Gostaria de mandar algumas flores para mademoiselle Nick – disse Poirot.

Ele se revelou um cliente difícil de agradar, mas por fim acabou escolhendo uma bela cesta com enfeites dourados cheia de cravos cor de laranja, tudo amarrado com um enorme laço azul.

A atendente lhe deu um cartão onde ele escreveu “Saudações de Hercule Poirot” com uma letra cheia de floreios.

– Já mandei flores hoje de manhã – disse Challenger. – Acho que posso mandar algumas frutas agora, não?

– *Inutile*! – disse Poirot.

– Como é?

– Disse que isso seria inútil. A clínica não recebe qualquer tipo de comida.

– Quem disse?

– Eu mesmo. Tive que impor essa regra. Isso já foi explicado à mademoiselle Nick, e ela compreendeu.

– Meu Deus! – exclamou Challenger, cheio de preocupação. Ele olhou para Poirot com um ar intrigado. – Então é isso? O senhor ainda teme algum outro ataque?

Capítulo 16

Conversa com o sr. Whitfield

O inquérito foi um processo um tanto árido, apenas o básico de sempre. As provas foram apresentadas, dei meu testemunho sobre como encontrei o corpo, e então vieram as alegações do legista.

Em seguida, o inquérito foi adiado por uma semana.

O assassinato em St. Loo vinha ganhando proeminência na imprensa. Na verdade, o caso acabou tomando o lugar das manchetes sobre o destino do piloto desaparecido.

Agora que Seton estava morto e as devidas homenagens já haviam sido feitas em sua memória, os jornais precisavam de uma nova sensação, e o Mistério de St. Loo pareceu ter caído do céu para animar as pautas do mês de agosto.

Após o inquérito, fiz de tudo para me esquivar dos repórteres e fui me encontrar com Poirot para termos uma conversa com o reverendo Giles Buckley e sua esposa.

Os pais de Maggie formavam um casal encantador, duas pessoas muito simples e sem nenhuma sofisticação.

A sra. Buckley era uma mulher muito digna, alta, bonita e que mostrava claros sinais de sua ascendência nórdica. Seu marido era um homem baixinho de cabelos grisalhos e um jeito tímido muito simpático.

Os pobres infelizes estavam completamente abalados pela tragédia que levara sua filha tão querida, ou "nossa Maggie", como eles a chamavam.

– Ainda mal consigo acreditar – disse o sr. Buckley. – Ela era uma jovem tão boa, monsieur Poirot. Tão tranquila e generosa, sempre pensando nos outros. Quem poderia querer fazer algo assim com ela?

– Até demorei para entender o telegrama – contou a sra. Buckley. – Ela tinha saído de casa não fazia nem um dia.

– Não há vida sem a morte – murmurou o marido.

– O coronel Weston foi muito gentil – observou a sra. Buckley. – Ele nos garantiu que tudo está sendo feito para que o homem por trás disso seja

encontrado. Deve ser algum louco. Não consigo pensar em nenhuma outra explicação.

– Madame, não tenho palavras para expressar o quanto sinto pela sua perda e o quanto admiro sua bravura!

– Chorar agora não traria nossa Maggie de volta – disse a pobre sra. Buckley.

– Minha esposa é fantástica – falou o reverendo. – Ela tem até mais fé e coragem do que eu. Isso está sendo tão... tão atordoante, monsieur Poirot.

– Eu sei, eu sei, monsieur.

– O senhor é um grande detetive, não é? – perguntou a sra. Buckley.

– É o que alguns dizem, madame.

– Ah, eu sei! Seu trabalho é conhecido até na nossa cidadezinha do interior. O senhor vai descobrir a verdade, não vai?

– Não descansarei até conseguir, madame.

– Tudo lhe será revelado, monsieur Poirot – falou o marido com a voz trêmula. – O mal não pode passar impune.

– O mal nunca passa impune, monsieur. Mas nem sempre essa punição é evidente.

– Como assim, monsieur Poirot?

Poirot apenas balançou a cabeça.

– Ah, pobre Nick – disse a sra. Buckley. – Também estou tão mal por ela. Recebi uma carta ridícula onde ela me diz que está se sentindo culpada por ter chamado Maggie para cá.

– É uma situação tão mórbida – comentou o sr. Buckley.

– Sim, mas sei como ela está se sentindo. Queria muito poder falar com ela. Acho tão estranho que nem a própria família possa visitá-la.

– Médicos e enfermeiras são sempre muito rígidos – afirmou Poirot em tom evasivo. – Inventam suas regras, e não há o que os faça mudar de ideia. Além disso, imagino que estejam preocupados com a reação emocional que ela naturalmente teria ao ver os senhores.

– Pode ser – falou a sra. Buckley não muito convencida. – Mas não gosto dessas clínicas. Nick ficaria muito melhor se me deixassem levá-la embora comigo.

– Talvez sim, mas receio que os médicos não irão concordar. Faz muito tempo que a senhora não vê mademoiselle Buckley?

– Desde o último outono, quando ela estava em Scarborough. Maggie foi passar um dia com ela, e depois as duas voltaram para ficar uma noite conosco.

Ela é um amor, mas não posso dizer que aprovo suas amizades. E o tipo de vida que ela leva, bom... Mas sei que não é culpa dela, pobrezinha. Ela cresceu sem orientação nenhuma.

– E a Casa do Penhasco é um lugar muito estranho – disse Poirot, pensativo.

– Não gosto de lá – respondeu a sra. Buckley. – Nunca gostei. Aquela casa tem algo de errado. Eu odiava o velho Sir Nicholas. Aquele sujeito me dava calafrios.

– Sim, ele não era um bom homem – concordou o marido. – Mas tinha seu charme.

– Eu nunca senti charme algum – redarguiu a sra. Buckley. – Aquela casa tem um ar sinistro. Não deveríamos ter permitido que Maggie fosse para lá.

– Ah, agora é fácil falar – disse o sr. Buckley, balançando a cabeça.

– Bom – disse Poirot. – Não irei incomodá-los mais. Gostaria apenas de reforçar os meus mais profundos pêsames.

– O senhor foi muito gentil e estamos gratos por todos os seus esforços.

– Quando estão pensando em voltar para Yorkshire?

– Amanhã. Será uma viagem triste. Adeus, monsieur Poirot, e muito obrigado de novo.

Assim que nos retiramos, comentei o quanto eles tinham me parecido um casal muito simples e simpático. Poirot acenou a cabeça.

– É mesmo de doer o coração, não acha, *mon ami*? Uma tragédia tão desnecessária, tão sem sentido. *Cette jeune fille* assassinada, como me recrimino por essa falha. Eu, Hercule Poirot, estava bem ali e não consegui evitar o crime!

– Ninguém poderia ter feito nada.

– Você não sabe do que está falando, Hastings. Nenhuma pessoa comum poderia ter feito nada, claro! Mas do que adianta ser Hercule Poirot e ter um cérebro superior se você não consegue fazer mais do que meras pessoas comuns?

– Bom, se você for pensar assim...

– Mas é claro. Sinto-me humilhado, completamente humilhado – desabafou. Pensei comigo mesmo que Poirot conseguia ser mais convencido do que a maioria das pessoas até mesmo quando se sentia tão humilhado, mas, por prudência, preferi me abster de qualquer comentário. – Mas enfim, *en avant. Vamos para Londres*.

– Londres?

– *Mais oui*. Ainda podemos pegar o trem das duas sem pressa. Está tudo resolvido por aqui. A mademoiselle ficará segura na clínica, ninguém poderá fazer nada contra ela agora, o que dá uma folga para os cães de guarda aqui. E ainda preciso de mais algumas informações.

Nossa primeira providência assim que chegamos a Londres foi entrar em contato com os advogados do falecido capitão Seton, os senhores Whitfield, Pargiter & Whitfield.

Poirot marcara uma reunião com antecedência e, embora já passassem das seis da tarde, logo fomos recebidos pelo sr. Whitfield, o diretor do escritório.

O sr. Whitfield era um homem muito elegante e cortês. Sobre sua mesa, tinha uma carta do chefe de polícia e outra de algum oficial do alto escalão da Scotland Yard.

– Isso é tudo muito estranho e incomum, monsieur... hum, Poirot – disse enquanto limpava os óculos.

– Concordo, monsieur Whitfield. Mas assassinatos são mesmo muito estranhos e, graças a Deus, razoavelmente incomuns.

– Sim, é verdade. Mas me parece um tanto precipitado pensar em uma ligação entre esse crime e a herança do meu falecido cliente, não acha?

– Não, não acho.

– Ah, não? Bom, dadas as circunstâncias e levando em conta o enfático pedido feito pela carta de Sir Henry, digo que ficarei... hum... feliz em fazer tudo o que estiver ao meu alcance.

– O senhor era o assessor jurídico do falecido capitão Seton?

– De toda a família Seton, na verdade, meu senhor. Nós, ou melhor... nosso escritório vem trabalhando com eles pelos últimos cem anos.

– *Parfaitement*. O falecido Sir Matthew Seton tinha algum testamento?

– Sim, fizemos um para ele.

– E como ficou dividida sua fortuna?

– O espólio foi enorme. Uma quantia ficou para o Museu de História Natural, mas a maior parte de sua grande, ou melhor, de sua *imensa fortuna* foi deixada apenas para o capitão Michael Seton. Ele não tinha nenhum outro parente direto.

– Ele deixou muito dinheiro?

– O falecido Sir Matthew era o segundo homem mais rico da Inglaterra – respondeu o sr. Whitfield com toda tranquilidade.

– Ele tinha algumas posições um tanto peculiares, não?

O sr. Whitfield encarou Poirot com um olhar sério.

– Milionários podem se dar ao luxo de serem excêntricos, monsieur Poirot. Isso era quase um direito dele.

Poirot aceitou a correção sem contra-argumentar e fez mais uma pergunta:

– A morte dele foi inesperada para o senhor?

– *Certamente*. Sir Matthew gozava de uma saúde espetacular, mas desenvolveu um câncer do qual ninguém suspeitava. O tumor atingiu um órgão vital, e ele precisou ser operado às pressas. A cirurgia foi um sucesso, como sempre é nesses casos, mas Sir Matthew acabou morrendo mesmo assim.

– Deixando, então, sua fortuna para o capitão Seton.

– Exato.

– Pelo que sei, o capitão Seton também fez um testamento antes de partir, não?

– Se o senhor chama aquilo de testamento, sim – disse o sr. Whitfield com desdém.

– Ele tem valor legal?

– Sim, claro. A intenção do testador está muito clara e foi devidamente testemunhada. O documento tem todo valor legal.

– Mas o senhor não aprovou o procedimento?

– Bom, para que servem os advogados, meu caro senhor? – respondeu. Sempre me fiz essa pergunta. Certa vez, eu mesmo também fiz um testamento muito simples por conta própria depois de ficar pasmo com a demora e verborragia do meu advogado. – No fundo – continuou o sr. Whitfield –, a verdade é que o capitão Seton tinha muito pouco ou quase nada para deixar como herança na época, já que contava apenas com o dinheiro que recebia do tio. Ele deve ter pensado que qualquer coisa serviria, imagino eu.

– Muito bem pensado, aliás – sussurrei para mim mesmo.

– E o que dizia esse testamento? – perguntou Poirot.

– Que ele deixaria tudo o que tinha para sua noiva, a srta. Magdala Buckley, além de me indicar como seu executor.

– Então a srta. Buckley é a herdeira?

– Certamente.

– E o que aconteceria se a srta. Buckley tivesse morrido na última segunda-feira?

– Bom, após a morte de Seton, o dinheiro iria para seja lá quem ela tivesse indicado como herdeiro ou, na falta de um testamento, para seu parente mais próximo.

E devo dizer – complementou o sr. Whitfield com um certo prazer – que os impostos sobre essa herança seriam enormes. Enormes! Estamos falando de três mortes em rápida sucessão – observou, balançando a cabeça. – Enormes!

– Mas sobraria alguma coisa ainda assim? – perguntou Poirot timidamente.

– Como já disse, meu caro senhor, estamos falando do segundo homem mais rico da Inglaterra.

Poirot se levantou.

– Agradeço muito pelas informações, sr. Whitfield.

– Não há de quê. Não há de quê. Devo entrar em contato com a srta. Buckley muito em breve. Talvez a carta até já tenha sido enviada, aliás. Ficarei feliz em ajudá-la com o que for preciso.

– Creio que ela vá precisar mesmo de um bom advogado – disse Poirot.

– Sim, surgirão caçadores de fortunas, receio eu – disse o sr. Whitfield, balançando a cabeça.

– Sem dúvida – concordou Poirot. – Bom dia, monsieur.

– Até mais, monsieur Poirot. Fico feliz em poder ajudar. Aliás, seu nome não me é estranho... ah!

Ele disse isso com um ar gentil, como quem faz uma importante constatação.

Assim que saímos, virei-me para comentar os resultados do encontro.

– Parece que você estava certo em tudo, Poirot – falei.

– Mas é claro, *mon ami*. *Não poderia ser diferente*. Vamos agora àquele restaurante, Cheshire Cheese. Temos um jantar marcado com Japp.

Encontramos o inspetor Japp da Scotland Yard à nossa espera no local combinado. Ele recebeu Poirot com todo carinho.

– Há quantos anos, monsieur Poirot! Imaginei que o senhor já estaria cuidando de uma horta no interior a esta altura.

– Eu tentei, Japp, eu tentei. Mas parece que nem cuidando de hortas eu consigo ficar longe dos crimes.

Japp suspirou. Eu sabia no que ele estava pensando, naquele estranho caso do Parque Fernley. Como me arrependo por não estar com ele naquela ocasião.

– E o senhor também, capitão Hastings – disse Japp. – Como vai o senhor?

– Muito bem, obrigado – respondi.

– Então parece que temos um novo assassinato? – brincou Japp.

– Exatamente, um novo assassinato.

– Bom, não fique chateado, meu caro – comentou Japp. – Talvez as coisas estejam um tanto difíceis, mas o senhor não poderia esperar pelo mesmo sucesso

de antigamente a esta altura da vida. Todos nós acabamos perdendo um pouco do jeito com o passar dos anos. Temos que dar uma chance aos mais jovens, sabe?

– Mas o cão mais velho sempre sabe mais truques – murmurou Poirot. – Ele é mais habilidoso e nunca perde o rastro que farejou.

– Ah, bom, estamos falando de pessoas, não de cães.

– Será que existe mesmo tanta diferença?

– Bom, isso depende do seu ponto de vista. Mas o senhor é mesmo muito sagaz. Não é mesmo, capitão Hastings? Sempre foi. E continua igualzinho; com o cabelo um pouco mais ralo na parte de cima, é verdade, mas essa touceira continua frondosa como nunca!

– Hã? Como é? – rebateu Poirot.

– Ele está elogiando o seu bigode – expliquei para tranquilizá-lo.

– Ah, sim, ele é exuberante – disse Poirot, afagando seu bigode com muita satisfação.

Japp caiu na gargalhada

– Bom – retomou, um ou dois minutos depois. – Eu fiz o que o me pediu. Aquelas digitais que o senhor me mandou...

– E então? – indagou Poirot, ansioso.

– Não achei nada. Seja lá quem for esse cavalheiro, é alguém que nunca passou pelas nossas mãos. Por outro lado, entrei em contato com Melbourne e descobri que ninguém por lá conhece qualquer pessoa com o nome ou as descrições que o senhor me passou.

– Ah!

– Isso de fato não me cheira muito bem. Mas ele nunca foi fichado por aqui. Agora, quanto aos outros assuntos...

– Sim?

– Lazarus & Filho têm uma boa reputação. Parecem profissionais muito corretos e honestos. Espertos, claro, mas isso é outro assunto. Você tem que ser esperto nesse ramo. Enfim, são bons sujeitos. No entanto, não andam muito bem, financeiramente falando, quero dizer.

– Ah, é mesmo?

– Sim, eles sofreram muito com a baixa no mercado de quadros. E de móveis antigos também, com todas essas novidades entrando na moda. Eles construíram uma loja nova ano passado e, bom, como eu já disse, o negócio está indo de mal a pior.

– Agradeço muito pelas informações.

– Não há de quê. Esse tipo de coisa não é bem minha especialidade, como sabe, mas fiz questão de investigar tudo para o senhor. Sempre conseguimos encontrar alguma coisa.

– Meu velho Japp, o que eu faria sem você?

– Ah, imagine. É sempre bom ajudar um amigo. Assim como o senhor já me ajudou com alguns casos muito interessantes nos velhos tempos, não?

Imaginei que essa talvez fosse uma maneira de Japp mostrar sua gratidão a Poirot, que já havia resolvido diversos casos que deixaram o inspetor completamente desnorteado.

– Bons tempos mesmo...

– Seria bom poder conversar com o senhor de vez em quando. Seus métodos podem ser um tanto antiquados, mas sua cabeça continua no lugar certo, monsieur Poirot.

– E quanto à minha outra dúvida? Sobre o dr. MacAllister?

– Ah, sim! Ele é um desses médicos de mulher. Não um ginecologista, mas daqueles psicanalistas que falam para você dormir em um quarto com paredes roxas e teto cor de laranja, discutem sua libido, seja lá o que isso for, e aconselham as pacientes a extravasarem seus desejos. Para mim, ele não passa de um charlatão, mas parece entender bem as mulheres. Elas o adoram. Fiquei sabendo que ele viaja muito... parece que costuma trabalhar em Paris.

– Quem é esse dr. MacAllister? – perguntei, perplexo, já que nunca tinha ouvido esse nome antes. – Onde ele entra na história?

– O dr. MacAllister é tio do comandante Challenger – explicou Poirot. – Ele comentou que tinha um tio médico, está lembrado?

– Você vai a fundo mesmo – comentei. – Achou que poderia ter sido ele quem operou Sir Matthew?

– Ele não é cirurgião – observou Japp.

– *Mon ami*, apenas gosto de investigar tudo. Hercule Poirot é um cão bem treinado. E um cão bem treinado sempre tenta farejar sua caça. Mesmo quando não há rastro algum a ser seguido, ele continua farejando por toda parte, tentando encontrar algo suspeito. Eu, Hercule Poirot, não sou nada diferente. E, muitas vezes, aliás, quase sempre, encontro o que procuro!

– Nossa profissão não é nada fácil – disse Japp. – Isso é queijo Stilton? Bom, passe para cá, por favor. Enfim, nossa profissão não é fácil. E a sua é pior do que a minha por não ser nada oficial. Isso o força a se infiltrar em certos lugares de formas um tanto clandestinas.

– Eu não me disfarço para trabalhar, Japp. Nunca me disfarcei.

– E nem conseguiria – disse Japp. – O senhor é muito singular. Ninguém nunca esqueceria seu rosto – Poirot olhou para ele com um ar um tanto intrigado. – Relaxe, estou só brincando! Não ligue para mim. Um cálice de vinho? Bom, já que está oferecendo.

A noite ganhou um tom mais harmonioso. Nós logo começamos a falar sobre o passado. Aquele tal caso, aquele outro e assim por diante. Devo dizer que também gostei de relembrar tudo aquilo. Foram bons tempos. Fiquei me sentindo muito velho e experiente!

Pobre Poirot. Notei que ele estava realmente perplexo com esse caso. Suas habilidades já não eram mais as mesmas. E se ele não conseguisse resolver o mistério? Talvez o assassino de Maggie Buckley nunca chegasse a ser punido.

– Coragem, meu amigo – falou Poirot, dando um tapinha no meu ombro. – Nem tudo está perdido. Não fique com essa cara triste, por favor.

– Não se preocupe, eu estou bem.

– Eu também estou. E Japp também.

– Sim, estamos todos muito bem – riu Japp.

E foi nesse clima agradável que nos despedimos.

Na manhã seguinte, voltamos para St. Loo. Assim que chegamos ao hotel, Poirot ligou para a clínica e pediu para falar com Nick.

De repente, ele fechou o rosto e quase deixou cair o aparelho.

– *Comment*? Como assim? Repita, por favor.

Ele passou mais um ou dois minutos ouvindo e, então, disse:

– Sim, sim, estou indo agora mesmo – em seguida, ele se virou para mim. – Por que fui sair daqui, Hastings? *Mon Dieu*! Por que fui sair daqui?

– O que houve?

– Mademoiselle Nick está muito mal. Sofreu um envenenamento por cocaína. Eles finalmente conseguiram pegá-la. *Mon Dieu! Por que fui sair daqui?*

Capítulo 17

Uma caixa de bombons

Durante todo o caminho até a clínica, Poirot não parou de murmurar sozinho, recriminando-se fortemente.

– Eu devia ter imaginado – resmungou. – Eu devia ter imaginado! Mas como eu poderia? Tomei todas as precauções. Isso é impossível, é impossível! *Ninguém* tinha como chegar perto dela! Quem desobedeceu minhas ordens?

Chegando à clínica, fomos levados até uma salinha no andar de baixo e, após alguns minutos, o dr. Graham apareceu. Ele estava pálido e parecia exausto.

– Ela vai aguentar – garantiu. – Vai ficar tudo bem. O grande problema era saber o quanto ela tinha ingerido daquela coisa maldita.

– O que era?

– Cocaína.

– Ela vai ficar bem?

– Sim, vai, sim.

– Mas como isso foi acontecer? Como tiveram acesso a ela? Quem vocês deixaram entrar naquele quarto? – indagou Poirot, quase pulando de tanta ansiedade.

– Não deixamos ninguém entrar lá.

– Impossível.

– Mas é verdade.

– Então como...?

– Foi uma caixa de bombons.

– Ah, Sacré! Mas eu lhe disse para não comer nada, *absolutamente nada* que viesse de fora!

– Quanto a isso, não sei de nada. É difícil para uma moça resistir a uma caixa de bombons. Mas ela só comeu um, graças a Deus.

– Havia cocaína em todos os bombons?

– Não, mas ela comeu justo um que tinha. Encontramos a droga em mais dois outros na parte de cima. O resto não tinha nada.

– Como fizeram isso?

– Não foi nada muito sofisticado. Apenas cortaram os bombons ao meio, misturaram a cocaína com o recheio e depois grudaram as partes de volta. Trabalho de amadores, coisa feita em casa mesmo.

Poirot grunhiu.

– Ah, se eu soubesse! Se eu soubesse! Posso ver a mademoiselle?

– Se o senhor voltar daqui uma hora, acho que sim – disse o médico. – Acalme-se, ela não vai morrer.

Andamos pelas ruas de St. Loo por mais uma hora. Fiz o que pude para distrair Poirot, dizendo que estava tudo bem e que, na verdade, nada muito grave acontecera. Mas ele apenas balançava a cabeça, repetindo de tempos em tempos:

– *Estou com medo, Hastings, estou com medo*... – o jeito estranho como ele dizia aquilo acabou me deixando preocupado também. De repente, ele me pegou pelo braço. – Escute, meu amigo. Estou totalmente enganado. Totalmente enganado desde o começo.

– Então não acha mais que foi por dinheiro...?

– Não, não, quanto a isso, não tenho dúvidas. Estou falando sobre os meus dois suspeitos. Aquilo me pareceu simples demais mesmo, óbvio demais. Ainda falta outra peça. Sim, ainda falta alguma coisa! – exclamou ele, e continuou com um tom indignado – *Ah, cette petite*! Eu não a *proibi*? Não fui claro ao dizer "não toque em nada que venha de fora"? Mas ela insistiu em desobedecer! E justo a mim, Hercule Poirot. Escapar quatro vezes da morte já não foi o bastante? Ela precisava mesmo de uma quinta aventura? *Ah, c'est in oui*![15]

Por fim, voltamos à clínica. Após uma breve espera, fomos levados até o quarto.

Nick estava sentada na cama, com as pupilas muito dilatadas. Ela parecia febril, e suas mãos não paravam de tremer violentamente.

– Mais uma vez – murmurou.

Poirot pareceu muito emocionado ao vê-la. Ele limpou a garganta e a pegou pela mão.

– Ah, mademoiselle! Mademoiselle.

– Eu nem me importaria se tivessem conseguido me matar dessa vez – disse ela em tom desafiador. – Estou cansada, cansada de tudo isso.

– *Pauvre petite*!

– Mas alguma coisa em mim insiste em não me dar por vencida!

– É assim que se fala, precisa continuar firme, mademoiselle.

– Sua ideia de me pôr nesta clínica acabou não ajudando muito – disse Nick.

– Bom, se tivesse obedecido minhas ordens, mademoiselle...

– Mas eu obedeci – informou, parecendo um tanto surpresa.

– Eu não disse para não comer nada que viesse de fora?

– E não comi.

– Mas e os bombons...?

– Bom, achei que não haveria problema. Foi o *senhor mesmo* quem os mandou.

– O que disse, mademoiselle?

– Que foi o *senhor* quem os mandou!

– Eu? De forma alguma! Nunca lhe mandei nada desse tipo.

– Mandou *sim*. A caixa veio com um cartão seu.

– Como é?

Nick fez um gesto trêmulo na direção da mesa ao lado da cama. A enfermeira deu um passo à frente.

– O senhor quer o cartão que veio com a caixa?

– Sim, por favor, enfermeira.

Seguiu-se um instante de silêncio. A enfermeira voltou à sala com o cartão.

– Aqui está.

Fiquei pasmo. Poirot também. No cartão, com uma letra floreada, estavam as mesmas palavras que ele escrevera no cartão que seria entregue com a cesta de flores.

– Está escrito aqui, "Saudações de Hercule Poirot".

– *Sacré tonnerre*!

– Está vendo? – questionou Nick em tom acusatório.

– Mas eu não escrevi isso! – exclamou Poirot.

– Como é?

– Ainda assim, essa parece ser minha letra – murmurou Poirot.

– Eu sei. Ela é idêntica à do cartão que veio com os cravos. Por isso mesmo, nem desconfiei que os chocolates pudessem ser de outra pessoa.

Poirot balançou a cabeça.

– Claro. Quem iria desconfiar? Ah, que demônio! Que demônio esperto e cruel é esse criminoso! Veja só que ideia! Ah, sim, esse homem é um gênio, um gênio! *"Saudações de Hercule Poirot"*. É tão simples. Mas só alguém muito sagaz pensaria nisso, sendo que *eu mesmo* não pensei. Fui incapaz de prever esse desdobramento – Nick se revirou na cama. – Não se preocupe, mademoiselle. A senhorita não teve culpa, não teve culpa alguma. A culpa é toda minha. Ah, que

imbecil miserável eu sou! Eu deveria ter previsto esse desdobramento. Sim, é claro que deveria.

Poirot abaixou a cabeça, completamente desamparado.

– Acho que os senhores... – disse a enfermeira, que esteve nos rondando esse tempo todo com uma expressão desaprovadora no rosto.

– Hã? Sim, sim, já estou indo. Coragem, mademoiselle. Não cometerei mais nenhum erro. Estou envergonhado, desolado. Fui passado para trás, tapeado como um garotinho. *Mas isso não irá se repetir*. Não mesmo. Eu prometo. Vamos, Hastings.

A primeira providência de Poirot foi falar com a enfermeira-chefe da clínica. Como já era de se esperar, ela estava muito aborrecida com toda aquela situação.

– Acho inacreditável, monsieur Poirot, completamente inacreditável que algo assim tenha acontecido na minha clínica.

Poirot mostrou-se compreensivo e gentil. Depois de acalmá-la o suficiente, ele começou a fazer perguntas sobre as circunstâncias em que o pacote fatal havia chegado à clínica. Quanto a isso, explicou a enfermeira-chefe, seria melhor falar com o servente que estava de plantão na hora da entrega.

O funcionário em questão, um jovem de uns 22 anos chamado Hood, era um sujeito que me pareceu ser honesto, embora não muito inteligente. Ele estava bastante nervoso e assustado. No entanto, Poirot logo conseguiu acalmá-lo.

– O senhor não teve culpa de nada – falou com gentileza. – Mas gostaria que me contasse exatamente quando e como esse pacote chegou aqui.

O servente pareceu ficar intrigado.

– É difícil dizer, senhor – respondeu, hesitante. – Muitas pessoas passam por aqui todos os dias, entram, fazem perguntas, deixam coisas para os pacientes.

– A enfermeira disse que esse pacote chegou ontem à tarde – acrescentei. – Lá pelas seis horas.

O rosto do rapaz se iluminou.

– Ah, agora eu lembrei, senhor. Um cavalheiro veio trazê-lo.

– Um homem de rosto magro e cabelo loiro?

– Ele era loiro, sim, mas não me lembro bem do rosto.

– Acha pode ter sido o próprio Charles Vyse? – murmurei para Poirot, sem me dar conta de que o rapaz poderia reconhecer esse nome por ser de alguém da cidade.

– Não foi o sr. Vyse, não – ele disse. – Eu o conheço. Foi um cavalheiro mais alto, muito bem-apessoado. Ele chegou aqui com um carrão.

– Lazarus! – exclamei.

Poirot me fulminou com um olhar e me arrependi por minha precipitação.

– Então ele chegou com um carrão e deixou um pacote para a srta. Buckley?

– Sim, senhor.

– E o que fez com o pacote?

– Eu nem mexi nele, senhor. Uma enfermeira o levou lá para cima.

– Entendo. Mas pegou no pacote quando o recebeu, *n'est ce pas*?

– Ah, sim, claro, senhor. Eu o recebi e o deixei em cima da mesa.

– Qual mesa? Mostre-me, por favor.

O servente nos levou até o saguão. Logo ao lado da porta da frente, que estava aberta, ficava uma longa mesa com tampo de mármore sobre a qual havia várias cartas e pacotes.

– Tudo o que chega é deixado aqui, senhor, e depois as enfermeiras levam as coisas para os pacientes.

– O senhor se lembra do horário em que esse pacote chegou?

– Deve ter sido lá pelas cinco e meia ou um pouco depois. Sei que o carteiro tinha acabado de passar, o que costuma ser às cinco e meia. Aquela tarde foi bem movimentada, várias pessoas apareceram para trazer flores e visitar os pacientes.

– Muito obrigado. Gostaria de falar agora com a enfermeira que levou o pacote.

A responsável pela entrega fora uma das estudantes de enfermagem, uma jovem distraída e ansiosa. Ela afirmou que se lembrava de ter levado o pacote para o quarto às seis da tarde, assim que chegou para o trabalho.

– Às seis... – murmurou Poirot. – Então o pacote deve ter ficado uns vinte minutos esperando em cima daquela mesa na recepção.

– Como é?

– Nada, mademoiselle. Continue. Então foi a senhorita quem levou o pacote para a srta. Buckley?

– Sim, havia várias coisas para ela. Essa caixa e flores, um buquê de ervilhas-de-cheiro trazido pelos Croft, acho. Levei tudo junto lá para cima. E recebemos também um pacote pelo correio. O mais curioso é que era uma outra caixa de bombons igual.

– *Comment*? Uma outra caixa?

– Sim, foi muita coincidência. A srta. Buckley desembrulhou os pacotes e disse: “Ah, que pena! Não vou poder comer nenhum!”. Depois, ela abriu as caixas para ver se eram mesmo iguais, encontrou seu cartão em uma delas e então me disse: “Pode levar a outra caixa embora, enfermeira, não quero me confundir”. Ah, nossa! Mas quem pensaria em algo assim? Parece até coisa dos livros de Edgar Wallace, não acha?

Poirot decidiu interromper o discurso da moça.

– Então ela recebeu duas caixas? De quem era a outra?

– Não havia nenhum nome.

– E qual delas parecia ser a minha? A que chegou pelo correio ou a outra?

– Na verdade, não lembro. Quer que eu suba e pergunte à srta. Buckley?

– Se puder me fazer essa gentileza, seria ótimo.

Ela subiu as escadas rapidamente.

– Duas caixas – murmurou Poirot. – Mas que estranho.

A enfermeira voltou toda esbaforida.

– A srta. Buckley também não tem certeza. Ela desembrulhou os dois pacotes antes de abrir as caixas para olhar, mas ela acha que não foi a que chegou pelo correio.

– Como é? – indagou Poirot, meio confuso.

– A caixa do senhor não era a que chegou pelo correio. Pelo menos é o que ela acha, mas não tem certeza.

– *Diable*! – exclamou Poirot ao sairmos. – Por que ninguém nunca tem certeza de nada? Nos livros de detetives, tudo é líquido e certo, claro. Mas a vida real é uma eterna confusão. Será que eu mesmo tenho certeza de alguma coisa? Não, não, mil vezes não!

– Lazarus... – falei.

– Sim, mas que surpresa, não?

– Você vai falar com ele sobre isso?

– Claro. Quero ver como ele reagirá. Aliás, poderíamos muito bem exagerar um pouco sobre o estado de saúde da mademoiselle. Vamos dar a entender que ela está à beira da morte. Que tal? Com expressões muito sérias. Isso, assim está ótimo. Você parece até um coveiro. *C’est tout à fait bien*!

Por sorte, acabamos encontrando Lazarus pouco depois. Ele estava curvado sob o capô de seu carro em frente ao hotel.

Poirot foi direto até ele.

– Monsieur Lazarus, fiquei sabendo que levou uma caixa de bombons para a mademoiselle ontem – começou ele sem nenhum rodeio.

Lazarus se virou para ele com uma expressão surpresa.

– Sim?

– Mas que gentileza a sua.

– Na verdade, quem mandou foi Freddie, a sra. Rice. Ela só me pediu para entregar.

– Ah, entendo.

– Levei a caixa de carro até a clínica.

– Compreendo.

Poirot ficou em silêncio por alguns instantes e, então, falou:

– E a madame Rice, onde ela está?

– Acho que na sala de estar do hotel.

Encontramos Frederica tomando chá. Ela pareceu ansiosa ao nos ver.

– Fiquei sabendo que Nick estava passando mal. O que houve?

– Ninguém sabe ainda, madame. Diga-me, a senhora mandou uma caixa de bombons para ela ontem?

– Sim. Foi ela quem me pediu para mandar.

– Ela lhe pediu?

– Sim.

– Mas ela não tinha permissão para receber ninguém. Como você a viu?

– Eu não a vi. Ela me telefonou.

– Ah! E o que ela disse?

– Ela me pediu para levar-lhe uma caixa com um quilo de bombons.

– Como estava a voz dela? Fraca, a senhora diria?

– Não, nem um pouco. Estava bem forte, aliás. Mas meio diferente. Nem percebi que era ela quem estava me ligando no começo.

– Até ela dizer quem era?

– Sim.

– Tem certeza de que era mesmo sua amiga, madame?

Frederica pareceu ficar espantada.

– Eu... mas é claro que sim. Quem mais poderia ser?

– Essa é uma boa pergunta, madame.

– O senhor não está querendo dizer que...

– Você poderia jurar que era a voz da sua amiga se ela não tivesse dito nada?

– Não... – respondeu Frederica, hesitante. – Acho que não. Ela estava com a voz muito estranha mesmo. Achei que poderia ser pela ligação ou por ela estar passando mal...

– Se ela não tivesse dito quem era, a senhora não a reconheceria então?

– Não, acho que não. Mas quem poderia ser, monsieur Poirot? Quem?

– É isso o que eu quero saber, madame.

A seriedade no rosto de Poirot pareceu deixar Frederica preocupada.

– Nick está... aconteceu alguma coisa? – perguntou, quase sem fôlego.

Poirot acenou a cabeça.

– Ela está muito mal. Aqueles bombons estavam envenenados, madame.

– Os que eu mandei? Mas isso é impossível! Impossível!

– Não é não, madame. A mademoiselle está à beira da morte.

– Ah, meu Deus! – ela escondeu o rosto entre as mãos e depois voltou a olhar para nós, pálida e trêmula. – Mas eu não entendo! Não entendo! Os outros incidentes, sim, mas isso não faz sentido! Aqueles bombons não tinham como estar envenenados! Ninguém tocou naquela caixa além de eu e Jim. O senhor deve estar cometendo algum terrível engano!

– Não cometi nenhum engano, ainda que meu nome estivesse naquela caixa – disse Poirot, deixando Frederica sem reação. – Se mademoiselle Nick morrer... – continuou ele, fazendo um gesto ameaçador com a mão.

Ela soltou um leve gemido.

Poirot me pegou pelo braço, e subimos para os nossos aposentos. Assim que entramos, ele jogou seu chapéu sobre a mesa.

– Não estou entendendo nada! Nada! Sinto-me perdido como uma criança no escuro. Quem poderia lucrar com a morte da mademoiselle? Madame Rice. Quem admite ter comprado os bombons e agora conta uma história sem pé nem cabeça sobre um telefonema estranho? A madame Rice. É tudo simples demais, bobo demais. E ela não é nada boba.

– Bom, então...

– Mas ela usa cocaína, Hastings. Tenho certeza disso. Não há dúvidas. E os bombons tinham cocaína. E o que ela quis dizer com *"Os outros incidentes, sim, mas isso não faz sentido"?* Isso também precisa ser explicado! E aquele astuto monsieur Lazarus? Onde ele se encaixa nessa história? O que a madame Rice está escondendo? Ela sabe de alguma coisa. Mas não tenho como forçá-la a falar. Ela não é do tipo que acaba abrindo a boca quando é pressionada. Mas sabe de alguma coisa, Hastings. Essa história sobre o telefonema é verdadeira ou só algo que ela inventou? E, se for verdade, de quem era essa voz? Não é nenhum exagero, Hastings, estou no escuro, completamente no escuro.

– É sempre mais escuro logo antes do amanhecer – falei para confortá-lo.

Ele balançou a cabeça.

– E quanto à outra caixa, a que chegou pelo correio? Podemos descartá-la? Não, não podemos, porque a mademoiselle não tem certeza. Mas que inferno!

Poirot grunhiu.

Eu estava prestes a abrir a boca quando ele me interrompeu.

– Não, não quero ouvir mais nenhum provérbio. Eu não aguentaria. Se quiser ser um bom amigo, um bom amigo prestativo...

– Sim? – disse eu, ansioso.

– Saia, por favor, e vá comprar um baralho para mim.

Fiquei sem reação.

– Tudo bem – respondi com frieza.

Não pude evitar a sensação de que ele estava apenas inventando uma desculpa para se livrar de mim. No entanto, admito que fui injusto nesse ponto. Quando voltei à nossa sala naquela mesma noite, lá pelas dez horas, encontrei Poirot montando um castelo de cartas com todo cuidado e então lembrei: esse era um velho truque seu para acalmar os nervos. Poirot sorriu para mim.

– Sim, você se lembra, não é? Há que se ter precisão. Uma carta em cima da outra, exatamente no lugar certo para sustentar o peso da carta acima, e assim por diante, uma sobre a outra. Vá para a cama, Hastings. Deixe-me aqui com o meu castelo de cartas. Isso vai arejar minha mente.

Eram mais ou menos cinco da manhã quando fui acordado de repente.

Poirot estava ao lado da cama e parecia estar muito feliz e satisfeito.

– Você tinha toda razão, *mon ami*! Sim, toda razão! Mais do que isso, seu comentário foi *spirituel*! – exclamou. Fiquei sem reação, piscando os olhos, ainda sonolento. – Você disse que é sempre mais escuro antes do amanhecer. De fato, tudo estava muito escuro, mas agora o dia está nascendo!

Olhei para a janela e vi que ele estava certo.

– Não, não, Hastings! Na minha cabeça! No meu cérebro! Na minha massa cinzenta! – ele ficou em silêncio por um instante e completou baixinho: – Veja bem, Hastings, a mademoiselle morreu.

– O quê?! – gritei, arregalando os olhos.

– Calma, calma. Apenas me escute. Ela não morreu de verdade, *bien entendu*, mas podemos encenar isso. Só por vinte e quatro horas. Vou combinar tudo com os médicos e as enfermeiras. Entende, Hastings? *O assassino conseguiu o que queria*. Ele tentou quatro vezes e fracassou em todas, mas conseguiu o que queria na quinta. *Veremos então o que irá acontecer agora*...

– Isso vai ser muito interessante.

Capítulo 18

O rosto na janela

Minhas lembranças sobre os acontecimentos do dia seguinte são completamente nebulosas. Por azar, acordei com febre. Essas crises vinham me derrubando nos dias mais inconvenientes desde que contraí malária tempos atrás.

Por consequência, lembro-me de tudo o que houve naquele dia como se fosse algum tipo de pesadelo, com Poirot indo e vindo como um palhaço bizarro, aparecendo de tempos em tempos no picadeiro de um circo.

Ele me pareceu estar se divertindo como nunca. Sua cara de espanto e desespero era impecável. Não sei dizer ao certo como ele conseguiu pôr em prática o plano que havia me revelado no começo da manhã, mas tudo correu perfeitamente bem.

Não deve ter sido fácil, já que a magnitude daquela farsa era colossal. Os ingleses são por natureza avessos a mentiras tão complexas, mas era exatamente isso o que o plano de Poirot exigia. Ele convenceu primeiro o dr. Graham a fazer parte do esquema. Com o médico ao seu lado, conseguiu persuadir a enfermeira-chefe e alguns outros funcionários da clínica a participarem. Imagino a imensa dificuldade disso também. Talvez o fator decisivo tenha sido a influência do próprio dr. Graham.

Em seguida, foi a vez do chefe de polícia e seus oficiais. Nesse ponto, Poirot teve que enfrentar a rigidez policial, mas conseguiu arrancar um consentimento não muito firme do coronel Weston. No entanto, o coronel deixou claro que não assumiria responsabilidade alguma por isso e que Poirot sozinho ficaria encarregado de espalhar esses boatos falaciosos pela cidade. Poirot concordou. Ele teria concordado com qualquer coisa desde que pudesse pôr seu plano em prática.

Passei a maior parte do dia cochilando em uma poltrona grande com uma manta sobre os joelhos. A cada duas ou três horas, Poirot aparecia para comentar seus últimos avanços.

– *Comment ça va, mon ami*? Sinto muito pelo seu estado. Mas talvez seja melhor assim. Você não é tão bom ator quanto eu. Acabei de encomendar uma coroa de flores, uma coroa enorme, coisa estupenda mesmo. Lírios, meu amigo, uma imensidão de lírios. "*Meus sinceros pêsames, de Hercule Poirot*." Ah, mas que comédia!

Ele saiu de novo e voltou algumas horas depois.

– Acabei de ter uma conversa emocionante com a madame Rice – comentou ele assim que chegou. – Ela estava muito bem-vestida, toda de preto, triste por ter perdido a melhor amiga. Que tragédia! Apenas resmunguei qualquer coisa. Ela falou que Nick era tão alegre, tão cheia de vida, e que era até difícil acreditar que ela estava morta. Eu disse que concordava e comentei que era justamente essa a ironia da morte, que pessoas assim sempre acabam morrendo enquanto os velhos e inúteis continuam por aqui. *Oh, là, là*!

– Você parece estar se divertindo bastante – murmurei com a voz fraca.

– *Du tout*.[16] Tudo isso faz parte do meu plano. Tenho que me entregar de corpo e alma para que essa farsa dê certo. Enfim, após as lamentações costumeiras, a madame passou para um assunto mais interessante. Disse que ficou a noite inteira em claro pensando nos bombons e que aquilo era impossível. Respondi que era possível, sim, e que ela mesma poderia conferir o relatório do legista. Em seguida, ela me perguntou com uma voz trêmula: "Então era *cocaína* mesmo?". Confirmei que sim, e ela disse: "Meu Deus, mas não sei como é possível!".

– Talvez ela esteja falando a verdade.

– Ah, mas ela sabe bem que está em perigo. Como já disse antes, ela é muito inteligente. Sim, ela está em perigo e sabe bem disso.

– Ainda assim, parece-me que pela primeira vez você não a vê mais como a culpada.

Poirot franziu a testa. Sua empolgação esmaeceu.

– Que profundo da sua parte dizer isso, Hastings. Mas é verdade, parece-me que os fatos não se encaixam mais por algum motivo. Todos os outros ataques foram marcados por uma certa sutileza, não concorda? No entanto, não houve nada de sutil nesse último atentado, apenas uma crueza muito pura e simples. Não, as coisas não estão se encaixando mais.

Ele se sentou em frente à mesa.

– *Voilà*, vamos examinar os fatos. Existem três possibilidades. Na primeira, temos os bombons comprados pela madame que o monsieur Lazarus entregou. Nesse caso, o culpado seria um dos dois ou talvez até ambos. Além disso, a

suposta ligação feita por mademoiselle Nick não passaria de uma mentira. Essa seria a solução mais óbvia e simples. Já na segunda hipótese, temos a outra caixa de bombons, a que chegou pelo correio. Ela poderia ter sido enviada por qualquer um daquela nossa lista de suspeitos de A a J. Está lembrado? Era uma lista muito ampla. No entanto, se fosse essa a caixa envenenada, *qual seria o motivo daquela ligação?* Por que complicar as coisas com uma segunda caixa?

Balancei minha cabeça devagar. Com 39 graus de febre, qualquer tipo de complicação me parecia extremamente absurda e desnecessária.

– Na terceira solução, a caixa enviada pela madame poderia ter sido trocada por outra com bombons envenenados. Nesse caso, a ligação seria um artifício compreensível e até engenhoso através do qual a madame foi apenas usada pelo assassino. Sendo assim, a terceira solução é a que faz mais sentido, mas infelizmente é a mais complexa também. Como ele poderia saber o momento certo para trocar as caixas? Afinal, o servente poderia ter levado a caixa direto até o quarto. Enfim, esse plano poderia ter sido frustrado por inúmeras outras possibilidades. Isso não faz sentindo nenhum.

– A menos que tenha sido Lazarus – sugeri.

Poirot se virou para mim.

– Você deve estar com muita febre, não é, meu amigo? – disse ele. Eu apenas acenei a cabeça. – Curioso como alguns graus de febre podem estimular o intelecto. Você acabou de fazer uma observação da mais profunda simplicidade. Tão simples que sequer cheguei a cogitá-la. Mas isso implicaria uma situação muito estranha, já que o monsieur Lazarus, um grande amigo da madame, estaria fazendo de tudo para jogá-la na fogueira. Isso nos abriria um leque de novas possibilidades, mas seria algo complexo, muito complexo.

Fechei meus olhos. Fiquei feliz por ter dito algo inteligente, mas não queria pensar em nada complexo, apenas dormir.

Acho que Poirot continuou falando, mas não ouvi mais nada e caí no sono, embalado por sua voz.

Já era fim de tarde quando voltei a vê-lo.

– Meu plano está rendendo uma fortuna às floriculturas – anunciou Poirot. – Todos estão comprando coroas de flores. Croft, Vyse, o comandante Challenger...

Senti uma fisgada de remorso no coração ao ouvir esse último nome.

– Escute aqui, Poirot – falei. – Você precisa contar a verdade a ele. O pobre coitado deve estar sofrendo muito. Isso não é justo.

– Você sempre gostou dele, não é mesmo, Hastings?

– Mas é claro. Ele é um sujeito muito decente. Você deveria contar seu segredo a ele.

Poirot balançou a cabeça.

– Não, *mon ami*. Não abro exceções.

– Mas você não suspeita que ele tenha feito nada.

– Não abro exceções.

– Pense no quanto ele deve estar sofrendo.

– Ao contrário, prefiro pensar na imensa alegria que ele sentirá ao ver que sua amada na verdade não morreu e ainda está viva! Será uma sensação única, estupenda!

– Como você é espírito de porco, Poirot. Ele não vai contar para ninguém.

– Não estou tão certo assim.

– Ele é um homem honrado, tenho certeza disso.

– É por isso mesmo que ele teria dificuldade em guardar o segredo. Guardar segredos é uma arte que exige uma série de mentiras muito bem contadas e talento para a encenação, além de gosto por tudo isso. Será que ele conseguiria manter essa farsa? Se ele for tão honesto quanto você diz, a resposta é com certeza não.

– Então você não vai dizer nada?

– Eu me recuso a arriscar meu plano por mero sentimentalismo. Isso é uma questão de vida ou morte, *mon cher*. Enfim, sofrer faz bem para o caráter. Vários dos seus sacerdotes ingleses mais famosos já disseram isso, até mesmo um bispo, se não me engano – depois disso, não tentei argumentar mais nada. Ele obviamente já estava decidido. – Nem vou me arrumar para o jantar – murmurou ele. – Estou arrasado demais. Esse é o meu papel, sabe. Perdi toda a minha confiança, estou devastado. Eu fracassei. Vou comer só um pouco e deixar todo o resto no prato. Acho que essa seria a postura mais adequada. Depois, no meu próprio quarto, posso comer alguns brioches e *éclairs* de chocolate, ou algo parecido, pelo menos, que comprei hoje à tarde em uma padaria. *Et vous*?

– Vou só tomar mais um pouco de remédio – eu disse, desanimado.

– Ah, meu pobre Hastings. Mas tenha coragem, você já estará bem amanhã.

– Acho que sim. Em geral, essas crises duram só um dia.

Não o ouvi voltar depois. Devo ter caído no sono.

Quando acordei, ele estava sentado à mesa, escrevendo. Na frente dele, vi uma folha de papel amassada que ele havia alisado. Reconheci aquilo como sendo o papel onde ele tinha feito a lista com nomes de A a J e que ele depois amassou e jogou fora.

Ele acenou a cabeça, respondendo ao que eu nem tinha chegado a dizer.

– Sim, meu amigo. Eu a desenterrei. Estou reavaliando tudo por um novo prisma. Fiz uma lista com perguntas a respeito de cada pessoa. Essas perguntas não têm necessariamente nada a ver com o crime, são apenas coisas que não sei, que ainda não foram explicadas, e para as quais eu gostaria de encontrar as respostas por conta própria.

– Como está indo?

– Já terminei. Quer ouvir? Você já está melhor?

– Na verdade, sim. Estou me sentindo muito melhor.

– *À la bonne heure*! Muito bem, vou lê-las para você. Algumas delas, sem dúvida, podem parecer um tanto triviais.

Poirot limpou a garganta.

A. *Ellen*: Por que ela ficou em casa e não saiu para ver os fogos? (O que é estranho, como ficou claro pela reação de surpresa da mademoiselle.) O que ela achou ou suspeitou que pudesse acontecer? Ela deixou alguém (a pessoa J, por exemplo) entrar na casa? Ela está falando a verdade sobre o painel secreto? Se for verdade, por que ela não conseguiu lembrar onde ele ficava? (A mademoiselle pareceu ter muita certeza de que não há nada parecido na casa, e ela certamente saberia.) Se Ellen inventou essa história, o que a levou a fazer isso? Ela leu as cartas de amor escritas por Michael Seton ou sua surpresa ao saber que a mademoiselle estava noiva foi genuína?

B. *Seu marido*: Ele é mesmo tão idiota quanto parece? Ele sabe das mesmas coisas que Ellen, seja lá quais sejam elas, ou não? Poderia ele ter algum tipo de problema mental?

C. *O filho*: Seu prazer ao falar de sangue é um instinto natural comum da idade ou algo patológico? Nesse caso, poderia essa patologia ser algo herdado de algum dos pais? Ele alguma vez já atirou com alguma arminha de brinquedo?

D. *Quem é o sr. Croft*?: De onde ele realmente veio? Ele enviou mesmo o testamento pelo correio como afirma ter feito? Que motivo ele teria para não fazer isso?

E. *Sra. Croft. Idem*: Quem são o sr. e a sra. Croft? Eles estariam se escondendo aqui por algum motivo? Nesse caso, que motivo seria esse? Eles têm alguma ligação com a família Buckley?

F. *Sra. Rice*: Ela sabia mesmo sobre o noivado entre Nick e Michael Seton? Ela chegou a essa conclusão sozinha ou na verdade leu as cartas trocadas entre eles? (Nesse caso, ela saberia que a mademoiselle era a única herdeira de Seton.) Ela sabia que Nick havia a deixado como sua herdeira residual? (Imagino que isso seja muito provável. A mademoiselle provavelmente teria contado, comentando inclusive que ela não deveria esperar muita coisa.) Há algum fundo de verdade no comentário feito pelo comandante Challenger de que Lazarus sentia atração por mademoiselle Nick? (Isso poderia explicar uma certa falta de cordialidade entre os dois que parece ter se revelado nos últimos meses.) Quem é o "amigo" citado por ela no bilhete como o fornecedor da droga? *Poderia ser a pessoa J*? Por que ela quase desmaiou aquele dia? Foi por algo que nós dissemos? Ou por algo que ela viu? Sua história sobre o telefonema de Nick pedindo para comprar os bombons é verdadeira ou uma simples mentira? O que ela quis dizer com *"Os outros incidentes, sim, mas isso não faz sentido!"?* Se ela não é a culpada, que tipo de segredo ela está escondendo?

– Repare – disse Poirot, fazendo uma pausa repentina – como as perguntas sobre a madame Rice são quase intermináveis. Ela é um grande enigma do começo ao fim. E isso só me leva a uma conclusão. Ou a madame Rice é a culpada, ou conhece, ou melhor, acha que conhece o culpado. Mas será que ela está certa? Ela tem certeza ou apenas desconfia? E como poderíamos fazê-la falar sobre isso? – ele suspirou. – Enfim, vamos continuar com a minha lista de perguntas.

G. *Sr. Lazarus*: É curioso, mas praticamente não há o que perguntar sobre ele a não ser o mais básico: ele trocou a caixa por outra com bombons envenenados? Fora isso, consegui pensar em apenas mais uma única pergunta totalmente irrelevante. Mesmo assim, aqui está ela: por que o monsieur Lazarus ofereceu cinquenta libras por um quadro que vale apenas vinte?

– Talvez ele só quisesse fazer um favor a Nick – sugeri.

– Ele não faria isso assim. Lazarus é um negociador, ele nunca compraria nada para ter prejuízo. Se quisesse ser gentil, poderia apenas emprestar dinheiro a ela como um amigo.

– Enfim, isso não deve ter nada a ver com o crime.

– Não mesmo, é verdade. Ainda assim, seria interessante saber por quê. Gosto muito de estudar a psicologia das pessoas. E agora, vamos para a pessoa H.

H. *Comandante Challenger*: Por que mademoiselle Nick disse a ele que estava noiva de outro homem? O que a faria contar isso a ele? Ela não contou a mais ninguém. Ele a teria pedido em casamento? Como era a relação do comandante com seu tio?

– Que tio, Poirot?

– O tio médico. Aquele sujeito de caráter meio duvidoso. Será que alguma notícia particular sobre a morte de Michael Seton chegou até ele antes de ser anunciada em público?

– Não estou entendendo aonde você quer chegar, Poirot. Mesmo que Challenger soubesse de antemão sobre a morte de Seton, isso não me parece mudar muita coisa. Ele ainda não teria nenhum motivo para matar a jovem que tanto amava.

– Sim, concordo. O que você está dizendo tem toda lógica. Mas, como eu disse, essas são coisas que eu gostaria de saber, apenas isso. Ainda estou farejando por aí, como um cão, tentando encontrar algo que não me cheire muito bem!

I. *Sr. Vyse*: Por que ele disse aquilo sobre o "verdadeiro fanatismo" da prima pela Casa do Penhasco? Que motivo ele teria para dizer isso? Ele recebeu ou não o testamento? Ele é um homem honesto mesmo ou não?
E agora, J: Eh bien, J continua sendo a grande incógnita da lista. Essa pessoa de fato existe ou não?

De repente, pulei da cadeira soltando um grito de espanto.

– *Mon Dieu*! O que deu em você, meu amigo?

Com a mão trêmula, apontei para a janela.

– Um rosto, Poirot! – exclamei. – Vi um rosto encostado no vidro. Um rosto horrível! Ele agora já sumiu, mas eu vi!

Poirot foi até a janela e a abriu. Em seguida, ele se inclinou para fora.

– Não há mais ninguém aqui – falou, pensativo. – Você tem certeza de que não foi só sua imaginação, Hastings?

– Absoluta. Era um rosto horrível.

– Bom, estes quartos têm sacada, é claro. Qualquer um poderia subir aqui com toda facilidade se quisesse ouvir nossa conversa. Mas como assim, "um rosto horrível", Hastings? O que você quis dizer com isso?

– Era um rosto pálido de olhar vidrado, mal parecia humano.

– *Mon ami*, deve ser só a febre. Um rosto? Certo. Um rosto desagradável? Certo. Mas um rosto que mal parece humano? *Duvido muito*. O que você viu foi só um rosto encostado no vidro, que pareceu ainda pior pela surpresa de ver alguém na janela.

– Era um rosto horrível – repeti, convicto.

– Era o rosto de alguém conhecido?

– Na verdade, não.

– Hum, mas poderia ser! Você não reconheceria ninguém nessas circunstâncias. Isso é curioso, sim, muito curioso... – ele arrumou seus papéis com um ar pensativo. – Há pelo menos um consolo. Mesmo que alguém tenha ouvido nossa conversa, nós não dissemos que mademoiselle Nick estava viva e bem. Independente do que o nosso visitante inesperado possa ter ouvido, disso, pelo menos, ele continua sem saber.

– Fora isso – acrescentei –, parece-me que os resultados desse seu, hã, brilhante plano vêm sendo um tanto decepcionantes até agora. Nick está morta, e nada de muito espantoso aconteceu ainda!

– Mas eu nem esperava nada por enquanto mesmo. Eu disse "24 horas", *mon ami. Amanhã, se eu não estiver enganado, certas coisas virão à tona. Se nada acontecer*, bom, é porque estive no caminho errado desde o começo. Ainda temos o correio, Hastings. Tenho grandes esperanças quanto ao que o carteiro poderá trazer amanhã.

Levantei-me na manhã seguinte com o corpo fraco, mas sem febre. Acordei com fome também. Poirot e eu tomamos café na nossa sala de estar.

– E então? – perguntei com um toque de malícia enquanto ele analisava sua correspondência. – O carteiro trouxe o que você esperava?

Poirot, após ter aberto dois envelopes que claramente traziam apenas contas comuns, nem me respondeu. Ele me parecia um tanto abatido, sem aquela sua pompa de sempre.

Abri minha própria correspondência. O primeiro envelope continha um panfleto de uma sessão espírita.

– Se tudo der errado, podemos procurar um médium – comentei. – Sempre me perguntei por que não estudam mais a fundo esse tipo de coisa. O espírito da vítima poderia voltar para denunciar o assassino. Seria uma prova irrefutável.

– Isso não nos ajudaria em nada – disse Poirot, apático. – Maggie Buckley nem devia conhecer quem a matou. Mesmo que ela pudesse falar, não teria nada de valor para nos dizer. *Tiens*! Isto aqui é estranho.

– O que é?

– Bem enquanto você falava sobre se comunicar com os mortos, abri justo esta carta – ele jogou um papel para mim. Era uma carta da sra. Buckley que dizia o seguinte:

Paróquia de Langley

Caro monsieur Poirot:

Quando voltamos para casa, encontrei uma carta escrita pela minha pobre filha assim que chegou a St. Loo. Infelizmente, imagino que ela não diga nada de seu interesse, mas pensei que talvez o senhor pudesse querer lê-la.

Agradeço muito pela sua gentileza.

Com carinho,

Jean Buckley

A carta de Maggie me deu um nó na garganta. Aquelas eram palavras muito simples, escritas por alguém que nem sequer desconfiava da tragédia que estava por vir:

Querida mamãe:

Cheguei bem a St. Loo. Foi uma viagem muito confortável. Dividi o vagão com só mais duas pessoas até Exeter.

O tempo está ótimo por aqui. Nick parece estar contente e muito bem de saúde, talvez apenas um pouco ansiosa, mas ainda não entendi por que ela me mandou aquele telegrama tão urgente. Eu poderia muito bem ter vindo na terça-feira mesmo.

Por enquanto, é só isso. Vamos tomar um chá com os vizinhos, um casal de australianos que alugou o chalé. Nick me disse que eles são muito gentis, mas meio irritantes. A sra. Rice e o sr. Lazarus também vão passar alguns dias aqui. Ele negocia obras de arte. Vou deixar esta carta na caixa de correio ao lado do portão para o carteiro levar. Escreverei amanhã de novo.

Da sua querida filha,

Maggie

P.S.: Nick me disse que há uma explicação para o telegrama. Ela vai me contar tudo depois do chá. Ela está mesmo muito estranha e ansiosa.

– Aí está, uma voz dos mortos – murmurou Poirot. – E ela não nos diz nada.

– A caixa ao lado do portão – comentei, distraído. – Foi onde o sr. Croft disse ter deixado o testamento.

– Sim, foi o que ele disse. Mas será verdade? Será?

– Não há mais nada de interessante entre sua correspondência?

– Nada. Isso não é bom, Hastings. Continuo no escuro. Não estou entendendo nada.

Naquele exato momento, o telefone tocou. Poirot se levantou para atendê-lo.

Notei uma mudança imediata em seu rosto. Sua postura continuava muito contida, mas sem conseguir disfarçar sua intensa empolgação.

As participações de Poirot na conversa foram completamente neutras, então não consegui entender o que estava acontecendo.

No entanto, despedindo-se com um "*Très bien*. *Je vous remercie*", ele pôs o fone no gancho e voltou até onde eu estava. Seus olhos brilhavam de tanta empolgação.

– *Mon ami*! – exclamou. – *Eu não disse*? As coisas começaram a acontecer!

– Quem era?

– O monsieur Charles Vyse. Ele ligou para dizer que recebeu um testamento hoje de manhã pelo correio com a assinatura de sua prima, a srta. Buckley, e com a data do último dia 25 de fevereiro.

– Como assim? Aquele testamento?

– *Evidemment*.

– Então o documento apareceu.

– Bem no momento mais conveniente, *n'est-ce pas*?

– Acha que ele está falando a verdade?

– Ou se acho que ele estava com o testamento esse tempo todo? É o que você ia me perguntar? Bom, é muito estranho. Mas uma coisa é certa: eu disse que certas coisas viriam à tona se todos achassem que mademoiselle Nick estava morta. E é o que estamos vendo!

– É fantástico mesmo – eu disse. – Você tinha razão. Mas esse é o testamento que indica Frederica Rice como a herdeira residual?

– O monsieur Vyse não comentou nada sobre os termos do documento. Ele foi muito discreto. Mas não vejo motivos para pensar o contrário. Ele me disse

que Ellen Wilson e seu marido assinaram como testemunhas.

– Então voltamos ao problema de antes – retomei. – Frederica Rice.

– O enigma!

– Frederica Rice – murmurei, distraído. – Mas que nome bonito.

– Muito mais bonito do que aquele apelido. "Freddie" – pronunciou Poirot, fazendo uma careta. – *Ce n'est pas joli* para uma jovem como ela.

– É que não existem muitas abreviações para Frederica – observei. – Não é como Margaret, por exemplo, que tem uma porção... Maggie, Margot, Madge, Peggie...

– É verdade. Enfim, você está mais feliz agora que as coisas começaram a acontecer?

– Mas é claro. Diga-me, você já esperava que o testamento fosse aparecer?

– Não, não exatamente. Não cheguei a pensar em nada muito específico. Eu só disse que, assim que certas consequências fossem expostas, suas causas deveriam vir à tona.

– Sim, eu sei.

– Do que eu estava falando mesmo quando o telefone tocou? – perguntou-se Poirot. – Ah, sim, era sobre a carta de mademoiselle Maggie. Gostaria de lê-la mais uma vez. Fiquei com a impressão de que havia algo de estranho naquelas palavras.

Peguei a carta de cima da mesa e a entreguei para Poirot.

Ele a leu mais uma vez em silêncio enquanto eu andava pela sala, olhando pela janela para os barcos à vela cruzando a baía.

Fui surpreendido de repente por uma exclamação e me virei. Poirot estava com a cabeça entre as mãos, muito agitado, com um ar de angústia e desespero.

– Ah! – resmungou. – Como fui cego. Cego!

– O que foi?

– Eu, aqui, pensando que a resposta era algo muito complexo! Complicado! *Mais non*, era tudo tão simples. Tão simples! E eu, imprestável que sou, não consegui ver nada. Nada!

– Meu Deus, Poirot! Que luz foi essa que você viu se acender assim de repente?

– Espere, espere, não diga nada! Preciso organizar minhas ideias. Reformulá-las sob a luz dessa nova descoberta tão estupenda.

Ele pegou a lista de perguntas e as releu em silêncio, mexendo os lábios sem parar. Por uma ou duas vezes, ele chegou a balançar a cabeça com muita ênfase.

Em seguida, ele deixou o papel sobre a mesa, inclinou-se para trás na cadeira e fechou os olhos. Achei que ele por fim havia decidido dormir.

No entanto, ele suspirou e abriu os olhos de repente.

– Mas é claro! – exclamou. – Tudo se encaixa! Tudo o que me intrigava. Tudo aquilo que parecia não fazer sentido. Tudo agora está em seu devido lugar.

– Então você já descobriu tudo?

– Quase tudo. Tudo o que importa, pelo menos. Em certos pontos, minhas deduções estavam corretas. Em outros, ridiculamente equivocadas. Mas agora está tudo claro. Mandarei um telegrama hoje mesmo fazendo duas perguntas, mas já tenho as respostas para ambas. Elas estão bem aqui! – exclamou, batendo o dedo na testa.

– E o que você vai fazer quando receber as respostas? – perguntei, curioso.

Ele se levantou cheio de energia.

– Meu amigo, você se lembra de que mademoiselle Nick comentou que gostaria de encenar uma peça na Casa do Penhasco? Esta noite, realizaremos esse desejo dela. Mas essa peça será produzida por Hercule Poirot! E mademoiselle Nick até terá um papel – disse ele, abrindo um sorriso malicioso. – Escute bem, Hastings, *haverá um fantasma nessa peça*. Sim, um fantasma. A Casa do Penhasco nunca foi visitada por fantasmas. Mas isso irá mudar esta noite! – tentei perguntar alguma coisa, mas ele me interrompeu. – Não, não vou dizer mais nada. Esta noite, Hastings, nós produziremos nossa peça... e a verdade será revelada. Mas, enfim, temos muito trabalho a fazer. Muito! – exclamou ele e então saiu apressado da sala.

Capítulo 19

Poirot produz uma peça

A Casa do Penhasco testemunhou uma reunião muito curiosa naquela noite.

Mal vi Poirot durante o dia todo. Ele saiu para jantar, mas me deixou um bilhete pedindo para estar na Casa do Penhasco às nove da noite e dizendo que não seria preciso ir vestido a rigor. Tudo aquilo me parecia até um sonho de tão ridículo.

Assim que cheguei, fui levado até a sala de jantar, onde olhei à minha volta e reparei que estavam presentes todas as pessoas listadas por Poirot de A a I (faltando apenas a J, é óbvio, já que essa pessoa poderia nem sequer existir).

Até a sra. Croft estava lá, trazida em uma espécie de cadeira de rodas. Ela sorriu e me cumprimentou com um aceno de cabeça.

– Mas que surpresa, não? – disse ela, muito alegre. – É uma boa mudança de rotina para mim, sabe. Acho que vou tentar sair de casa mais vezes. Foi tudo ideia do monsieur Poirot. Venha, sente-se aqui ao meu lado, capitão Hastings. Estou achando que isso não vai ser muito agradável, mas o sr. Vyse insistiu tanto.

– O sr. Vyse? – perguntei, um tanto surpreso.

Charles Vyse estava ao lado da lareira, conversando com Poirot, que falava em voz baixa com uma expressão séria.

Olhei para os lados. Sim, estavam todos lá. Depois de me receber (cheguei um ou dois minutos atrasado), Ellen se sentou em uma cadeira ao lado da porta. Em uma outra cadeira, ofegante e sentado com uma postura dolorosamente correta, estava seu marido, enquanto Alfred, o filho do casal, não parava quieto no meio dos dois.

Todos os outros estavam sentados em volta da mesa de jantar. Frederica estava usando seu vestido preto, junto com Lazarus e de frente para George Challenger, e o sr. Croft no outro lado da mesa. Eu me sentei um pouco mais longe, perto da sra. Croft. Em seguida, depois de um último aceno de cabeça, Charles Vyse assumiu seu lugar na ponta da mesa, e Poirot se instalou discretamente ao lado de Lazarus.

O produtor, como Poirot havia se intitulado, claramente não pretendia ter um papel de muita proeminência nesta peça. Charles Vyse parecia estar no comando da situação. Fiquei me perguntando que tipo de surpresas Poirot teria preparado para ele.

O jovem advogado limpou a garganta e se levantou. Ele continuava sendo o mesmo de sempre, com seu ar frio, formal e apático.

– Essa reunião de hoje pode não parecer muito convencional – começou. – Mas estamos diante de uma situação muito particular. Estou me referindo, é claro, às circunstâncias ligadas à morte da minha prima, a srta. Buckley. Ainda será feita uma autópsia, evidentemente, mas parece não restar mais nenhuma dúvida de que ela foi envenenada, e que esse veneno foi administrado com a clara intenção de matar. Mas isso é um assunto policial, no qual não pretendo me aprofundar, como estou certo de que a própria polícia acharia melhor. Em casos comuns, o testamento da pessoa falecida só seria lido após o enterro, mas, atendendo a um pedido feito especialmente pelo monsieur Poirot, proponho que a leitura seja feita antes disso. Aliás, proponho que ela seja feita agora mesmo. Foi por isso que pedimos a presença de todos vocês aqui hoje. Como acabei de dizer, as presentes circunstâncias são incomuns e justificam essa quebra de protocolo. O testamento em si também chegou às minhas mãos de maneira pouco comum. Embora o documento tenha a data de fevereiro último, só o recebi hoje de manhã pelo correio. No entanto, a caligrafia usada é claramente a de minha prima, não tenho qualquer dúvida quanto a isso; e, embora seja um documento de caráter bastante informal, tudo foi devidamente legitimado.

Ele fez uma pausa e limpou a garganta mais uma vez.

Todos os olhos da sala estavam voltados para ele.

Vyse tirou um papel de um envelope. Como todos puderam ver, tratava-se de uma simples folha de um bloco de notas com algumas palavras escritas.

– O documento é muito sucinto – disse Vyse. Ele fez uma breve pausa e, então, começou a ler.

Estes são os últimos desejos e o testamento de Magdala Buckley.

Quero que todas as minhas despesas funerárias sejam pagas e indico meu primo como meu executor. Deixo todas as minhas posses no momento de minha morte para Mildred Croft em gratidão aos serviços prestados ao meu pai, Philip Buckley, serviços esses que nada jamais poderia recompensar.

Assinado: Magdala Buckley

Testemunhas: Ellen Wilson, William Wilson

Fiquei pasmo! Assim como todos os outros, imagino eu. Apenas a sra. Croft acenou a cabeça como se tudo aquilo fizesse sentido.

– É verdade – disse ela baixinho. – Nunca contei nada a ninguém, mas Phillip Buckley esteve na Austrália e, se não fosse por mim, bom, não vamos falar sobre isso. Enfim, é um segredo, e acho melhor continuar assim. Mas acho que ela sabia. Nick, digo. Acho que o pai contou a ela. Nós viemos para cá porque queríamos ver como era este lugar. Sempre tive a curiosidade de conhecer a tal Casa do Penhasco da qual Phillip Buckley tanto falava. Aquela jovem sabia dessa história e fazia de tudo por nós. Ela até nos pediu para virmos morar com ela, mas não aceitamos. Ela insistiu que ficássemos com o chalé e nunca aceitou nem um centavo de aluguel. Nós queríamos pagar, é claro, só para evitar qualquer comentário, mas ela nos devolvia todo o dinheiro. E agora isso! Olhe, se alguém me disser que não há gratidão neste mundo, só posso responder que não é verdade! Esse gesto é a maior prova disso.

Todos continuaram calados pela surpresa. Poirot olhou para Vyse.

– O senhor tinha alguma ideia disso?

Vyse balançou a cabeça.

– Eu sabia que Phillip Buckley esteve na Austrália, mas nunca ouvi nenhum boato sobre qualquer escândalo por lá.

Ele lançou um olhar inquisitorial para a sra. Croft, mas ela apenas balançou a cabeça.

– Não, você não vai tirar nada de mim. Nunca disse nenhuma palavra sequer sobre o assunto, nem nunca direi. Levarei esse segredo comigo para o túmulo.

Vyse não esboçou qualquer resposta. Ele apenas ficou sentado em silêncio, batendo na mesa com um lápis.

– Agora, monsieur Vyse, – pronunciou-se Poirot, inclinando-se à frente – presumo que, como o parente mais próximo, o senhor poderia contestar esse testamento, não? Pelo que sei, agora estamos falando sobre uma imensa fortuna que não existia na época em que o testamento foi feito.

Vyse olhou para Poirot com frieza.

– O testamento é perfeitamente válido. Nunca ousaria contestar a vontade de minha prima quanto à distribuição de suas posses.

– O senhor é muito honesto e será bem recompensado por isso – disse a sra. Croft.

Charles pareceu ficar um pouco abatido depois de seu comentário bem-intencionado, mas um tanto embaraçoso.

– Veja só, mulher – comentou o sr. Croft com uma clara euforia em sua voz. – Mas que surpresa! Nick nunca me contou nada sobre isso.

– Ah, minha querida Nick – murmurou a sra. Croft, enxugando os olhos com um lenço. – Gostaria que ela estivesse nos vendo agora. Bom, talvez esteja, quem vai saber?

– Talvez esteja mesmo – concordou Poirot. De repente, ele olhou para os lados como se tivesse acabado de pensar em alguma coisa. – Tive uma ideia! Já que estamos todos aqui, sentados em volta desta mesa, por que não fazemos uma sessão espírita?

– Uma *sessão espírita*? – indagou a sra. Croft, um tanto chocada. – Mas...

– Sim, sim, será muito interessante. Meu caro amigo Hastings aqui acredita ter poderes mediúnicos – declarou. Mas o que eu tinha a ver com essa história? – Vejam que oportunidade única para recebermos uma mensagem do além! Acredito que as condições sejam muito propícias. Não acha, Hastings?

– Sim, claro – concordei com firmeza, entrando no jogo.

– Ótimo! Eu sabia. Rápido, vamos apagar as luzes.

Logo em seguida, ele se levantou e apagou as luzes. Tudo foi organizado às pressas antes que alguém tivesse a chance de contestar qualquer coisa. Para falar a verdade, acho que todos ainda estavam um tanto aturdidos pela revelação do testamento.

A sala não ficou completamente escura. As cortinas e as janelas estavam abertas para a noite quente lá fora, deixando uma tênue luz entrar. Depois de um ou dois minutos, enquanto todos estavam sentados em silêncio, comecei a conseguir identificar os contornos dos móveis. Eu não tinha a mínima ideia do que fazer e amaldiçoei Poirot com toda a minha alma por não ter me dado qualquer instrução sobre isso antes.

Ainda assim, fechei os olhos comecei a respirar fazendo barulho.

Poirot se levantou e veio na ponta dos pés até a minha cadeira. Em seguida, ele voltou para o seu próprio lugar e murmurou:

– Sim, ele já está em transe. Nós logo, logo, receberemos um sinal.

Por algum motivo, ficar sentado no escuro esperando faz com que as pessoas sejam tomadas por uma apreensão insuportável. Eu mesmo fiquei bastante tenso, e tenho certeza de que não deveria estar sendo diferente para os outros. Não tinha a mínima ideia do que iria acontecer, mas sabia de um único detalhe que todos os outros ali ignoravam.

Ainda assim, meu coração quase saltou pela boca quando vi a porta da sala de jantar se abrindo lentamente.

A porta não fez nenhum barulho (as dobradiças deviam estar lubrificadas), o que criou um terrível efeito sinistro. Ela apenas se abriu, e nada aconteceu. Uma lufada de ar frio pareceu invadir a sala. Eu sabia que provavelmente devia ser só uma brisa qualquer entrando pela janela aberta, mas aquilo me lembrou dos calafrios mencionados em todas as histórias de terror que eu já havia lido.

E foi então que todos nós a vimos! Emoldurada pela porta, estava uma figura de branco. Nick Buckley...

Ela se aproximou devagar sem ruído algum com uma cadência etérea, quase como se estivesse flutuando...

Eu então percebi que grande atriz o mundo estava perdendo. Nick sempre quis encenar uma peça na Casa do Penhasco. Agora, esse desejo estava sendo realizado, e ela me parecia estar adorando. Nick estava perfeita.

Ela flutuou sala adentro, e o silêncio foi quebrado.

Um gemido de angústia irrompeu da cadeira de rodas ao meu lado. O sr. Croft pareceu engasgar. Challenger soltou um impropério de surpresa. Acho que Charles Vyse empurrou a cadeira para trás. Lazarus se inclinou sobre a mesa. Só Frederica não se moveu nem emitiu som algum.

Um grito ecoou pela sala, e Ellen pulou da cadeira.

– É ela! – berrou Ellen. – Ela voltou! Está aqui! Os que morrem assassinados sempre voltam! É ela! É ela!

Logo em seguida, as luzes se acenderam.

Vi Poirot ao lado do interruptor, sorrindo como um diretor de cena. Nick estava no meio da sala com suas roupas brancas.

Foi Frederica quem falou primeiro. Incrédula, ela esticou uma das mãos para tocar na amiga.

– Nick? – disse ela. – Você... você está aqui!

Foi quase um sussurro.

Nick riu e deu um passo à frente.

– Sim – disse ela. – Estou aqui. Obrigada pela sua ajuda ao meu pai, sra. Croft. No entanto, receio que a senhora ainda não poderá usufruir de sua recompensa.

– Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! – exclamou a sra. Croft, que não parava de se remexer na cadeira. – Leve-me embora daqui, Bert! Leve-me embora daqui! Era tudo só uma brincadeira, minha querida... só uma brincadeira e nada mais! Juro por Deus!

– Uma brincadeira muito estranha – acrescentou Nick.

A porta se abriu de novo, e um homem entrou tão em silêncio que mal reparei. Para a minha surpresa, era o inspetor Japp. Ele trocou um rápido aceno de cabeça com Poirot, como se estivesse confirmando alguma coisa. Em seguida, seu rosto pareceu se iluminar de repente enquanto ele se aproximava da angustiada figura na cadeira de rodas.

– Ora, ora, ora – começou ele. – O que temos aqui? Uma velha amiga! Milly Merton, não é mesmo? E metida em mais um de seus velhos esquemas, minha querida? – ele se virou para os outros, ignorando os protestos da sra. Croft. – Milly Merton é uma das maiores falsárias que já conhecemos. Nós sabíamos que ela tinha sofrido um acidente de carro durante sua última fuga. Mas vejam só! Nem uma lesão na coluna poderia tirar a velha Milly da ativa. Ela é uma verdadeira artista!

– Então o testamento era falso? – perguntou Vyse, incrédulo.

– Mas é claro que era! – respondeu Nick com desdém. – Você acha mesmo que eu faria um testamento idiota como aquele? Deixei a Casa do Penhasco para você, Charles, e todo o resto para Frederica.

Ela atravessou a sala enquanto falava e parou ao lado da amiga. E então, de repente, o *inesperado aconteceu*!

Um clarão de fogo irrompeu na janela, e todos ouviram o zunido de uma bala, seguido por outro e, então, um grunhido e o baque de um corpo caindo lá fora.

Frederica estava de pé, e um fio de sangue escorria pelo seu braço...

Capítulo 20

J

Foi tudo tão repentino que, por alguns instantes, ninguém conseguiu entender o que tinha acontecido.

Em seguida, com uma violenta exclamação, Poirot correu até a janela. Challenger fez o mesmo. Pouco depois, os dois voltaram carregando o corpo de um homem. Enquanto eles o deixavam com cuidado em uma grande poltrona de couro, pude ver seu rosto e soltei um grito.

– *É aquele rosto*! O rosto da janela...

De fato, aquele era o homem que eu tinha visto nos olhando pela janela na outra tarde. Eu o reconheci de imediato e percebi que havia exagerado um pouco ao dizer que ele "mal parecia humano", bem como Poirot me acusara.

No entanto, aquele rosto tinha algo que justificava essa minha impressão. Era um rosto perdido, o rosto de alguém que havia se distanciado do resto da humanidade. Pálido, fraco, degenerado; algo que parecia ser apenas uma máscara, como se o espírito dentro daquele corpo já não estivesse mais ali há muito tempo. Da têmpora do homem, escorria um filete de sangue

Frederica se aproximou lentamente da poltrona. Poirot a deteve.

– Está machucada, madame?

Ela balançou a cabeça.

– A bala só passou de raspão no meu ombro.

Ela abriu caminho, afastando Poirot com gentileza, e se abaixou.

Os olhos do homem se abriram, e ele a viu.

– Acho que eu peguei você desta vez – rosnou ele com uma voz baixa e agressiva, mas mudou de repente para um tom quase infantil. – Ah, Freddie! Eu não queria que fosse assim. Eu não queria! Você sempre me tratou tão bem...

– Não se preocupe...

Ela se ajoelhou ao lado dele.

– Eu não queria...

Sua cabeça tombou para o lado. Ele nunca chegou a terminar aquela frase.

Frederica olhou para Poirot.

– Sim, madame, ele está morto – disse ele com uma voz gentil.

Ela se levantou lentamente e ficou olhando para o corpo, encostando uma das mãos na testa do homem, cheia de piedade, ao que parecia. Soltou um suspiro e se virou para nós.

– Ele era meu marido – disse baixinho.

– J... – murmurei.

Poirot ouviu meu comentário e me respondeu com um rápido aceno de cabeça.

– Sim. Sempre achei que havia um J. Eu disse isso desde o começo, não disse?

– Ele era meu marido – repetiu Frederica com uma voz exausta. Ela se esparramou em uma cadeira que Lazarus trouxera. – Bom, acho que agora é melhor eu contar tudo a vocês. Ele não valia nada. Sempre foi um viciado e me levou para o mundo das drogas também. Venho lutando contra o vício desde que o deixei. Acho que finalmente estou quase recuperada. Mas é difícil. Muito, muito difícil! Ninguém sabe o quanto é difícil! Ele nunca me deixava em paz, sempre aparecia de repente, exigindo dinheiro e fazendo ameaças. Era um tipo de chantagem. Dizia que ia se matar se eu não lhe desse dinheiro. Era sempre isso. Depois, ele passou a *me ameaçar*. Mas não sabia o que estava fazendo. Era maluco, um louco... Acho que foi ele quem atirou em Maggie Buckley. Mas não era ela quem ele queria matar, claro, era eu. Sei que deveria ter falado sobre isso antes, mas eu não tinha certeza. E depois de todos aqueles acidentes bizarros que Nick sofreu, achei que talvez pudesse nem ser ele mesmo. Poderia ser alguma outra pessoa qualquer. Mas, um dia, eu vi a caligrafia dele em um pedaço de papel na mesa do monsieur Poirot. Aquilo era parte de uma carta que ele me enviara e, então, me dei conta de que Poirot estava atrás dele. Desde esse dia, eu soube que era só uma questão de tempo... Mas eu ainda não entendo o caso dos bombons. Ele não teria por que envenenar *Nick*. Além disso, não vejo como ele poderia ter algo a ver com isso. Não faz nenhum sentido – ela pôs as duas mãos no rosto, depois as abaixou e disse com um patético tom estranho de conclusão. – E é isso...

Capítulo 21

A pessoa K

Lazarus veio correndo até ela.

– Calma, minha querida – falou. – Calma.

Poirot foi até o bar, voltou com um cálice de vinho e ficou olhando enquanto ela bebia. Ela entregou o copo vazio de volta para ele e sorriu.

– Já estou melhor – disse ela. – Mas o que vamos fazer agora?

Ela olhou para Japp, mas o inspetor balançou a cabeça.

– Estou de folga, sra. Rice. Estou aqui apenas ajudando um velho amigo e nada mais. É a polícia de St. Loo quem se encarregará deste caso.

Ela se virou para Poirot.

– E o monsieur Poirot está encarregado da polícia de St. Loo?

– Ah, *quelle idée*, madame! Sou apenas um mero consultor.

– Monsieur Poirot – disse Nick. – Será que não poderíamos abafar o caso?

– É isso o que quer, mademoiselle?

– Sim. Afinal, sou eu a pessoa mais envolvida e creio que não haverá mais nenhum ataque contra mim agora.

– Não mesmo, é verdade. Não haverá mais nenhum ataque.

– Sei que o senhor deve estar pensando em Maggie, mas não há nada que possa trazê-la de volta! Se isso vier a público, Frederica só acabará sofrendo ainda mais, coisa que ela com certeza não merece.

– Acha que ela não merece isso?

– Mas é claro que não! Eu disse desde o começo que ela tinha um marido horrível. O senhor mesmo viu como ele era. Enfim, agora ele está morto. Vamos deixar que tudo acabe assim. A polícia que continue procurando quem atirou em Maggie. Eles só não vão encontrar ninguém e ponto final.

– Então é isso o que quer, mademoiselle? *Abafar tudo*?

– Sim, por favor. Ah, *por favor*. Por favor, meu caro Poirot!

Poirot se virou lentamente para os outros.

– O que vocês acham?

Cada um deu sua opinião.

– Eu concordo – afirmei enquanto Poirot olhava para mim.

– Eu também – disse Lazarus.

– É a melhor coisa a se fazer – assentiu Challenger.

– Acho melhor esquecermos tudo o que aconteceu aqui hoje – completou o sr. Croft com muita determinação.

– Ah, é mesmo? – exclamou Japp.

– Não me julgue tão mal, minha querida – choramingou a sra. Croft para Nick, que apenas olhou para ela com desdém e não disse nada.

– Ellen?

– Eu e William não vamos dizer nada, senhor. Quanto menos se falar, melhor.

– E o senhor, monsieur Vyse?

– Um caso assim não pode ser abafado – discordou Charles Vyse. – Os fatos devem ser levados às autoridades competentes.

– Charles! – protestou Nick.

– Sinto muito, querida. Estou analisando a situação pelo ponto de vista legal.

Poirot deu uma gargalhada de repente.

– Então são sete contra um. O velho Japp é neutro.

– Sim, estou de folga – disse Japp, sorrindo. – Eu não conto.

– Sete contra um. Apenas o monsieur Vyse foi contra, defendendo a lei e a ordem! Sabe, o senhor é um homem de muito caráter!

Vyse deu de ombros.

– A situação é muito clara. Não consigo pensar em outra opção.

– Sim, o senhor é um homem honesto. *Eh bien*, devo dizer que também estou com a minoria. *Também sou a favor da verdade*.

– Monsieur Poirot! – exclamou Nick.

– Mademoiselle, foi a senhorita quem me envolveu neste caso por sua livre e espontânea vontade. Não pode esperar que eu me cale agora – ele disse, erguendo o dedo em um gesto ameaçador que eu conhecia muito bem. – Sentem-se todos para que eu possa contar a verdade – calados por essa atitude autoritária, nós nos sentamos e ficamos olhando para ele. – *Ecoutez*! Tenho aqui comigo uma lista com os nomes de todas as pessoas ligadas ao crime. Eu as elenquei com letras do alfabeto até J. No caso, J era uma pessoa desconhecida também ligada ao crime por alguma das outras. Eu não sabia quem era J até esta noite, *mas sabia que essa pessoa existia*. Os acontecimentos de hoje apenas provaram que eu estava certo. Mas eu me dei conta ontem de que havia

cometido um grave erro, uma omissão, e adicionei mais uma letra à lista. A letra K.

– Mais uma pessoa desconhecida? – perguntou Vyse, abrindo um leve sorriso.

– Não exatamente. Eu já havia adotado J como símbolo para um desconhecido. Um outro desconhecido continuaria sendo apenas J. O elemento K tem um significado diferente, *pois representa alguém que deveria ter sido incluído na lista original, mas foi omitido* – ele se aproximou de Frederica. – Não fique tão mal, madame. *O seu marido não foi o culpado pelo assassinato*. Foi a pessoa K quem matou Maggie Buckley.

Ela ficou sem reação.

– Mas quem é K?

Poirot fez um aceno para Japp, e o inspetor deu um passo adiante com uma postura reminiscente dos tempos em que apresentava suas provas no tribunal.

– Seguindo uma sugestão, cheguei aqui mais cedo hoje e fui recebido em sigilo pelo monsieur Poirot. Fiquei escondido atrás das cortinas na sala de visitas. Enquanto todos estavam reunidos aqui neste cômodo, uma jovem entrou naquela sala e acendeu a luz. Ela foi até a lareira e abriu um pequeno painel instalado na parede, que parecia ser operado por um mecanismo de mola. Ela pegou uma pistola dessa abertura e saiu. Eu a segui e me escondi atrás de uma porta entreaberta para ver o que ela faria depois. Como de costume, os convidados deixaram seus paletós e casacos no saguão quando chegaram. Essa jovem limpou cuidadosamente a pistola com um lenço e a colocou no bolso de um casaco cinza que, se não me engano, pertence à sra. Rice...

Nick soltou um grito de protesto.

– Isso é mentira! É tudo mentira!

Poirot apontou com a mão para ela.

– *Voilà*! – disse ele. – Eis a pessoa K! *Foi mademoiselle Nick quem matou sua própria prima, Maggie Buckley*.

– O senhor ficou maluco? – berrou Nick. – Por que eu mataria Maggie?

– Para herdar o dinheiro deixado a ela por Michael Seton! O nome dela também era Magdala Buckley e era ela a verdadeira noiva dele, não você.

– Seu... seu...

Ela ficou parada, tremendo, sem conseguir falar. Poirot se virou para Japp.

– Você ligou para a polícia?

– Sim, eles já estão à espera no saguão e trouxeram o mandado.

– Vocês estão todos loucos! – gritou Nick com desprezo, aproximando-se a passos rápidos de Frederica. – Freddie, você poderia me dar o seu relógio, por favor? – Frederica tirou lentamente o belíssimo relógio do pulso e o entregou para Nick. – Obrigada. Enfim, acho que agora não me resta outra escolha a não ser continuar com essa farsa ridícula.

– Uma farsa que a senhorita planejou e produziu na Casa do Penhasco. Sim, mas não deveria ter dado o papel principal a Hercule Poirot. Esse, mademoiselle, foi o seu maior erro!

Capítulo 22

O fim da história

– Querem que eu explique?

Poirot olhou à sua volta com um sorriso satisfeito e um ar de pretensa humildade que eu conhecia tão bem.

Passamos para a sala de visitas, agora em menor número. Os criados haviam se retirado discretamente, e os Croft foram levados pela polícia. Restavam apenas Frederica, Lazarus, Challenger, Vyse e eu.

– *Eh bien*, devo confessar que fui enganado, perfeitamente enganado. A jovem Nick me passou a perna mesmo, como vocês costumam dizer. Ah, madame, como estava certa quando disse que sua amiga era uma bela mentirosa!

– Nick sempre mentiu muito – disse Frederica com toda calma. – Foi por isso que no começo nem acreditei nessa história dos acidentes.

– E eu, imbecil que sou, acreditei!

– Então eles nunca aconteceram? – perguntei, agora totalmente confuso, admito.

– Não, foram todos inventados, com muita sagacidade, aliás, para passar a impressão que ela queria.

– Que era qual?

– De que a vida de mademoiselle Nick estava em perigo. Mas tudo começou ainda antes disso. Vou contar agora para vocês a história em sua devida ordem e não como ela me foi apresentada, em pedaços e relances confusos. Para começar, temos uma moça, Nick Buckley, jovem, bonita, inescrupulosa e completamente fanática pela casa em que morava.

Charles Vyse acenou a cabeça.

– Sim, como eu disse.

– E o senhor tinha razão. Mademoiselle Nick adora a Casa do Penhasco. Mas ela não tinha um tostão, e a casa estava hipotecada. Ela precisava de dinheiro, precisava muito, mas não saiba como conseguir. Ela então conheceu esse rapaz, Michael Seton, em Le Touquet, que foi atraído por ela. Nick sabia que ele provavelmente deveria ser o herdeiro de seu tio, um grande milionário.

“Que maravilha”, pensa ela, “tudo está dando certo.” Mas a atração do rapaz não é assim tão arrebatadora. Ele acha Nick uma moça divertida, mas nada mais. Eles se encontram em Scarborough, ele a leva para voar e, então, a catástrofe acontece: ele conhece Maggie e se apaixona à primeira vista. Mademoiselle Nick fica pasma. Justo sua prima Maggie, que ela nunca achou muito bonita? Mas, para o jovem Seton, ela era “diferente”, uma moça única no mundo. Eles ficam noivos, e só uma pessoa sabe disso. E essa pessoa é mademoiselle Nick. A pobre Maggie fica contente por ter uma amiga com quem conversar. Sem dúvida alguma, ela acaba lendo para a prima algumas partes das cartas enviadas pelo noivo. Foi assim que Nick ficou sabendo sobre o testamento. Ela não dá muita atenção a isso na hora, mas é algo que fica em sua mente. Pouco depois, surge a notícia sobre a morte inesperada de Sir Matthew Seton, seguida pelos rumores de que Michael Seton teria desaparecido no meio de sua viagem. Nossa jovem elabora um plano mirabolante. Seton não sabe que ela também se chama Magdala, já que a conhece apenas por Nick. O testamento do rapaz é claramente bastante informal, apenas um papel mencionando um nome. Mas, para o resto das pessoas, Seton é amigo de Nick! É com ela que ele tinha sido visto até então. Se ela dissesse que estava noiva dele, ninguém ficaria surpreso. *Mas para que o plano funcionasse, Maggie precisava ser eliminada*. O tempo era curto. Ela pede para que Maggie venha visitá-la dentro de alguns dias. Em seguida, ela passa por três incidentes. A queda de um quadro cujo fio ela mesma cortou. Uma falha nos freios do carro em que ela mexeu. E uma pedra que rolou penhasco abaixo, talvez até por conta própria, e ela apenas inventou que estava passando por ali e quase foi atingida. Ela depois vê o meu nome no jornal, porque, como bem lhe disse, Hastings, todos conhecem Hercule Poirot, e então tem a audácia de tentar me usar como seu cúmplice! Ela forjou toda a situação com a bala que perfurou o chapéu e caiu aos meus pés. Ah, mas que engenhosidade! E eu acreditei! Acreditei que ela estava em perigo! *Bon*! Ela agora tem uma testemunha muito valiosa ao seu lado. Eu entro no jogo e acabo pedindo para que ela chame uma amiga para lhe fazer companhia. Ela aproveita a oportunidade e pede para que Maggie venha um dia antes. Tudo agora parece tão fácil! Durante o jantar, ela nos deixa por alguns instantes e, após ouvir pelo rádio que a morte de Seton fora confirmada, começa a pôr seu plano em ação. A mademoiselle teve tempo de sobra para analisar as cartas de Seton enviadas a Maggie e escolher aquelas que serviriam melhor ao seu propósito, as quais guardou em seu próprio quarto. Mais tarde, ela e Maggie saem para ver os fogos e, então, voltam para a casa. Ela diz à prima para usar seu xale e se esgueira atrás dela para matá-la a tiros.

Nick corre de volta para dentro e esconde a pistola atrás do painel secreto, achando que ninguém sabia sobre a existência daquele compartimento. Em seguida, ela sobe para o quarto e fica esperando até ouvir vozes, dando o sinal de que o corpo fora encontrado. Ela desce correndo a escada e olha pela janela. E como ela interpretou bem seu papel! Que atuação magnífica! Ah, sim, ela encenou um belo drama aqui. Ellen, a criada, comentou que esta casa tinha um ar sinistro, e acho que concordo com ela. Deve ter sido isso o que inspirou a mademoiselle.

– Mas e os bombons envenenados? – perguntou Frederica. – Ainda não entendo.

– Era tudo parte do mesmo plano. Afinal, se Nick fosse atacada mais uma vez após a morte de Maggie, ficaria confirmado que o assassinato da pobre jovem havia sido mesmo um engano. Assim que viu a oportunidade certa, ela ligou para madame Rice e pediu para lhe enviar uma caixa de bombons.

– Então era a voz dela mesmo?

– Mas é claro! A explicação mais simples quase sempre é a correta! *N'est ce pas*? Ela apenas alterou um pouco a voz para que você ficasse na dúvida caso alguém lhe perguntasse. E, quando a caixa chegou, foi tudo muito simples também. Ela recheou três bombons com a cocaína que ela tinha trazido escondida e comeu um deles para ficar mal, mas não muito. Ela sabia muito bem quanta cocaína deveria ingerir e quais sintomas exagerar. E, quanto ao cartão, o meu cartão! *Ah, sapristi*! Mas que ousadia ela teve! Aquele de fato era o meu cartão, o que mandei junto com as flores. Simples, não é mesmo? Sim, mas uma excelente ideia...

Poirot fez uma pausa, e Frederica perguntou:

– Mas por que ela pôs a pistola no meu casaco?

– Imaginei que cedo ou tarde a senhora me faria essa pergunta, madame. Diga-me, já lhe passou pela sua cabeça a ideia de que mademoiselle Nick pudesse não gostar mais de você? Ela teria algum motivo para odiá-la?

– É difícil dizer – respondeu Frederica, hesitante. – Nossa amizade não era muito sincera, mas ela parecia gostar de mim antes, pelo menos.

– Diga-me, monsieur Lazarus, lembrando que agora não é hora para falsa modéstia, o senhor por acaso já teve algum envolvimento com a mademoiselle?

– Não – respondeu Lazarus, balançando a cabeça. – Gostei dela por um tempo, é verdade, mas, depois, não sei bem por que, acabou passando.

– Ah! – exclamou Poirot. – Esse era o problema da mademoiselle. As pessoas se interessavam por ela, mas acabava "passando". Em vez de gostarem

mais e mais de Nick, todos se apaixonavam por suas amigas. Ela começou a detestar madame Rice, que tinha um amigo rico caído de amores por ela. No último inverno, quando fez seu testamento, ela ainda gostava da madame, mas isso acabou mudando depois. A mademoiselle não sabia que o sr. Croft nunca pusera o testamento no correio, mas se lembrava bem do documento. Com ele, a madame teria um motivo, pelo menos aparentemente, para desejar a morte de Nick. Foi por isso que ela ligou para a madame pedindo os chocolates. Ela imaginava que o testamento seria lido hoje, indicando a madame como sua herdeira residual, e que depois a pistola seria encontrada em seu casaco, a pistola usada para matar Maggie Buckley. Se a própria madame a encontrasse, isso também poderia incriminá-la por estar tentando se livrar da prova do crime.

– Ela devia me odiar – murmurou Frederica.

– Sim, madame. A senhora tinha o que ela tanto queria, o poder de conquistar o amor e *não perdê-lo*.

– Sei que não sou muito inteligente, mas ainda não consegui entender a história do testamento – disse Challenger.

– Não? Essa é uma outra história, mas muito simples também. Os Croft estavam se escondendo aqui. Eles veem uma oportunidade quando descobrem que a mademoiselle iria passar por uma operação e nunca fizera um testamento. Eles a convencem a preparar um e se encarregam de pôr o documento no correio. Depois disso, caso qualquer coisa acontecesse e ela viesse a falecer, eles poderiam produzir um testamento forjado deixando o dinheiro para a sra. Croft, fazendo referência aos tempos de Philip Buckley na Austrália, já que todos sabiam que ele de fato já visitara esse país. No entanto, mademoiselle Nick passa muito bem pela cirurgia, e o testamento forjado não pode ser usado. Por enquanto, pelo menos. Tempos depois, começam os ataques contra a mademoiselle, e os Croft voltam a ter esperanças. Eu por fim anuncio então a morte de Nick. A oportunidade é perfeita demais para ser desperdiçada, e eles enviam o testamento forjado imediatamente para o monsieur Vyse. No entanto, eles imaginavam que a mademoiselle fosse muito mais rica do que realmente era e nem sabiam nada sobre a hipoteca.

– Muito bem, mas o que eu gostaria de saber é como o senhor descobriu tudo isso – questionou Lazarus. – Quando o senhor começou a suspeitar?

– Ah, fico até envergonhado em dizer quanto tempo levei para entender tudo. Certas coisas me preocupavam, isso é fato. Coisas que não se encaixavam. Discrepâncias entre o que a mademoiselle e os outros me falavam. Infelizmente, sempre acreditei mais em Nick. Mas, de repente, tive uma epifania.

Mademoiselle Nick cometeu um erro ao achar que era esperta demais. Quando lhe pedi para chamar uma amiga, ela concordou, mas me omitiu o fato de que já convidara mademoiselle Maggie para passar alguns dias aqui. Ela imaginou que isso levantaria menos suspeitas, *mas foi um erro*, já que Maggie Buckley escreveu uma carta para casa assim que chegou, usando uma frase muito inocente que me intrigou: *"Ainda não entendi por que ela me mandou aquele telegrama tão urgente. Eu poderia muito bem ter vindo na terça-feira mesmo"*. O que isso queria dizer? *Só poderia ser uma coisa*, que Maggie já estava planejando vir para cá na terça de qualquer maneira. Sendo assim, mademoiselle Nick mentira para mim ou pelo menos omitira a verdade. E, pela primeira vez, comecei a analisá-la por um prisma diferente. Passei a rever de forma crítica tudo o que ela dissera em vez de apenas acreditar. E se não fosse verdade? Lembrei-me de todas as discrepâncias. E se mademoiselle Nick estivesse mentindo e não os outros? Tentei pensar da maneira mais simples possível. O que realmente aconteceu? Percebi que o único fato concreto até agora era a morte de *Maggie Buckley*. Apenas isso! Mas quem poderia querer matar Maggie Buckley? Foi então que me lembrei de outra coisa, de um comentário bobo feito por Hastings poucos minutos antes, dizendo que Margaret era um nome com muitas abreviações, Maggie, Margot etc. De repente, comecei a me perguntar qual poderia ser o verdadeiro nome de mademoiselle Maggie. E, *tout d'un coup*, tudo se encaixou! Suponhamos que ela também se chamasse Magdala. Era um nome de família, como a própria mademoiselle Nick me contara. Poderia muito bem haver duas Magdalas Buckley, suponho. Lembrei-me então das cartas de Michael Seton que eu lera. Sim, não seria nada impossível. Havia uma menção a Scarborough, mas Maggie também esteve por lá com Nick, conforme sua mãe me contou. E isso explicava algo que me deixou intrigado. Por que havia tão poucas cartas? Se uma moça decide guardar suas cartas de amor, ela guardaria todas. Por que ela teria separado tão poucas? Teriam elas alguma peculiaridade em especial? E eu lembrei que nenhum nome era mencionado em qualquer uma delas. Cada uma começava de forma diferente, mas todas começavam com um apelido carinhoso. O nome Nick nunca chegou a ser usado. E havia também mais uma coisa, algo que eu deveria ter visto logo a princípio, um detalhe que escancarava a verdade.

– O quê?

– É simples. Mademoiselle Nick teve seu apêndice removido no último dia 27 de fevereiro. E havia uma carta escrita por Michael Seton no dia 2 de março, onde ele não faz menção alguma à cirurgia, à doença ou nada parecido. Isso

deveria ter me mostrado que essas cartas foram escritas para alguma *outra pessoa totalmente diferente*. Analisei a lista de perguntas que fizera antes e as respondi sob a luz desta minha nova ideia. A não ser por algumas poucas questões isoladas, o resultado foi simples e convincente. E também pude responder outra pergunta que me fizera antes disso. *Por que mademoiselle Nick comprou um vestido preto*? Ora, porque ela precisava estar vestida mais ou menos da mesma forma que sua prima, usando o xale vermelho como um toque a mais. Só poderia ser essa a verdade, já que era a única resposta convincente. Uma jovem nunca compraria um vestido de luto antes de saber que seu noivo estava morto. Isso seria muito pouco natural. Encenei meu pequeno drama, e aquilo que eu esperava aconteceu! Nick Buckley foi muito categórica ao falar que não havia nenhum painel secreto na casa. Mas, se ele de fato existisse, e não vejo por que Ellen inventaria algo assim, *Nick com certeza saberia disso*. Então, por que Nick foi tão categórica? E se ela tivesse escondido a pistola nesse compartimento com a intenção de usá-la para levantar suspeitas contra alguma outra pessoa depois? Deixei claro que tudo estava apontando para a madame, exatamente conforme ela planejara. Em seguida, como eu imaginava, ela não resistiu à chance de plantar a prova definitiva, afinal, seria a saída mais segura. Ellen poderia acabar encontrando o painel secreto com a pistola! Enquanto todos nós estávamos aqui, ela ficou esperando para entrar em ação. Pensando que mais nada poderia dar errado, ela pega a pistola de seu esconderijo e a coloca no casaco da madame. E, com isso, todos os seus planos finalmente foram por água abaixo...

Frederica estremeceu.

– Enfim, só fico feliz por ter dado a ela o meu relógio – disse ela.

– Claro, madame.

Ela olhou para ele, intrigada.

– O senhor sabia disso também?

– E quanto a Ellen? – interrompi. – Ela sabia ou suspeitava de alguma coisa?

– Não. Perguntei sobre isso, e ela respondeu que decidiu ficar em casa naquela noite por achar, em suas próprias palavras, que "algo estranho estava acontecendo". Ao que parece, Nick foi muito enfática ao pedir para que ela assistisse à queima de fogos. Ela já sabia que Nick não gostava muito da madame e me disse que "sentiu em seu coração que algo iria acontecer", mas imaginou que seria com a madame. Ellen conhecia bem o temperamento da srta. Nick e me contou que sempre a achou uma jovem muito estranha.

– Sim – murmurou Frederica. – Acho melhor pensarmos nela assim. Apenas como uma moça muito estranha. Uma moça estranha que não sabia se controlar... É assim que vou tentar me lembrar dela, pelo menos.

Poirot pegou a mão da sra. Rice e a beijou com toda cortesia.

Charles Vyse pareceu incomodado.

– O processo não será nada agradável – falou. – Preciso pensar em algum tipo de defesa para ela, imagino.

– Creio que não será preciso – disse Poirot com um tom gentil. – Não se minhas suposições estiverem corretas – ele se virou de repente para Challenger. – Era nos relógios de pulso que o senhor escondia as drogas, não era?

– Eu... eu... – gaguejou o marinheiro, totalmente sem reação.

– Não tente me enganar com esse seu jeito de bom moço. Isso funcionou com o meu amigo Hastings aqui, mas não comigo. O senhor ganha um bom dinheiro com isso, não é mesmo? Traficando drogas. O senhor e o seu tio de Harley Street.

– Monsieur Poirot! – exclamou Challenger, levantando-se.

Meu pequenino amigo se limitou a encará-lo com um olhar tranquilo.

– Você é o "amigo" citado no bilhete. Negue o quanto quiser, mas o aconselho desde já a se apressar caso não queira que a verdade seja revelada à polícia.

Para o meu grande espanto, Challenger saiu pela sala como um raio. Fiquei boquiaberto, olhando para Poirot, que apenas riu.

– Eu não disse, *mon ami*? Seus instintos estão sempre errados. *C'est épatant*! [17]

– Então a cocaína estava no relógio...? – perguntei.

– Sim, sim. Foi dessa maneira que mademoiselle Nick conseguiu levar a droga para a clínica. E depois de usar tudo o que tinha na caixa de bombons, ela agora pediu o relógio da madame *que ainda estava cheio de cocaína*!

– Você acha que ela não consegue ficar sem a droga?

– *Non, non*. Mademoiselle Nick não é viciada. Ela cheira às vezes só por diversão e nada mais. Mas ela precisa da droga hoje por outro motivo. Ela pretende ter uma overdose.

– Então ela vai...? – gaguejei.

– É a melhor saída. Melhor do que ser enforcada, pelo menos. Mas não vamos falar sobre isso na presença de monsieur Vyse, que tanto preza pela lei e pela ordem. Oficialmente, não sei de nada. Estou fazendo apenas uma suposição quanto ao conteúdo daquele relógio.

– Suas suposições estão sempre certas, monsieur Poirot – disse Frederica.

– É melhor eu ir embora – declarou Charles Vyse, deixando a sala com uma postura fria de desaprovação.

Poirot olhou para Frederica e Lazarus.

– Vocês dois vão se casar agora?

– Assim que possível.

– Aliás, não sou uma viciada assim como o senhor pensa – defendeu-se Frederica. – Estou usando muito pouco. Acho que agora, com toda a felicidade que me espera, não vou precisar mais daquele relógio.

– Espero que tenha toda a felicidade do mundo, madame – desejou Poirot com um tom gentil. – Madame já sofreu demais. E, apesar de tudo isso, ainda tem um coração muito misericordioso...

– Vou cuidar dela – disse Lazarus. – Meus negócios não andam muito bem, mas acho que vou conseguir me reerguer. E, mesmo que não dê certo, acho que Frederica não se importará em ser pobre ao meu lado.

Ela balançou a cabeça para ele, abrindo um sorriso.

– Já está tarde – disse Poirot, consultando o relógio. Todos se levantaram. – Nós tivemos uma noite muito estranha nesta casa ainda mais estranha. Acho que ela tem mesmo um ar sinistro como Ellen disse...

Ele olhou para o quadro do velho Sir Nicholas.

Em seguida, Poirot puxou Lazarus para um canto, de repente.

– Peço que me desculpe, mas, de todas as minhas perguntas, restou apenas uma que ainda não consegui responder. Diga-me, por que o senhor ofereceu cinquenta libras a Nick por aquele quadro? Eu ficaria muito feliz em saber, só para que nada fique sem resposta, imagino que o senhor me entenda.

Lazarus olhou para ele com uma expressão vazia por alguns instantes e sorriu.

– Bom, monsieur Poirot – falou. – Sou um negociador de obras de arte.

– Exatamente.

– Esse quadro não vale mais que vinte libras. Eu sabia que, se oferecesse cinquenta a Nick, ela imediatamente suspeitaria da oferta e o levaria para ser avaliado por alguma outra pessoa. Ela acabaria descobrindo que eu havia oferecido muito mais do que ele valia e não desconfiaria de nada na próxima vez que eu fizesse uma oferta por algum outro quadro dela.

– Sim, mas por que isso?

– Aquele outro quadro ali na parede vale pelo menos cinco mil libras – informou Lazarus.

– Ah! Agora eu já sei tudo! – exclamou Poirot com um suspiro de alegria.

[1] Ainda não, isso me deixou curioso. (N.T.)
[2]* Eu me pergunto sem parar. O que seria? (N.T.)
[3] Paqueradora. (N.T.)
[4] Ah, mas que maldade! (N.T.)
[5] É isso o que não pode nos faltar! (N.T.)
[6] Grito típico usado pelos australianos para chamar a atenção. (N.T.)
[7] Chá de ervas. (N.T.)
[8] Resfriado. (N.T.)
[9] Pneumonia. (N.T.)
[10] Mas é claro! (N.T.)
[11] Não concorda? (N.T.)
[12] Isso é muito mais difícil! (N.T.)
[13] A vontade da mulher é a vontade de Deus. (N.T.)
[14] Para trás. (N.T.)
[15] Isso é impossível! (N.T.)
[16] Não mesmo. (N.T.)
[17] É incrível! (N.T.)

Agatha Christie
(1890-1976)

Agatha Christie é a autora mais publicada de todos os tempos, superada apenas por Shakespeare e pela Bíblia. Em uma carreira que durou mais de cinquenta anos, escreveu 66 romances de mistério, 163 contos, dezenove peças, uma série de poemas, dois livros autobiográficos, além de seis romances sob o pseudônimo de Mary Westmacott. Dois dos personagens que criou, o engenhoso detetive belga Hercule Poirot e a irrepreensível e implacável Miss Jane Marple, tornaram-se mundialmente famosos. Os livros da autora venderam mais de dois bilhões de exemplares em inglês, e sua obra foi traduzida para mais de cinquenta línguas. Grande parte da sua produção literária foi adaptada com sucesso para o teatro, o cinema e a tevê. A *ratoeira*, de sua autoria, é a peça que mais tempo ficou em cartaz, desde sua estreia, em Londres, em 1952. A autora colecionou diversos prêmios ainda em vida, e sua obra conquistou uma imensa legião de fãs. Ela é a única escritora de mistério a alcançar também fama internacional como dramaturga e foi a primeira pessoa a ser homenageada com o Grandmaster Award, em 1954, concedido pela prestigiosa associação Mystery Writers of America. Em 1971, recebeu o título de Dama da Ordem do Império Britânico.

Agatha Mary Clarissa Miller nasceu em 15 de setembro de 1890 em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Frederick, era um americano extrovertido que trabalhava como corretor da Bolsa, e sua mãe, Clara, era uma inglesa tímida. Agatha, a caçula de três irmãos, estudou basicamente em casa, com tutores. Também teve aulas de canto e piano, mas devido ao temperamento introvertido não seguiu carreira artística. O pai de Agatha morreu quando ela tinha onze anos, o que a aproximou da mãe, com quem fez várias viagens. A paixão por conhecer o mundo acompanharia a escritora até o final da vida.

Em 1912, Agatha conheceu Archibald Christie, seu primeiro esposo, um aviador. Eles se casaram na véspera do Natal de 1914 e tiveram uma única filha, Rosalind, em 1919. A carreira literária de Agatha – uma fã dos livros de suspense do escritor inglês Graham Greene – começou depois que sua irmã a desafiou a escrever um romance. Passaram-se alguns anos até que o primeiro livro da escritora fosse publicado. *O misterioso caso de Styles* (1920), escrito próximo ao fim da Primeira Guerra Mundial, teve uma boa acolhida da crítica. Nesse romance aconteceu a primeira aparição de Hercule Poirot, o detetive que estava destinado a se tornar o personagem mais popular da ficção policial desde Sherlock Holmes. Protagonista de 33 romances e mais de cinquenta contos da autora, o detetive belga foi o único personagem a ter o obituário publicado pelo *The New York Times*.

Em 1926, dois acontecimentos marcaram a vida de Agatha Christie: a sua mãe morreu, e Archie a deixou por outra mulher. É dessa época também um dos fatos mais nebulosos da biografia da autora: logo depois da separação, ela ficou desaparecida durante onze dias. Entre as hipóteses figuram um surto de amnésia, um choque nervoso e até uma grande jogada publicitária. Também em 1926, a autora

escreveu sua obra-prima, *O assassinato de Roger Ackroyd*. Este foi seu primeiro livro a ser adaptado para o teatro – sob o nome *Álibi* – e a fazer um estrondoso sucesso nos teatros ingleses. Em 1927, Miss Marple estreou como personagem no conto "The Tuesday Night Club".

Em uma de suas viagens ao Oriente Médio, Agatha conheceu o arqueólogo Max Mallowan, com quem se casou em 1930. A escritora passou a acompanhar o marido em expedições arqueológicas e nessas viagens colheu material para seus livros, muitas vezes ambientados em cenários exóticos. Após uma carreira de sucesso, Agatha Christie morreu em 12 de janeiro de 1976.

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: Peril at End House

Tradução: Otavio Albuquerque

Capa: designedbydavid.co.uk © HarperCollins/Agatha Christie Ltd. 2008

Preparação: Ana Laura Freitas

Revisão: Iriz Medeiros

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C479c

Christie, Agatha, 1890-1976

A Casa do Penhasco / Agatha Christie; tradução de Otavio Albuquerque. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET, v. 917)

Tradução de: Peril at End House

ISBN 978.85.254.2204-0

1. Romance inglês. I. Albuquerque, Otavio. II. Título. III. Série.

10-5745. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Agatha Christie™ Poirot™ A Casa do Penhasco, Copyright © 2011

Agatha Christie Limited (a Chorion company). All rights reserved.

Peril at End House was first published in 1932

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221.5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br